

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA

**RIZKALLAH JORGE TAHAN:
SEU PAPEL NA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO E
SEU LUGAR NA HISTÓRIA SOCIAL DA IMIGRAÇÃO
(1895-1949)**

**GUARULHOS
2013**

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA

**RIZKALLAH JORGE TAHAN:
SEU PAPEL NA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO E
SEU LUGAR NA HISTÓRIA SOCIAL DA IMIGRAÇÃO
(1895-1949)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em História
Orientação: Fernando Atique

**GUARULHOS
2013**

Geraissati Castro de Almeida, Renata.

Rizkallah Jorge Tahan: seu Papel na Urbanização de São Paulo e seu Lugar na História Social da Imigração (1895- 1949) / Renata Geraissati Castro de Almeida. – Guarulhos, 2013.

107 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

Orientação: Fernando Atique.

1. Urbanização. 2. Arquitetura. 3. Imigração .

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA
RIZKALLAH JORGE TAHAN:SEU PAPEL NA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO
E SEU LUGAR NA HISTÓRIA SOCIAL DA IMIGRAÇÃO (1895- 1949)

Trabalho de conclusão de curso apresentada à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em História
História: História do Urbanismo

Aprovação: ____/____/_____

Prof. Dr. Fernando Atique
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr.
Instituição

Prof. Dr.
Instituição

A Silvana,
minha mãe e eterna companheira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, ao professor e orientador Fernando Atique, por toda a generosidade de compartilhar conhecimentos, livros, instruções e tempo. Sua dedicação em me auxiliar nessa empreitada, mesmo com todos outros compromissos, reforçou o apreço que sinto diante de seu empenho perante os alunos.

A Mario Rizkallah, que foi extremamente acolhedor quando lhe propus a pesquisa. Obrigada por ter aceitado ser entrevistado e pelo enorme esforço que empreendeu para que eu tivesse acesso ao acervo pessoal de Rizkallah Jorge. Além das traduções que encomendou para que eu pudesse entender documentos que estavam em árabe.

Aos professores Stella Maris, Edilene Toledo, Fábio Franzini e André Machado, que ao longo da monografia nos provocaram, ofereceram questões e responderam às nossas dúvidas. E aos demais professores que contribuíram na minha formação acadêmica e fizeram com que eu me apaixonasse pela profissão de historiador.

Durante toda a graduação não faltaram momentos e motivos que fizeram com que eu desejasse desistir, porém o apoio de meus colegas e os momentos vividos com eles me deram ânimo para continuar, estes, dessa maneira, serão inesquecíveis em minha memória. Agradeço também a amigos de outros tempos, como a Mônica, pela paciência e palpitou na elaboração do trabalho.

Às pessoas que trabalham nas repartições pesquisadas, em especial, o Arquivo Municipal de São Paulo, o Arquivo do Piqueri, o Arquivo do Estado de São Paulo e o acervo do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo, além das bibliotecas consultadas. Obrigada pela paciência de me instruir e pela disponibilidade de indicar os documentos.

A meus pais Silvana e Carlos, que sempre me incentivaram e me apoiaram em todas as decisões. Aos meus avós, Sueli e Carlos, sem os quais esta família não seria possível. Obrigada à minha família por todos os momentos que vivemos juntos e que foram decisivos para eu ser quem sou. Ao meu namorado Hennan, o maior presente que a trajetória acadêmica me propiciou. Além das trocas de conhecimentos, agradeço pelo carinho e paciência ao longo dos anos.

Agradeço, enfim, a todos que participaram deste processo, tão importante na minha formação pessoal. Muito obrigada.

“De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas não tinha mais passado. Essa cidade brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos tentando entendê-la” (SEVCENKO, 2003, p.31).

RESUMO

Por meio de fontes textuais, orais e iconográficas a monografia reconstrói a trajetória de um expoente imigrante sírio-libanês com ascendência armênia Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949), tendo como foco suas intervenções no espaço urbano de São Paulo. Rizkallah desembarcou no porto de Santos em 1895 e, ao contrário da maioria dos imigrantes desta nacionalidade que se tornavam mascates ao chegarem no Brasil, trabalhou com a fundição de cobre, algo que já fazia em sua terra natal. Após três anos na capital paulista inaugurou a Casa da Boia, casa comercial baseada no comércio de elementos como “a boia sanitária”, o que permitiu seu enriquecimento e, conseqüentemente, endinheirado, a realização de uma série de obras nos centros “velho” e “novo” de São Paulo.

Palavras- Chave: Rizkallah Jorge, Arquitetura, Imigração, Sírio-Libanês, Armênio, Casa da Boia.

ABSTRACT

Through textual, oral and iconographic sources, this monography intends to reconstruct the trajectory of the immigrant of Armenian-Lebanese ancestry Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949). The research seeks to compile and analyze his interventions in the urban space of São Paulo. Rizkallah landed at the port of Santos in 1895 and unlike most of the immigrants of his nationality that became peddlers when arrived in Brazil, he choose to work with the copper smelter, which was already his professional activity in his homeland. After three years in the capital, he inaugurated the “Casa da Boia”, that was the main place to the commercial activity linked with the sanitation. The artifact "float" was a breakthrough for the paulista society that allowed its rapid proliferation and, consequently, the enrichment of Jorge Rizkallah, enabling it to carry out a series of works in the centers "old" and "new" of the capital.

Key words: São Paulo; Rizkallah Jorge; Architecture; Immigration; Syrian-Lebanese; Armenian, Casa da Boia.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1.INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. CAPÍTULO I - RIZKALLAH JORGE TAHAN: DA DECISÃO DE IMIGRAR E DA ESCOLHA POR SÃO PAULO | 14 |
| 2.1 O CRESCIMENTO DA CAPITAL | 14 |
| 2.2 SÃO PAULO E OS IMIGRANTES: SUA AFIRMAÇÃO NO ESPAÇO | 17 |
| 2.3 O CASO SÍRIO-LIBANÊS | 19 |
| 2.4 COMPREENDENDO RIZKALLAH JORGE TAHAN: SUA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE. | 25 |
| 2.5 O RETRATO SÍRIO-LIBANÊS E A TRAJETÓRIA DE UM PATRÍCIO | 30 |
| 3. CAPÍTULO II- SÃO PAULO EM TRANSFORMAÇÃO: VIDA, MELHORAMENTOS E NEGÓCIOS URBANOS NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX | 36 |
| 3.1 SÃO PAULO E O SURTO URBANO | 36 |
| 3.2 RIZKALLAH E A INSERÇÃO DE SUAS CONSTRUÇÕES | 41 |
| 4. CAPÍTULO III - ATIVIDADE NO MUNDO DOS NEGÓCIOS: CASA DA BOIA, NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS, BENEMERÊNCIA | 59 |
| 4.1 AMBIENTE ECONÔMICO | 59 |
| 4.2 RIZKALLAH E SUA INSERÇÃO EM DIVERSOS SETORES | 65 |
| 4.3 SEU PODER SIMBÓLICO E A ATIVIDADE FILANTRÓPICA | 72 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| REFERÊNCIAS | 80 |
| APÊNDICE A – | 84 |
| APÊNDICE B – | 86 |
| ANEXO A – | 90 |
| ANEXO B – | 94 |
| ANEXO C – | 96 |
| ANEXO D– | 100 |
| ANEXO E – | 105 |
| ANEXO F – | 106 |

1.INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas e bairros da cidade de São Paulo, uma das principais características que salta aos olhos é a diversidade presente nos mais variados aspectos: na fisionomia dos paulistas, na existência de bairros que são predominantemente habitados por determinadas etnias - como é o caso da Liberdade - e, talvez, como principal exemplo, a gastronomia, dentre os mais de 13 mil restaurantes da cidade estão representantes da culinária de mais de 55 etnias diferentes¹.

Em virtude da convivência de uma diversidade étnica tão grande dentro de um mesmo espaço - algo que não tem sido muito comum nos dias atuais - graças à crescente intolerância, a cidade parece oferecer um exemplo de convivência harmoniosa. Esta diversidade se deu pela interação de uma série de nacionalidades na capital paulista, que durante o processo migratório foi povoada por pessoas das mais variadas partes do mundo. A família da própria autora é composta por imigrantes que vieram de diversas locais, dentre eles alguns sírio-libaneses. Portanto, a pesquisa surgiu, em um primeiro momento, da vontade de conhecer as raízes de tantos descendentes de sírio-libaneses e seus apegos às tradições de seus locais de origem.

Apesar desta imagem de convivência harmoniosa, deve-se perceber que esta ideia é um tanto problemática. A imagem de cidade que a todos acolhia foi construída ao longo dos anos, fruto de um discurso que tentava imprimir marcas cosmopolitas à cidade e ao Estado de São Paulo. Veremos, entretanto, que este cosmopolitismo possuiu outras faces, nas quais o incentivo à imigração se inseria em virtude do fim da outrora lucrativa escravidão, bem como da política de embranquecimento atrelada à ideia de Modernidade. Portanto, nem todos os imigrantes eram bem vindos, e como propõe Sevcenko, a capital estava mais para um *Cativeiro da Babilônia*, que uma *Babel invertida*, como sugeriu um cronista da época.

¹Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/01/25/sao-paulo-completa-459-anos-com/print>> Acesso em 04/02/2013.

Portanto, os imigrantes que enriqueceram na cidade não foram vistos pelas famílias tradicionais com muito bons olhos².

A pesquisa que balizou a escrita desta monografia, mais que apenas analisar o processo migratório, pretendeu estudar a inserção do imigrante como um ator social na cidade que realizou uma série de modificações no espaço urbano. Estas modificações deixaram marcas que impactaram e influenciaram o cotidiano e o viver de toda a população. Um dos principais exemplos na linha de investigação aqui tomada é o edifício Martinelli, construído por um imigrante italiano, e toda a comoção pública, tanto da mídia, como dos cidadãos, em torno deste símbolo de poder de seu proprietário³.

Portanto, juntando o interesse pela colônia sírio-libanesa e o desejo de estudar a imigração e sua intervenção no espaço, escolheu-se como objeto de pesquisa Rizkallah Jorge Tahan, que em sua trajetória, tanto profissional quanto pessoal, atuou intensamente no mercado imobiliário, no ramo da construção civil salubre e higiênica e desempenhou uma série de atividades de urbanização na capital paulista. Procurou-se, dessa maneira, entender suas formas de viver na cidade e suas redes sociais, enxergando o homem que soube, diligentemente, construir um papel “positivo” junto às comunidades que frequentou e, conseqüentemente, criou representações de sua pessoa e negócios.

Com isso, percebe-se que para além do mito, estão aspectos de história social da arquitetura, do urbanismo da imigração que se entrelaçam e tornam o ator social em questão foco privilegiado de investigações. Posto isto, convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa foi de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.

Em virtude de seu objeto de estudo, as concepções de história estão inscritas no campo da História Social, concepção criada pelo grupo ligado à revista dos *Annales*. Com o surgimento desta *escola*, o campo da teoria histórica teve um alargamento em suas

² SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História*. São Paulo: Projeto, 1984.

dimensões, permitindo que se inserissem no campo historiográfico estudos que compreendessem não apenas os fatores políticos, mas também os fatores sociais e econômicos. Com esta movimentação no campo histórico, se tornaram possíveis novas interpretações históricas.

Estas novas interpretações propiciaram, também, um alargamento das fontes, uma vez que ao procurarem “dar voz” a novos personagens históricos, mobilizaram novas fontes, que iam além das produzidas pelo poder público, assim, documentos involuntários também passaram a serem estudados. As fontes ligadas à vida dos indivíduos se tornaram objetos de estudos para os historiadores, por exemplo, os saberes urbanos e os atores sociais envolvidos com as atividades de projeção e exploração urbanas, caso da monografia que se realizou.

A revista dos *Annales* teve também enorme relevância a outro aspecto da pesquisa, a História Urbana. Estes pesquisadores tiveram um papel central no despertar de interesse pelo urbano por parte dos historiadores. Fernand Braudel talvez seja o exemplo mais conhecido. Em sua obra, o fator geográfico, a cidade e espaço urbano desempenham um papel fundamental que irão fornecer elementos para suas interpretações sociais e econômicas.

Ao se propor um estudo sobre o espaço urbano, pretende-se mostrar que a cidade além de conter inscritos em seu ambiente o fator político e socioeconômico, é também ela mesma, produtora destes mesmos fatores. A série de construções materiais que compõem a cidade representam muito mais que aspectos técnicos e artísticos. As construções possuem dimensões físicas, simbólicas e ideológicas, que têm dinâmicas próprias, podendo ser alvo de pesquisas e problematizações históricas⁴. O objetivo da pesquisa realizada, dessa maneira, foi analisar o espaço construído interconectado com o espaço social, utilizando a cidade não como pano de fundo das relações sociais, mas também, como um artefato a ser estudado. Rizkallah com suas edificações não apenas influenciou materialmente na constituição

⁴ BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889**. São Paulo: EDUSP, 1999, p.17.

do espaço urbano paulista, mas também gerou nele representações de seu poder simbólico, que puderam ser vistas pelos que transitavam no centro da capital.

Portanto, para estas análises, a pesquisa buscou em arquivos, acervos e em bibliotecas documentos que retratassem a trajetória de Rizkallah Jorge como ator social atuante na história Urbana e da Arquitetura em São Paulo da primeira metade do século XX. Procurou-se compreender sua vida pessoal e a imagem construída em torno de si, uma vez que para entender tanto seus empreendimentos financeiros, quanto imobiliários, é imprescindível perceber o quanto estes elementos estão interligados. Para tal foram utilizados documentos textuais e iconográficos, em especial plantas e documentos pessoais.

Procurando contemplar todos os pontos listados acima, a monografia está dividida em 3 capítulos, além de introdução e considerações finais. Dessa maneira, circunscreveram-se os assuntos da seguinte forma: no capítulo I, intitulado “Rizkallah Jorge Tahan: da decisão de imigrar e da escolha por São Paulo”, é possível compreender tanto a trajetória de vida de Rizkallah, quando sua inserção no contexto migratório paulista e dos sírio-libaneses. Já no capítulo II, de nome, “São Paulo em Transformação: vida, melhoramentos e negócios urbanos na virada do século XIX para o XX”, será mostrado o ambiente de São Paulo e alguns projetos de melhorias nas regiões que se inseriram as edificações de Rizkallah, além da análise pormenorizada das mesmas. No capítulo III, batizado de “Atividades no Mundo dos Negócios: A Casa da Boia, negócios imobiliários e benemerência”, mostra-se como era o ambiente econômico do período em tela, e como Rizkallah Jorge, com toda sua diversidade de negócios, estava inserido nele. Outro ponto de destaque neste capítulo são suas atividade filantrópicas que serviram para afirmá-lo dentro da comunidade como uma figura de destaque, reafirmando seu poder simbólico.

Começemos conhecendo a trajetória de Rizkallah na capital e os aspectos que propiciaram com que este pudesse deixar diversas marcas na cidade.

“E agora apontai-me, janelas do Martinelli,
Calçadas, ruas ladeiras rodantes, viadutos,
Onde estão os judeus de consciência lívida?
Os tortuosos japoneses que flertam São
Paulo?
Os ágeis brasileiros do Nordeste? Os
coloridos?
Onde estão os coloridos italianos? Onde
estão os turcomanos?”

Dor, Mário de Andrade.

"Todas as cidades cresceram, e o salto mais espetacular se deu na capital do Estado de São Paulo. A razão principal desse salto se encontra no afluxo de imigrantes espontâneos e de outros que trataram de sair das atividades agrícolas. A cidade oferecia um campo aberto ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados "mestres italianos", aos profissionais liberais."
(Fausto, 2009, p.160)

2. CAPÍTULO I - RIZKALLAH JORGE TAHAN: DA DECISÃO DE IMIGRAR E DA ESCOLHA POR SÃO PAULO

2.1 O CRESCIMENTO DA CAPITAL

Pode-se afirmar que a cidade de São Paulo em fins do século XIX e início do século XX passou a assumir uma posição de destaque. Durante o período colonial, mais especificamente nos séculos XVII e XVIII, São Paulo serviu como entreposto colonial entre as regiões sul e norte, vivendo do dinamismo de seu mercado interno, não estando inserida, diretamente, no sistema colonial com a metrópole Portugal⁵.

Porém, com o desenvolvimento de um novo gênero agrícola, o café, as terras de Piratininga voltaram a ser centrais no cenário político brasileiro e se tornaram a base da econômica do país, gerando uma série de riquezas. O dinamismo que esta nova cultura deu à economia de São Paulo e os fatores associados a ela, como produção e escoamento, fizeram com que entre fins do século XIX e início do XX a cidade e a sociedade paulista passassem por um momento de grandes transformações.

A maior parte das transformações sofridas pela cidade foram impulsionadas por ocorrências no mundo do trabalho, já que no âmbito econômico, após a abolição, os cafeicultores paulistas perderam grande parte de sua força produtiva, o que os levou a realizarem a passagem do trabalho escravo para o livre. Esta transição, também explorada em termos capitalistas, promoveu incentivos à imigração, sobretudo na forma de colonato.

A cultura cafeeira exigia uma quantidade muito grande de mão-de-obra, e a proibição da importação de escravos em 1850 se tornou um entrave aos cafeicultores, que não podiam importar mais escravos do mercado externo, isto é da África. O primeiro recurso adotado pelos fazendeiros do café foi importar os escravos no mercado interno, de províncias como Pernambuco, Bahia e Ceará, que estavam em decadência uma vez que o açúcar havia

⁵BLAJ, Ilana. **A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727)**. Tese de doutorado, USP, 1995, p. 30.

perdido seu espaço no mercado mundial. Em um primeiro momento a necessidade de trabalhadores foi sanada por uma importação interprovincial⁶.

As sucessivas pressões internacionais por meio de investimentos, o decréscimo demográfico da população negra, tanto em consequência da Guerra do Paraguai, - episódio em que diversos negros morreram -, como também pelo envelhecimento, faziam com que o número de escravos já não fosse suficiente para a manutenção do sistema cafeeiro. Somados aos projetos de branqueamento da sociedade e ao movimento abolicionista, houve, cada vez mais aumento das contradições entre o trabalho livre e o trabalho escravo. O desfecho deste cenário aconteceu em 1888, momento em que estas contradições se tornaram insustentáveis e foi declarada a abolição da escravidão. A questão da mão de obra necessitou de algumas saídas, de fato já praticadas, mas que sofreram um aumento como a importação de mão de obra via imigração assistida.

Neste contexto, a imigração foi a resposta para lidar com as questões do momento, já que além de resolver o problema da força produtiva, propiciaria, também, o branqueamento da sociedade, o que fez com que algumas nacionalidades fossem privilegiadas em detrimento de outras, pode-se notar que desde principio se preferiu o imigrante europeu, e outros como os asiáticos foram vistos como um disfarce de escravidão⁷.

O processo de incentivo à imigração se deu concomitantemente à decadência da escravidão. Antes mesmo da abolição foram criadas leis em São Paulo que incentivavam a imigração. A autora Paula Beiguelman retrata todo este processo, mostrando que desde 21 de fevereiro de 1881 com a lei a n°36, que consignava um valor para o pagamento das passagens para os imigrantes, os cafeeiros já viam a imigração como um fator para diversificar a mão de obra. A autora também levanta outros pontos que corroboram esta ideia, por exemplo, a construção de uma hospedaria e o surgimento de uma Sociedade Promotora de Imigração, em 1886⁸.

⁶BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.62.

⁷Ibidem. p.64.

⁸BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.64.

Estes imigrantes, porém, não vão se restringir apenas ao mundo rural, já que muitos destes, após passarem por um período nos cafezais irão para os centros urbanos, que apresentam muitas oportunidades, pois estão em crescimento tanto pelos recursos do café, quanto pelo aumento demográfico que

consequentemente gera um aumento do mercado consumidor. Os fazendeiros ao subvencionarem novos imigrantes, alimentaram assim, esse processo.

As modificações não irão se restringir apenas ao âmbito econômico. O café deixará marcas também no âmbito social. A inauguração de ferrovias para seu escoamento, e os lucros obtidos com sua exportação irão propiciar o desenvolvimento de vários setores da economia, que se evidenciarão nas mansões dos barões fazendeiros, nas crescentes construções urbanas em suma: na tentativa de modernizar a cidade. A modificação do urbano e a difusão das artes, tanto na capital quanto nas novas e velhas cidades fundadas no interior, se dará em decorrência clara dos melhoramentos urbanos que visavam por meio da diversificação dos investimentos econômicos, evitar que os investidores perdessem grande parte de seus recursos empregados na lavoura. Por isso, haverá, claramente, uma vontade de modernização, que irá alterar as formas de morar, de construir e de sociabilizar. Fatores que iriam levar a capital da Província, e algumas outras cidades paulistas e do mundo, a se equiparem “com



Figura 1 - Vistas externas do alojamento da Hospedaria do Imigrante.

Fonte: Acervo Memorial do Imigrante.



Figura 2 - Imigrantes e as Ferrovias em São Paulo, 1907.

Fonte: Acervo Memorial do Imigrante.

redes de distribuição de água, de captação de esgotos, de iluminação a gás e de transportes coletivos⁹”. Neste momento estava posta uma mudança irremediável para a capital paulista.

2.2 SÃO PAULO E OS IMIGRANTES: SUA AFIRMAÇÃO NO ESPAÇO

Ao se pensar as transformações pelas quais passou a cidade de São Paulo durante os séculos XIX e XX não se pode negar que um elemento foi imprescindível nesta conjuntura, o imigrante, que foi importante não apenas para a capital, mas para a América como um todo. Este continente recebeu só entre os anos de 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de pessoas que saíram de seus locais de origem buscando melhores condições de vida. Dentro deste processo, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu imigrantes, com 2,9 milhões de pessoas¹⁰. Diversas nacionalidades aportaram aqui, entre elas, as que mais se destacaram segundo dados do IBGE, foram, respectivamente, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, alemães e sírios-turcos.

Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, algo por volta de 57,7% foram acolhidos por São Paulo. Para o autor Boris Fausto a preferência por este local pode estar vinculada às facilidades concedidas pelo Estado, tais como passagem e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão¹¹. Estes, em sua maioria, vieram para trabalhar na lavoura de café, algo em torno de dois terços, uma vez que esta demandava uma grande força de trabalho, porém os imigrantes não se restringiram a apenas este setor.

Os italianos foram o grupo mais numeroso no Estado, em sua grande maioria vieram para trabalhar nas plantações de café, pois teriam os custos da viagem subvencionados. Estes foram seguidos pelos portugueses que se concentraram majoritariamente na capital, tendo apenas alguns poucos se destinado à agricultura. Já os espanhóis e japoneses,

⁹ PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX– da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998.

¹⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p.22.

¹¹ FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.156.

preferiram se dirigir a pequenas cidades do interior e os sírio-libaneses, desde sua chegada, optaram majoritariamente por viver na capital, constituindo também uma imigração espontânea, já que o governo não subsidiava pessoas que não fossem trabalhar nas fazendas¹².

Os fatores que impulsionaram a maioria destas imigrações para São Paulo são na maioria das vezes, os mesmos: a pobreza do local de origem e a esperança da facilidade de obtenção de terras na América. Porém, os locais em que se instalaram e as atividades que exerceram no momento de sua chegada parecem em um primeiro momento indicar que os mesmos preferiram se manter em setores com os quais estavam habituados em seus locais de origem. Percebe-se que a despeito do imigrante estar inserido também no meio urbano, a primeira imagem que temos é no meio rural. Atualmente, uma série de estudos têm tentado mudar estas características, realizando pesquisas sobre a presença destes “estrangeiros” no meio urbano¹³.

No campo cultural muitas vezes a atuação do imigrante também é esquecida, uma vez que, amplamente, se privilegia seu impacto no campo econômico, por meio de estatísticas e de estudos de suas atividades no comércio e na indústria, mostrando, por este viés, sua importância para o desenvolvimento do país. Este fator é sim importante, porém não foi o único influenciado pela imigração, que deixou marcas também no cotidiano da cidade.

A mistura dos povos se fez presente nos diversos sotaques paulistas, na gastronomia, na literatura e, notadamente, na arquitetura com novas formas de morar e construir, que irão gerar novas formas de apropriação da cidade. Não apenas o fator econômico é importante, mas também suas redes sociais formadas no local para onde migram, as formas de viver e as transformações que exercem na paisagem urbana também. Este estudo tem por objetivo mostrar uma destas colônias: a dos imigrantes sírio-libaneses e um pouco de sua contribuição à paisagem urbana da cidade de São Paulo.

¹² FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.162.

¹³ Pesquisas recentes concatenadas em torno do projeto Temático “Os Estrangeiros e a Construção da Cidade”, transcrito em diversas unidades da USP, têm ajudado a rever e ampliar esta análise. Ver LAINA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. **São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

2.3 O CASO SÍRIO-LIBANÊS

Passados 132 anos do considerado marco inicial da imigração sírio-libanesa ao Brasil, poucos trabalhos tem como tema a história deste povo. Apesar de serem menos expressivos numericamente que os italianos, portugueses, alemães e espanhóis, os sírio-libaneses contribuíram no desenvolvimento de algumas regiões de São Paulo, como, por exemplo, da área mais conhecida, conformada pelas ruas, 25 de Março, Cantareira e a Avenida do Estado¹⁴. Um observador, em 1940, escreveu sobre a concentração desses imigrantes nesta região,

“Onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora, e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se, constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do País¹⁵”.

Além disso, a imagem desta comunidade está marcada no imaginário da população por suas atividades comerciais, que foram exercidas ao longo de todo país. Existem diversos personagens da literatura que corroboram esta imagem, por exemplo, no romance de Jorge Amado, “Gabriela, Cravo e Canela”, o personagem Nacib, de origem sírio-libanesa, é um comerciante estabelecido em Ilhéus, Estado da Bahia, conhecido pela população como o turco que possui uma “lojinha que vende baratinho¹⁶”.

O romance mostra a profissão que a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil exerceram: a de mascates, e que depois se tornavam proprietários de comércio. Estes mascates se estabeleceram em todo o país, porém foi o Estado de São Paulo que atraiu a

¹⁴ Ver a respeito **Memória Urbana**: a grande São Paulo até 1940, editado pela EMPLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

¹⁵ ARAUJO, O. E. de. Enquistamentos étnicos, *Revista do Arquivo municipal de São Paulo*, n 6. p231, mar. 1940, In: TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 49.

¹⁶ AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

maior parte destes: 38,4% em 1920¹⁷ e 49,2% em 1940¹⁸, seguido do Distrito Federal e de Minas Gerais.

Apesar de terem se estabelecido no comércio, ao chegarem à capital, a maioria destes imigrantes eram agricultores no local de origem, porém o que explica esta diferença de profissões do local de origem para o local de chegada é que a forma de produção agrícola brasileira era em muito diferente da realizada no Oriente Médio.

Aqui, predominavam os latifúndios, enquanto lá, as propriedades familiares eram maioria. Outro fator que afastou estes imigrantes da agricultura, segundo Knowlton¹⁹ foram as redes de informação que destacavam as condições precárias que os imigrantes eram submetidos no campo. Truzzi pontua que o fato de virem sem recursos fazia com que ser



Figura 3 - Charge retratando os mascates, 1910.
Fonte: Revista “A Lua”.

¹⁷Recenseamento 1920. Ver: **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

¹⁸Recenseamento 1940. Ver: **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

¹⁹KNOWLTON, C. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhembi, 1961.

proprietário de terra fosse algo muito distante de sua situação, isto seria possível apenas duas gerações posteriores às suas²⁰. Sendo assim, se estabelecer no comércio foi, em um primeiro momento, a escolha mais plausível a estes imigrantes que se estabeleceram na capital em fins do século XIX.

Não podemos dizer que o comércio fosse uma atividade distante, uma vez que o território de onde vieram correspondia à localização da antiga Fenícia. A situação geográfica destas terras, cercadas pelo mar e pelas montanhas fizeram com que os fenícios se desenvolvessem no comércio em lugar da agricultura, portanto, verifica-se que a tradição comercial sírio-libanesa já existia antes de seu estabelecimento no Brasil. O fator geográfico não influenciou apenas no desenvolvimento do comércio, para o antropólogo Jean Sallem, este elemento foi decisivo, também para o processo migratório. Sua tese é de que os aspectos geográficos influenciaram no surgimento de características psicológicas como a flexibilidade e mobilidade, bem como a manutenção e permanência dos costumes²¹.

Para além da tradição comercial, o investimento inicial na profissão de mascate era baixo já que começavam vendendo miudezas:

“De início, operavam nas ruas da Capital, fornecendo objetos leves e baratos: pentes, colchetes, botões, agulhas, linhas, perfumes, sabonetes, fitas e roupas de baixo. Depois, com experiência e algum domínio da língua, expandiam suas atividades ao interior (...).²²”.

Houve também outros fatores que foram decisivos para o sucesso dos mascates: o aumento do mercado consumidor com o crescimento demográfico, a flexibilidade material, uma vez que podiam se locomover para diversos lugares vendendo seus produtos, que eram mercadorias fáceis de transportar, e a necessidade que as pessoas tinham de seus produtos.

A maioria dos sírios-libaneses conseguiu acumular uma quantidade grande de capital já que desde o início preferiram adotar um sistema de vender barato para vender muito e

²⁰TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec.

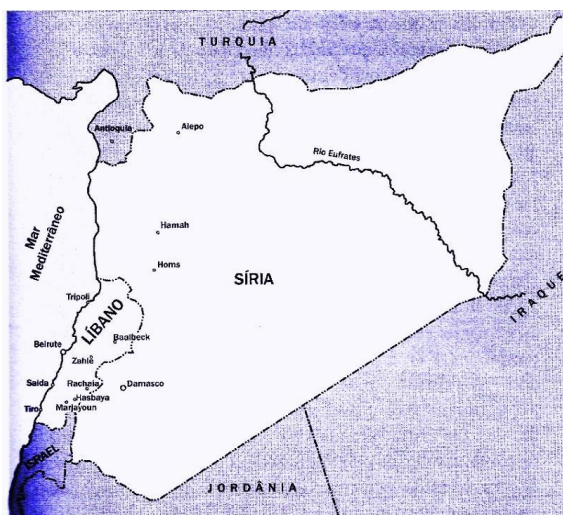
²¹SALLEM Jean. **O Povo Libanês**: ensaio de antropologia (Tradução Antoine Boueri) São Paulo: Editora Van Grei.

²²HALL, Michael. **Imigrantes na cidade de São Paulo**. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade na primeira metade do Século XX. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.141.

eram bastante econômicos em seu cotidiano, conseguindo acumular capitais apreciáveis²³. Por meio da acumulação de capital conseguiram adquirir capital para comprar propriedades e estabelecerem seu comércio, geralmente no ramo de armazéns, em um local fixo. As propriedades adquiridas usualmente se concentraram em bairros de grande fluxo populacional em São Paulo, por exemplo, nos bairros centrais perto das estradas de ferro, local de desembarque de um grande fluxo de pessoas. Isto beneficiaria tanto a venda de seus produtos quanto facilitaria o recebimento das mercadorias.

Percebe-se que a atividade desenvolvida pelos imigrantes sírio-libaneses era contrária aos projetos que a sociedade possuía para a emigração, uma vez que viriam para trabalhar no setor comercial não resolveriam: “o problema do braço agrícola, não era conveniente ao país. A imigração síria está nestas condições e é preciso dizê-lo sem reservas, pois as ideias não se misturam com interesses e conveniências²⁴”. Como visto anteriormente, a imigração deste grupo também era prejudicial aos projetos de embranquecimento propostas pelas elites brasileiras defendendo a imigração de trabalhadores europeus, considerando os “árabes” como indesejáveis.

Logo ao contrário do que se desejava, uma imigração rural, a imigração sírio-libanesa foi majoritariamente destinada a ambientes urbanos e formada principalmente por homens solteiros. Os registros de entrada dos imigrantes pelo porto de Santos corroboram essa afirmação. Os sírio-



Líbano e Síria – fronteiras e principais cidades

Figura 4 - Líbano e Síria – fronteiras e principais cidades. Durante período que Rizkallah veio ao Brasil tudo pertencia ao Império Otomano.

Fonte: Roberto Khatlab, *Brasil-Líbano. Amizade que desafia a distância*. Bauru; SP: EDUSC, 1999, p.23.

²³ DUOUN, T. *A imigração sírio-libanesa às terras da promessa*. São Paulo: Árabe, 1944, p.115.

²⁴ AMARÍLIO JÚNIOR. *As vantagens da imigração síria no Brasil*. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935, p.39.

libaneses são o grupo que apresenta maiores porcentagens de solteiros (63,58%), do sexo masculino (69,69%) e de avulsos (56,07% sem família), comparando com as outras principais etnias no período de 1908-1939²⁵.

Alguns fatores impulsionaram a vinda destes homens ao Brasil. Em primeiro lugar está a precária condição econômica a que estavam submetidos em sua terra natal, mas também, elencam-se fatores políticos e religiosos.

Durante o século XX o governo turco tomara medidas impopulares incitando que as religiões ficassem umas contra as outras, ocasionando em 1861 o massacre de muitos libaneses cristãos. Não se pode esquecer que entre estas comunidades a religião possui um papel central, estando presente nas mais variadas dimensões



Figura 5 - Passaporte de Rizkallah constando a nacionalidade de “turco”.

Fonte: Arquivo Casa da Boia.

da vida, ultrapassando a natureza espiritual. A perseguição religiosa levava muitas famílias cristãs libanesas e sírias a abandonar o Oriente e migrar.

Dessa maneira, pode-se expor que o uso da expressão sírio-libanês se dá pelo fato de que até 1926 quando a República do Líbano foi criada, tanto Síria quanto Líbano estavam em um mesmo território, a grande Síria. Como Rizkallah Jorge veio para o Brasil em 1895, sua origem ainda era “turca”, pois ainda faziam parte do Império Turco-Otomano, depois da separação passaram a ser denominados sírio-libaneses. Segundo Gattaz, a imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes, no Brasil.

²⁵SECRETARIA de Agricultura do Estado de São Paulo. Boletim de Serviços de Imigração e Colonização, nº2 out. 1940.

O impacto destes homens e mulheres na cidade de São Paulo será estudado por meio de um de seus representantes que até o presente momento não possui nenhum estudo acadêmico: Rizkallah Jorge Tahan nascido na cidade de Aleppo, norte da atual Síria, em 1867, que como tantos outros conterrâneos, migraram para o Brasil, por fatores econômicos-demográficos e sociais.

Assim, o objeto deste estudo pode colaborar com a tarefa de mostrar que, para além dos aspectos econômicos da atividade comercial de Rizkallah Jorge Tahan, sua contribuição se deu também na paisagem da cidade, por meio de construções, que, em alguns casos, se mantêm até hoje. Ao se propor um estudo sobre Rizkallah Jorge Tahan, procura-se estudar o empreendedor urbano, que se envolveu com negócios imobiliários, com empresas ligadas ao ramo da construção civil salubre e higiênica e que soube construir um papel “positivo²⁶” junto às comunidades que frequentou. Com isso, percebe-se que para além do mito, estão aspectos de história social da arquitetura, do urbanismo e da imigração que se entrelaçam e tornam o ator social em questão foco privilegiado de investigações. Convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa vai de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.



Figura 6 - Retrato Rizkallah Jorge.
Fonte: Acervo da Casa da Boia.

²⁶ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a.

2.4 COMPREENDENDO RIZKALLAH JORGE TAHAN: SUA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE.

Como tantos imigrantes, Rizkallah Jorge também veio a São Paulo buscando melhorar sua vida. Ele almejava que sua vinda ao Brasil propiciasse uma melhora de condições sociais para sua família, porém, mais importante que os fatores que propulsionaram sua decisão de migrar estão os fatores que influenciaram sua vivência e permanência na capital. Sua trajetória de vida e a posição de destaque adquiridas nas comunidades que frequentou dão indícios destes fatores.

Nascido em 14 de maio de 1867 na cidade Aleppo, norte da atual Síria, Rizkallah Jorge perdeu sua mãe quando tinha oito meses. Seu pai no entanto por ocasião do falecimento de sua esposa, quanto por um fator econômico - a grande concorrência na fundição de cobre - sua área de atuação, decide por se mudar para Homs, fazendo com que Rizkallah fosse criado até os cinco anos por sua avó paterna²⁷.



Figura 7 - Família de Rizkallah no Brasil, mostrando sua importância enquanto núcleo desta.

Fonte: Revista “Al-Kálimah”.

Em 1882 seu pai retornou a Aleppo e casou-se novamente, levando o pequeno Rizkallah para morar consigo. Esta convivência com seu pai fez com que aprendesse a técnica da fundição de cobre, elemento decisivo para o estabelecimento de seu comércio em São Paulo.

Após a morte de seu pai, e seu casamento em 1895, com Zakie, filha de Mardo Naccache - um parente - Rizkallah se tornou o núcleo de sua família em Aleppo, sendo o responsável por sua manutenção. Esta característica poderá ser observada ao longo de toda

²⁷ Biografia feita por Farés Dábage. IN: “AL-Kálimah” São Paulo, 25/08/1934. Dábage conta que para escrever a biografia teve como base os 15 anos de convivência com Rizkallah, período em que ficou sabendo de diversos fatos da vida deste.

sua vida, por exemplo, no fato de construir três casas junto da sua na Avenida Paulista para seus três filhos, numa tentativa de reunir sua família num mesmo espaço.

Após seu casamento, sua situação financeira se tornou ruim e as notícias sobre o enriquecimento na América fizeram-no decidir emigrar sem avisar nenhum de seus familiares, deixando lhes apenas um bilhete para lerem depois que já tivesse partido. Com apenas seis meses de casado tomou um vapor até Trípoli e um vapor francês com direção ao Brasil, desembarcando no Porto de Santos e seguindo viagem com seus companheiros à cidade de São Paulo²⁸.

Sua trajetória na capital foi bastante singular. Ao contrário da maioria dos imigrantes de mesma procedência que chegavam à cidade e se envolviam com a comercialização de tecidos e outros objetos, tornando-se, assim, mascates, Rizkallah Jorge procurou uma profissão que se adequasse à atividade que exercia em sua terra natal: a fundição de cobre. Isto mostra uma peculiaridade deste imigrante dentro do grupo de sírio-libaneses que imigraram ao Brasil, pois a grande maioria destes homens eram camponeses analfabetos, já este sabia ler, escrever²⁹ e era um artesão bem posto em sua sociedade de origem, algo que era notado dentro da comunidade aqui fixada e que foi explorado por ele como fator de distinção social e de capitalização³⁰.



Figura 8- Funcionários Trabalhando na Casa da Boia.
Fonte: Arquivo Casa da Boia.

²⁸ Biografia feita por Farés Dábague. IN: “AL-Kálimah” São Paulo, 25/08/1934.

²⁹ Existe uma outra versão quanto a esta informação no depoimento de sua nora Maria DermargosRizkallah no livro Memória da Imigração. Neste a depoente diz “Meu sogro era inteligente, não tinha estudo, não sabia nada, nem árabe nem francês, nem nada; ele veio para cá sem nada, aprendeu a falar o português depressa.” GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração:** libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998, p. 419.

³⁰ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a.

Após três anos no Brasil Rizkallah Jorge inaugurou seu primeiro empreendimento: uma fábrica de cobre, popularmente conhecida como Casa da Boia, situada na Rua Florêncio de Abreu 123, considerado um dos empreendimentos mais antigos e tradicionais no comércio de metais da cidade de São Paulo³¹. Sua história na Casa da Boia seria de muito sucesso. O local, existente até os dias de hoje, e é um dos mais famosos exemplares do ecletismo arquitetônico na capital paulista e foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo em 1992, passando por um restauro em 2008. Originalmente, o andar térreo possuía funções comerciais e o pavimento superior servia de moradia ao proprietário³², que ali permaneceu entre a virada dos séculos XIX e XX.

Com a inauguração de seu primeiro estabelecimento e por já estar em uma situação financeira estável Rizkallah pôde ainda no ano de 1898 trazer sua esposa, tendo com esta três filhos nascidos no Brasil, sendo: Jorge, o mais velho, Nacib, o do meio e Salim, o caçula. Em 1919 se mudou com a família para a mansão, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra.



Figura 9 - Filhos de Rizkallah.
Fonte: Revista “Al-Kálimah”.

Na área econômica nas décadas sucedâneas, Rizkallah Jorge, entre os anos 1925 e 1930 construiu pelo menos seis grandes imóveis na capital³³. Estes edifícios erigidos lhe renderam uma representação social no tecido urbano da cidade, se tornando uma manifestação visual de seu poder. Todas essas construções estavam de acordo com os estilos arquitetônicos vigentes, esmaecendo a ideia recorrente na historiografia

³¹ PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007, p.88.

³² TIRAPELI, Percival. **São Paulo Artes e Etnias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p.159.

³³ Os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e 1928 Palacete Aleppo³³, na Rua Carlos de Souza Nazaré; um prédio no número 92,93, 157 na Rua Florêncio de Abreu; um prédio, no número 1003, da Rua 25 de Março.

arquitetônica de que os imigrantes procuravam construir locais que lembrassem sua pátria de origem por saudosismo ou necessidade de afirmação na sociedade brasileira³⁴.

Entre os anos de 1910 e 1940 será proprietário da Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma oficina de concertos mecânicos. Suas atividades comerciais não se esgotarão no comércio, ele também atuará importando cargas e alugando imóveis³⁵.

Esta gama de atividades encontradas na trajetória de Rizkallah Jorge parece encontrar paralelo com a própria quantidade de comunidades estrangeiras com as quais manteve laços. Ele também contribuiu com comunidade armênia doando um terreno e dinheiro para a construção da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, em 1938³⁶, e novamente em 1949, uma vez que a antiga é desapropriada pela prefeitura. No ano de 1921 ajudou a coletividade síria na construção do Hospital Sírio e contribuiu para a fundação do Clube Sírio Libanês. Doou para campanha de Solidariedade



Figura 10 - Placa em homenagem a doação a Revista “Al- Kálimah”.
Fonte: Revista “Al- Kálimah”.

Contra a Leprosos os custos para a construção de um prédio destinado à obra comunitária e também o dinheiro para a construção do prédio principal do Clube Sírio, que tem seu nome gravado na fachada³⁷. Portanto fica evidente que Rizkallah Jorge foi importante também para os círculos sociais destas comunidades. O mesmo escreve em telegrama “A melhor filantropia é aquela que é feita, em primeiro lugar, aos familiares³⁸”, se referindo ao fato de preferir ajudar a seus pares.

Essa vivência entre sírios, armênios e libaneses é explicada por sua genealogia. Nascido em Aleppo na Grande Síria, região que durante o Império Otomano compreendia

³⁴Disponível em: <http://www.anba.com.br/noticia_especiais.kmf?cod=10268864> Acesso em 04/02/2013.

³⁵ Recibos, contratos e notas fiscais de seu acervo pessoal situado na Casa da Boia atestam estas atividades.

³⁶ Reportagem Folha de São Paulo 20 de março de 1937.

³⁷ O acervo da Casa da Bóia contém recibos e cartas que se referem a estas doações.

³⁸ Carta de 28/06/1934. IN: Revista “Al- Kálimah”

as regiões do Líbano, Síria, Jordânia, Israel e territórios da Palestina, Rizkallah Jorge era de família de origem armênia por isto o sobrenome Tahan. Esta origem tanto sírio-libanesa quanto armênia fez com que este transitasse no Brasil entre as duas comunidades³⁹.

Rizkallah continuará conectado com sua “pátria”: retornou a Aleppo, em 1911, para uma viagem, quando doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires e a verba para a construção de uma torre, novamente em 1921 quando foi realizado o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos, que lhe deram cinco netos. O imigrante também se ligava à região por meio da benemerência doando em 1916 ao prefeito de Aleppo, Bei Ghaleb Katraghássi 2500 francos, para que este distribuísse comida à população da cidade, que estava sofrendo com a Primeira Grande Guerra. Em 1934, doou a Associação “Al-Kálimah” mil libras otomanas e recebeu a medalha de mérito do Governo sírio.

Sua importância à pátria de origem se dará também no fato que entre os anos de 1920-1930 muitos dos imigrantes que fugiram dos massacres se hospedaram em sua casa enquanto não tinham condições de sobreviver na cidade. Michel Necessian conta que ao chegarem a São Paulo Rizkallah abrigava aos patrícios num casarão de três andares que possuía na esquina da Rua Anhangabaú com a Barão de Duprat⁴⁰.

Em fins da década de 20 seu filho Nagib casou-se com Olga, filha de Taufik Casmie, tendo com ela dois filhos. No ano de 1928 recebeu o certificado de naturalização e realizou



Figura 11 - Certificado de naturalização, 1928.

Fonte: Arquivo Casa da Boia.

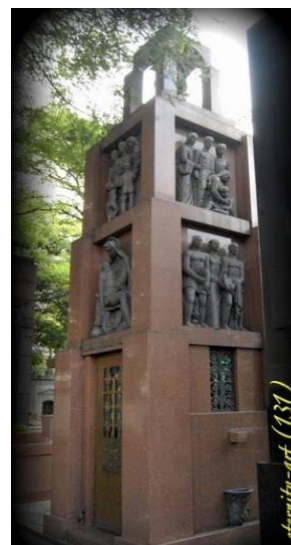


Figura 12 – Túmulo de Rizkallah.

Fonte: Eternity Art Blog.

³⁹ Isto pode ser percebido em suas benemerências que iam desde doações a sua cidade na Síria, quanto a construção da Igreja São Jorge para a Comunidade Armênia.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.cao.org.br?rizkallahjorge.aspx>> Acesso em 04/02/2013.

uma película mostrando a Casa da Boia⁴¹, sua família e suas obras, tais como o Palacete São Jorge. O filme, possivelmente foi uma tentativa de preservar seu legado para a comunidade em São Paulo.

Em 14 de junho de 1949 sua trajetória de sucesso na capital teve fim, o filantropo recebeu uma série de homenagens após sua morte das diversas instituições que colaborou, entre elas, o Orfanato Lar Sírio e a Igreja São Jorge⁴². Ele foi enterrado no cemitério da Consolação, sendo seu túmulo mais um monumento que perpetua seu nome e legado. O túmulo possui inscrições em árabe que remetem a sua origem e demonstram sua religiosidade, bem como esculturas que representam a cidade de São Paulo, a indústria que desenvolvia na cidade, além de, motivos religiosos e a imagem da Igreja São Jorge⁴³.

2.5 O RETRATO SÍRIO-LIBANÊS E A TRAJETÓRIA DE UM PATRÍCIO

A estimativa é que haja 10 milhões⁴⁴ de sírio-libaneses no Brasil e 1 milhão⁴⁵ apenas no Estado de São Paulo. O legado desses povos árabes à cultura brasileira pode ser visto ao encontrarmos em todos os bares do Estado São Paulo quibes e esfihas, mostrando sua incorporação à cultura da população brasileira. Porém, apesar do contingente de sírio-libaneses no Brasil existem poucos estudos acadêmicos que tratam desta comunidade. Jamil Safady escreve sobre os trabalhos que tratam deste tema são, geralmente, os

“que visam elogio a certas camadas de ricos ou que se destinam a fins puramente pessoais. O conjunto destes trabalhos pode fornecer material de estudo, pois, representam diferentes correntes de opinião e que registram fatos interessantes. Não apresentam um cunho científico.⁴⁶”

⁴¹ O original deste documento se localiza no Acervo da Casa da Boia.

⁴² Estado de São Paulo, 21/06/1949 e 19/06/1949, respectivamente.

⁴³ Disponível em: <http://eternity-art.blogspot.com.br/2009/12/rizkallah-jorge-tahanian-arte-tumular.html>
Acesso em: 04/02/2013.

⁴⁴ Revista da Folha, ano 9, n. 488, 23 out. 2001, p.8.

⁴⁵ RevistaVeja São Paulo, 5 fev. 2003

⁴⁶ SAFADY, Jamil **Panorama da Imigração Árabe**São Paulo: Ícone Editora ComercialSafady LTDA. 1973.

Dessa forma, fica clara a necessidade de produções acadêmicas que contribuam para o estudo do tema e que mostrem que os aspectos da cultura “árabe” não foram apenas incorporados pela sociedade brasileira, mas também os imigrantes incorporaram a cultura brasileira, sendo assim houve uma enorme circularidade cultural, que deu condições para que a maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil escolhessem por permanecer aqui. Por toda a enorme contribuição desta colônia e o imaginário popular criado em torno dela, sua importância na formação brasileira é inegável.

Um dos autores a tratar desta temática, Oswaldo Truzzi oferece algumas hipóteses sobre o porquê a cultura brasileira assimilou tão bem a cultura árabe e vice-versa. Para o autor, a fácil assimilação dos árabes pode ser atribuída às suas conquistas na Península Ibérica que duraram quase oito séculos, propiciou que os dois povos estabelecessem uma ligação anterior. Logo, os colonizadores que vieram à América já traziam consigo diversos aspectos da cultura árabe, tanto na música, arquitetura, como em aspectos de higiene e na culinária, como o uso do café⁴⁷.

Os imigrantes sírio-libaneses possuem ao seu redor uma série de imagens cristalizadas, que são produzidas e corroboradas tanto pela literatura, quanto pelos estudos acadêmicos que tratam da imigração e dos imigrantes sírio-libaneses. Estas imagens talvez possam ser representativas se analisarmos o processo migratório como um conjunto, isto é, se analisarmos o processo macro da imigração, tendo como fontes as estatísticas de, por exemplo, o número de imigrantes desta nacionalidade que exerceram determinadas profissões, que ascenderam socialmente, porém, esta pesquisa segue por um caminho distinto deste. Ela procura, por meio de uma análise do particular, realizar uma aproximação com o indivíduo enxergar seu cotidiano e os detalhes de sua trajetória pessoal, além de outros fatores que só serão percebidos se examinados detalhadamente. Para alguns historiadores é apenas no particular que podemos “captar o concreto possível dentro deste fluir, pois é no concreto, enquanto processo social, que se pode traduzir a mudança e seus

⁴⁷TRUZZI, O. M. S.. Verde, amarelo, azul e mouro. *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 46, p. 18-21, 2009.

dinamismos⁴⁸”. Portanto, estas imagens que mostram determinados modelos e padrões podem ter um significado dentro do processo da imigração sírio-libanesa geral, porém o caso específico de Rizkallah Jorge, mostra que apenas algumas destas parecem ter um sentido em sua trajetória.

Em “Sírios e Libaneses e seu Descendentes na Sociedade Paulista”, Oswaldo Truzzi traça algumas características deste processo migratório. O autor propõe que a decisão de migrar era tomada no seio familiar, então as famílias planejavam o envio de seus filhos à América como uma forma de resolver suas questões econômicas. Para o autor, duas circunstâncias exemplificam estas motivações: a primeira se dá na importância que as remessas de dinheiro pelos imigrantes irão adquirir em suas terras de origem, se destinando à aquisição de terras. Este fator indica que os imigrantes apenas desejavam viabilizar seu modo de vida anterior, que consistia em ampliar a propriedade rural para permitir a sobrevivência de todos. Já a segunda diz respeito ao caráter temporário com que inicialmente a imigração foi encarada, em um primeiro momento os imigrantes desejavam apenas ficar alguns anos na América e voltarem para casa se tornando uma família próspera em suas aldeias. Por este fator, a maioria dos imigrantes serão homens solteiros. O cenário que se constrói é que a imigração se destinava a uma acumulação de capital que serviria para adquirir bens em sua terra de origem tendo assim um caráter temporário.

O caso de Rizkallah parece bastante peculiar se analisado em comparação às características apontadas por Truzzi. Primeiro pelo fato de que quando este migrou já era casado com Zakie Naccache, e era o núcleo de sua família, já que seu pai ao falecer, despertou a decisão de imigrar sozinho, sem comunicar a sua família. Portanto o padrão homens solteiros que são enviados pela família não se encaixa com seu caso.

Outro ponto é que Rizkallah quando chegou a São Paulo não se tornou mascate e, sim, trabalhou como funcionário em uma empresa. Com o dinheiro que acumulou neste período, não comprou propriedades em sua terra natal, mas adquiriu a Casa da Boia, trazendo, posteriormente, sua família ao Brasil. Parece, então, ser errôneo afirmar que ele

⁴⁸ BLAJ, Ilana. **A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727)**. Tese de doutorado, USP, 1995, p. 29

segue o modelo de imigrantes sírio-libaneses que se envolveram com o comércio, pois queriam acumular capital e não adquirir nem terras nem propriedades para poder retornar ao seu local de origem. Talvez o fato de não ter adquirido propriedades na Síria e, sim, em São Paulo, indique que este desde o primeiro momento não desejava retornar à terra natal, mas sim trazer sua família ao Brasil quando estivesse com uma situação financeira estável.

Talvez o fato de não ter adquirido propriedades na Síria se deva também a um outro fator que o diferencia da grande maioria dos outros imigrantes, no geral, os homens que vieram ao Brasil eram principalmente agricultores, logo a lógica seria que dentro do padrão mostrado por Truzzi, ao acumularem dinheiro comprassem terras em seu local de origem. Já Rizkallah por ter uma profissão diferente desde a Síria, a fundição de cobre, o tenha feito investir seu dinheiro de forma diferente, uma vez que seu objetivo não seria adquirir terras para a agricultura, e sim abrir um comércio, ou outros negócios. Suas futuras atividades em São Paulo irão mostrar que suas atividades nunca estarão ligadas à agricultura e, sim, ao ramo comercial, imobiliário, de importação de cargas, dentre outros.

O fato de as atividades econômicas desenvolvidas em São Paulo não serem apenas ligadas ao comércio, também mostra que se deve refletir sobre a imagem do “turco” ligado apenas ao comércio. Uma questão que deve ser problematizada é a naturalização dos sírios e libaneses como mascates. Paulo Hilu pontua que apesar de ter sido uma opção de atividade para estes imigrantes, pois exigia pouco capital inicial e ter tido uma série de membros neste setor, muitos dos quais obtiveram grande expressividade nos ramos comerciais, por exemplo, nos armarinhos, a criação desta atividade não se deu apenas com a chegada desta colônia. O autor mostra que mesmo antes destes, portugueses e alemães já eram mascates; posteriormente judeus e outros também irão exercer esta função. Assim, associar mascates a apenas sírios e libaneses pode fazer com que se percam outras dimensões desta atividade, que não esteve ligada apenas a uma colônia específica⁴⁹.

Ao analisar a memória de Rizkallah Jorge tanto em entrevistas com seus familiares, como na bibliografia que trata sobre sua atividade comercial, pode-se perceber que as

⁴⁹ PINTO, P. G. H. R. . **Grupos Étnicos e Etnicidade**. In: Antônio Carlos de Souza Lima. (Org.). *Antropologia & Direito: Temas Antropológicos Para Estudos Jurídicos*. 1ed. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA, 2012, v. 1, p. 68-78.

outras faces de Rizkallah são esquecidas para privilegiar apenas este aspecto. Tanto seus familiares como o que foi escrito por ele trata apenas de sua atuação na Casa da Boia, deixando de fora todas as suas atividades imobiliárias e empreendimentos financeiros, com os quais se envolveu. A consolidação da imagem do imigrante sírio-libanês comerciante fez com que se criasse a respeito de Rizkallah uma memória que o liga apenas a este aspecto, gerando uma série de esquecimentos sobre outras atividades, que mostrariam que este, mais do que repetir um padrão de uma colônia de imigrantes se assemelha muito mais aos empreendedores capitalistas que atuaram em São Paulo naquele período.

Portanto, longe de se envolver com apenas um setor econômico, Rizkallah como bom investidor se envolveu com diversos empreendimentos. No capítulo seguinte será mostrado que Rizkallah se ligou às atividades do ramo construtivo e o porquê a cidade de São Paulo foi o melhor lugar para realizar estes empreendimentos.

“O nascimento do capitalismo na Província, representado pela florescente economia do café, favoreceu então a rápida modernização da capital, e uma de suas conseqüências imediatas foi o surgimento de manobras especulativas que os membros das camadas superiores passaram a executar com o fito de atrair o desenvolvimento urbano para as terras nas quais tinham interesse.” (Campos, 2005, p.28)

“No alvorecer da metrópole paulistana, não faltou presunção para tentar transformar o retraído burgo de taipa de pilão num centro cosmopolita, em cuja artérias pulsava a riqueza do café” (Segawa, 2004, p.12)

3. CAPÍTULO II- SÃO PAULO EM TRANSFORMAÇÃO: VIDA, MELHORAMENTOS E NEGÓCIOS URBANOS NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX

3.1 SÃO PAULO E O SURTO URBANO

Quando Rizkallah Jorge chegou à capital, o ambiente paulista já havia passado por modificações desde o último quarto do século XIX, que visavam sua modernização, procurando tornar de fato, a capital, o centro regional, econômico e comercial de São Paulo. As modificações se deram na difusão de novas fontes de energia, técnicas produtivas, transportes e comunicações, buscando atrair para a capital os setores enriquecidos, principalmente os ligados ao cultivo do café que estavam dispersos pelo interior, neste momento muitos fazendeiros se estabeleceram na capital.

Acreditava-se que atraindo estes setores abastados o consumo aumentaria favorecendo o comércio, e que cada vez mais a capital centralizaria a riqueza. Este processo se beneficiaria do fato que as duas cidades que disputavam a primazia econômica com a capital paulista, Santos e Campinas, que haviam sido seriamente afetadas pela febre amarela a partir da década de 1880.⁵⁰ Com esta mudança populacional do interior para a capital houve uma alteração estatística da seguinte ordem: “o número de habitantes passou de 30 mil em 1870 para 50 mil em 1885, iniciando a República com quase 100 mil habitantes e chegando a 1900 com 240 mil”⁵¹.

O autor Benedito Lima de Toledo em “Três cidades em um Século” propõe que as mudanças foram de tal magnitude que uma geração não reconhecia a cidade surgida uma geração posterior. Para este autor, a cidade seria como um palimpsesto⁵², em que três cidades foram construídas e destruídas em um século. Em fins do XIX a cidade que existia guardava feições coloniais, com ruas estreitas e irregulares, algo que caracterizaria uma “mudy city”, porém com a chegada da ferrovia uma nova cidade surgirá, o local deixará de ser uma parada

⁵⁰Santos Filho, Lycurdo de Castro; Novaes, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas**, 1889-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

⁵¹CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Senai, 2002, p.99.

⁵²Embora esta teoria não seja plenamente aceita na pesquisa, os marcos visuais e históricos da obra são imprescindíveis para o entendimento da cultura arquitetônico-urbanística dentro do recorte temporal.

de tropeiros edificada com taipa de pilão, para virar uma cidade de tijolos, que, por fim, será substituída pela cidade das indústrias, feita em concreto-armado, marcada pela altura.

Tal afirmação de Benedito Toledo tem sido bastante contestada dentro dos estudos arquitetônicos. Entre os autores contrários a esta imagem, está Raquel Glezer, que segundo expõe, a urbanização de São Paulo desfez a cidade de maneira tão expressiva que não deixou resquícios.

As modificações pelas quais passou a cidade neste período ocorreram para responder às necessidades que haviam surgido nesta nova sociedade moderna. Portanto, entre fins do XIX e início do século XX, surgiram uma série de projetos para o espaço urbano paulistano tendo por objetivo cosmopolitanizar a capital. O autor Candido Malta Campos Neto, identifica e analisa estes projetos de modernização e as realizações do urbanismo paulistano desde o fim do Império até os anos 1940. A principal característica que se pode apreender deste contexto é a disputa que há em torno dos projetos que serão implantados, portanto, a transformação do ambiente não se deu de forma consensual.

Diversos autores destacam que a preocupação com a modernização urbanística se iniciou sob o governo de João Theodoro⁵³, sendo este o primeiro momento que se viu uma preocupação com o aspecto urbano e com o potencial de crescimento da capital. Theodoro possuía um programa que buscava remodelar os espaços públicos tornando-os mais atraentes, como foi o caso da várzea do Carmo, que depois de drenada, se tornou um passeio público. Após a administração de João Theodoro os processos de modernização tiveram continuidade com os futuros prefeitos, porém, foi com Antônio Prado que as idéias de João Theodoro se instalaram de maneira irrefutável em São Paulo, o objetivo de ambos era bastante similar, criar na zona central uma área de destaque.

Na administração de Antônio Prado o “núcleo histórico”, lindeiro à área fundacional da cidade, funcionou como centro comercial e de serviços, abrigando um acúmulo de funções, tais como, de troca, comando e institucionais⁵⁴. Para Campos, as duas administrações buscavam por meio do estabelecimento de uma centralidade na capital, construir um elemento de dominação, mostrando, assim, a pujança de São Paulo a principal cidade da região mais produtiva do país.

⁵³CAMPOS, Candido Malta. **São Paulo, Metrópole em Transito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 56.

⁵⁴CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p. 99.

Visando abastecer o centro com todas estas funções listadas acima, se instalaram na cidade grandes empreendimentos, restaurantes luxuosos, confeitarias, cinemas, hotéis, lojas e outras atrações que não eram encontrados facilmente na cidade de outrora⁵⁵. E a partir de 1910 os edifícios públicos da região passaram por uma reformulação e ampliação com a instalação de novos órgãos públicos nos terrenos adquiridos pela municipalidade. Estes edifícios, que se tornaram monumentais, inspiraram também as obras particulares. Para Pereira, a monumentalidade “serve bem como índice cultural e econômico da valorização moral e monetária da propriedade urbana⁵⁶”. A valorização do centro se deu tanto pelos novos empreendimentos e arquiteturas ali instalados. Este fato pode ser facilmente identificado na construção dos palacetes de Rizkallah Jorge, que serviam para locação e passaram por algumas ampliações procurando garantir aluguéis mais elevados.

Na década de 1920 a cidade passou por um novo período de grande urbanização, principalmente em virtude do momento de prosperidade econômica do café. Neste momento surgiram projetos de transformação, como o proposto por Ulhôa Cintra e Francisco Prestes Maia, denominado “Plano de Avenidas”, que criaria um anel que facilitaria a circulação radiocêntrica em São Paulo, o carro que já era parte da paisagem da cidade acaba por ser trazido aos círculos técnicos como protagonista do planejamento urbano. Na mesma época, também são propostos o zoneamento que estabelecia padrões de construção por zonas e um novo Código de Posturas, que regulou principalmente as alturas máximas permitidas aos prédios da região central, condições mínimas de ventilação e higiene e implantação no tecido urbano. Durante as décadas de 1920 e 1930, Rizkallah teve uma maior atuação no ramo imobiliário, sendo assim este novo código, pautou a maioria de suas edificações

A cidade havia se tornado, na visão de muitos, um canteiro de obras. Maria Cecília Naclério Homem relata que “a capital superava os seus próprios recordes e os das demais cidades brasileiras. Em 1920, as estatísticas registraram 1.875 novas construções, que evoluíram para 3.922, em 1930. Construía-se à razão de uma casa por hora⁵⁷, estes números

⁵⁵ CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p.117.

⁵⁶PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

⁵⁷HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História**. São Paulo: Projeto, 1984, p.45.

mostram a efervescência que a atividade imobiliária adquirira na capital. Este crescimento resultou em um conseqüente incremento da urbanização, algo que pode ser identificado nas imagens a seguir.

Área Urbanizada
1872

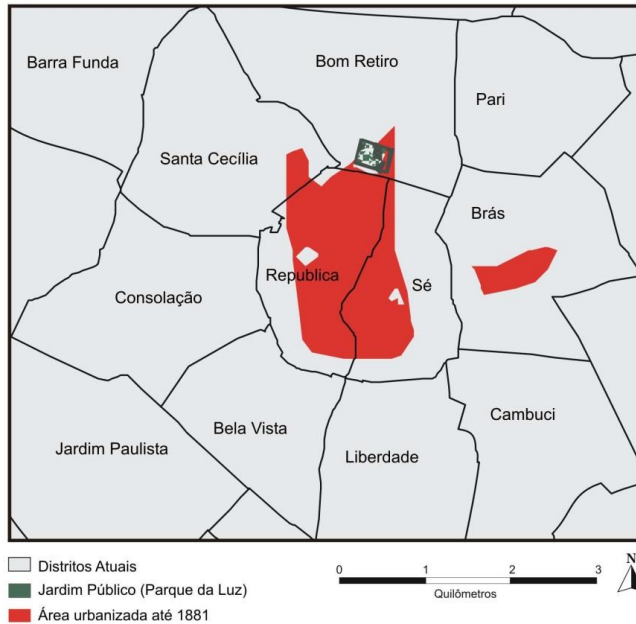


Figura 13 - Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

Área Urbanizada
1882/1914

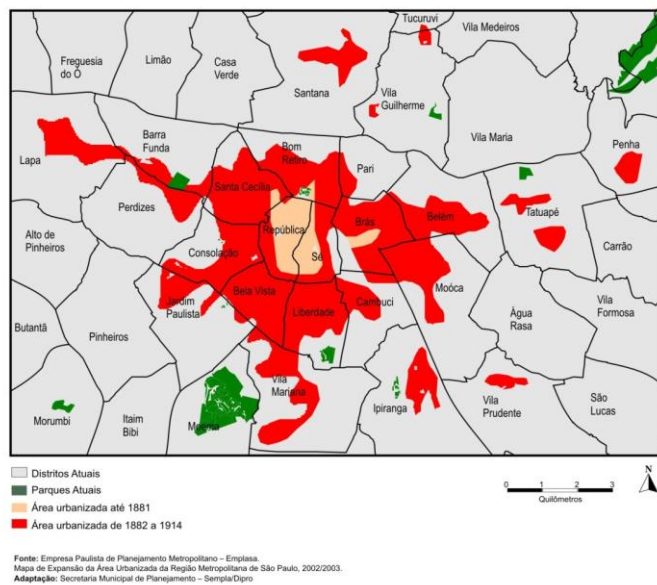


Figura 14- Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano - Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento - Sempla/Digro

Área Urbanizada
1915/1929

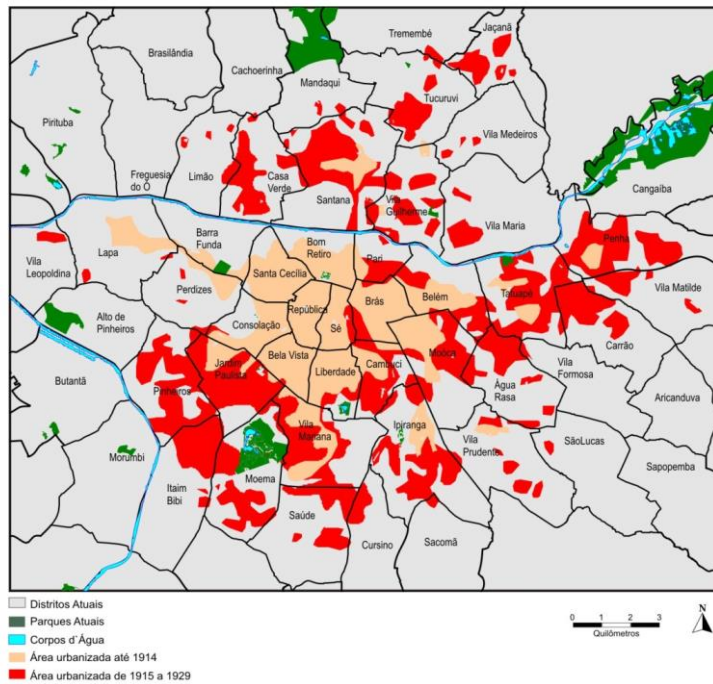


Figura 15 - Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

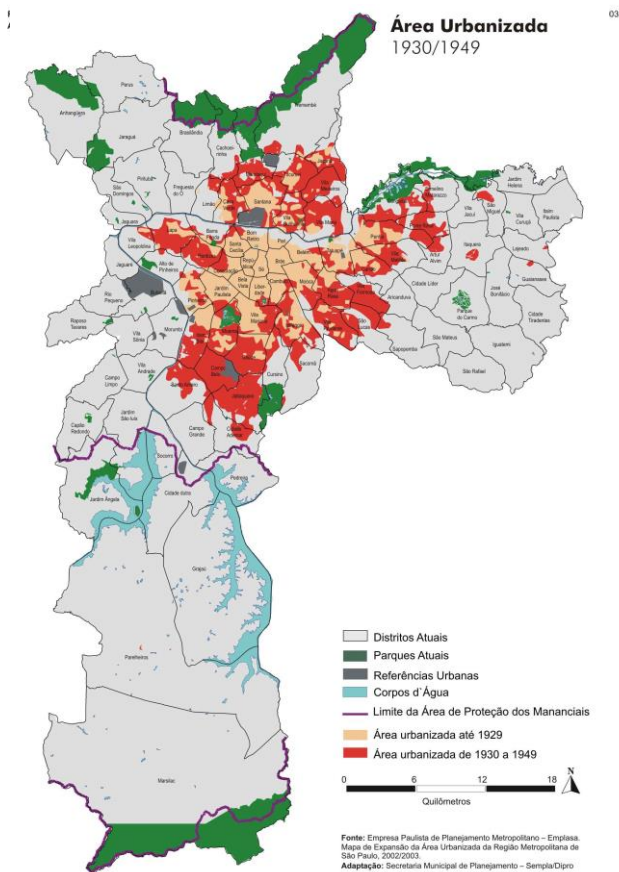


Figura 16 - Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

Os mapas permitem visualizar a expansão urbana do núcleo central para suas regiões próximas e, assim, sucessivamente. Todas as construções encomendadas por Rizkallah

estavam localizadas nessa região, ficando claro que mesmo com a expansão, a região central ainda era uma das mais valorizadas na cidade de São Paulo.

Para melhor compreender os locais que estas edificações estavam inseridas, faz-se necessário conhecer os projeto desenvolvidos e como afetaram os espaços em que os empreendimentos de Rizkallah estavam localizados. As áreas destas edificações eram privilegiadas e estavam em voga no período, sendo estas a Várzea do Carmo e Centro Histórico, Anhangabaú e Paulista.

3.2 RIZKALLAH E A INSERÇÃO DE SUAS CONSTRUÇÕES

Anhangabaú



Figura 17 - Rua Anhangabahú, 1915.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.



Figura 18- Rua Carlos de Souza Narareth, 1951.
Este se tornou o novo nome da Rua Anhangabahú.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

Durante a virada do século a região ainda apresentava traços rurais, as casas eram baixas e continham hortas, uma faixa de plantas dividia a paisagem com a estrutura metálica do Viaduto do Chá, projetado por Jules Martin, que foi visto como uma das principais obras do período. Apesar disso, por sua posição geográfica próxima à região central, este espaço foi visto desde o final do período monárquico como de enorme potencial paisagístico e urbanístico, principalmente conforme a cidade começava a se expandir.

Tendo em vista este potencial, foram criados projetos tanto paisagísticos, quanto infra estruturais para valorizar este espaço. Dentre os projetos que privilegiavam o aspecto paisagístico pode-se destacar o de

1886 com João Alfredo e o ajardinamento da região, que não foi posto em prática devido à carência de recursos. Já ligados a infraestrutura o projeto de Antônio Carlos da Silva Teles de 1906, desejava transformar a rua Libero Badaró - até então centro de prostituição e cortiços - em uma “Avenida Central”. Este projeto não foi aplicado, pois os proprietários de imóveis do lado ímpar do vale que teriam seus edifícios demolidos, perceberam que haveria uma valorização da região e que estes não ganhariam o mesmo valor vendendo seus terrenos para a municipalidade. Portanto, pressionaram o poder público por uma alteração no projeto, fazendo com que o mesmo fosse arquivado⁵⁸.

Outros tantos projetos foram postos em prática, como foi o caso do ajardinamento realizado em 1910, que resultou na criação do Parque do *Anhangabahú*. Durante os anos 30 com o “Plano de Avenidas” na administração de Prestes Maia foi aberta a Avenida Anhangabaú – atual Nove de Julho -, projeto de Alcides Martins⁵⁹. Nesta mesma década uma série de grandes prédios começaram a surgir.

Todos estes projetos realizados na região bem como sua posição privilegiada em relação ao centro histórico, fizeram com que os terrenos passassem a ter uma valorização no mercado imobiliário. Verifica-se que Rizkallah tentou se beneficiar desta valorização, propiciada pelos projetos de melhoramentos, construindo uma série de empreendimentos no Anhangabaú e realizando posteriormente ampliações objetivando aumentar seus lucros com os alugueres.

Rizkallah encomendou neste local a construção de três palacetes, que foram tombados em 1975, pelo processo de zona Z-8. Estes palacetes existem até os dias de hoje e podem ser vistos na rua Carlos de Souza Nazareth, antes chamada de rua *Anhangabahú*.



Figura 19 - Desenhos da Fachada Palacete Paraíso.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

⁵⁸CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002.

⁵⁹ Ibidem, p262. “Trecho do projeto para a Avenida Anhangabú entre terrenos da City na versão apresentada por Alcides Martins Barbosa 1928, chefe da Comissão”.

Rizkallah também possuía outros edifícios neste mesmo endereço. Os projetos detalhados de suas construções no local permitem com que se compreenda sua inserção no mercado imobiliário do período.

O processo datado de 1932 e 1933, pede a substituição de plantas dos projetos já aprovados para a *rua Anhangabahú* 11. Pelo número de pisos e pelos ornamentos da fachada, este projeto parece ser referente ao atual Palacete Paraíso. No projeto foram previstas a construção em estrutura de concreto armado de um porão, de um andar térreo, cinco andares e de torre de elevador. Cada andar teria doze apartamentos, totalizando um total de 60 em todo o prédio. O térreo teria seis armazéns que serviriam de lojas.

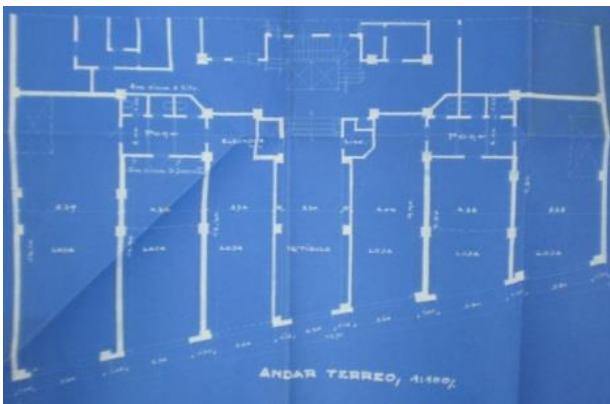


Figura 20 - Planta do andar térreo.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

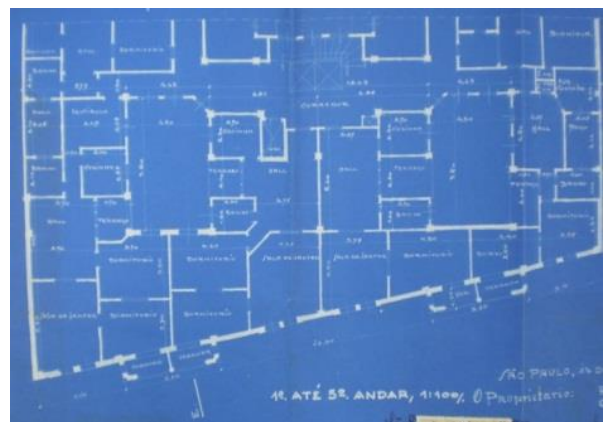


Figura 21 - Planta do 1º ao 5º andar.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

O Palacete guarda traços da arquitetura eclética e possui elementos que remetem à religiosidade de seu proprietário. “O detalhe mais curioso do Palacete é a decoração do salão de entrada: um nicho com as estátuas de Adão e Eva” e um vitral colorido formam a cena intitulada “o Primeiro Pecado”⁶⁰, cujas autorias são desconhecidas.

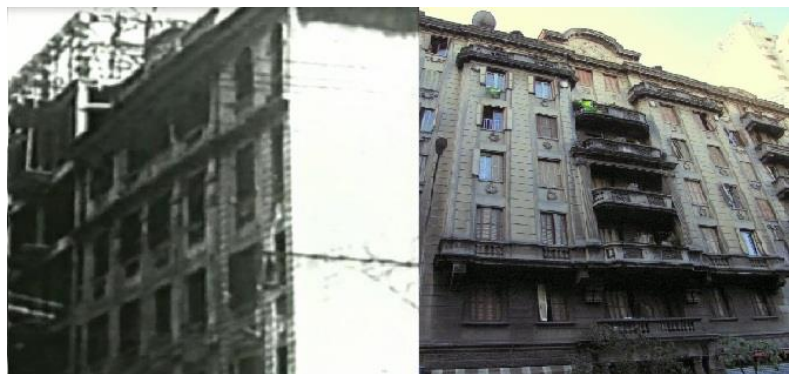


Figura 22 - Imagens do Palacete Paraíso em 1928 e 2012.
Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr.

⁶⁰Coluna Memória Paulistana de 14 de fevereiro de 1986.

O número 130 da mesma rua também era de sua propriedade e dois processos de 1927 e 1928, faziam referência a ele, solicitando a aprovação de plantas para o aumento de um andar no prédio que já estava em processo de construção. Este processo não contém memoriais ou plantas que nos possibilitem afirmar como sendo uns dos



Figura 23 - Imagens do Palacete Paraíso em 2012 e 1928.
Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr.

Palacetes, porém pelo fato de o edifício atual possuir um barrado que separa os quatro primeiros andares do quinto e último andar, provavelmente indica que este é o Palacete Aleppo, que teve um andar acrescido depois de sua construção.

No ano de 1927 ocorre também a construção de um edifício e garagem no número 197, estes foram feitos em concreto.

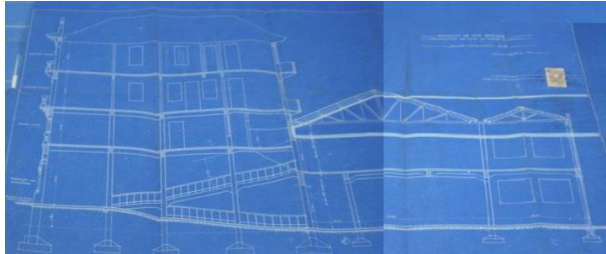


Figura 24- Corte lateral da planta.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

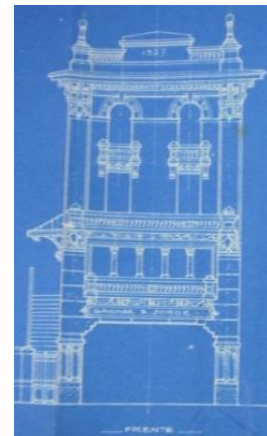


Figura 25- Fachada do edifício.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

O número 862 possui um processo datado de 1932, solicitando a aprovação para a construção de mais andares e modificação para possuírem varanda, sendo o responsável por esta solicitação o construtor Plácido DallAcqua.

Pelo desenho de sua fachada este edifício é o Palacete São Jorge, o único a possuir sacadas. Este foi um dos primeiros prédios de apartamentos da cidade e constituiu grande novidade de residência para a classe média⁶¹. Ele é composto por seis pavimentos, totalizando cinquenta apartamentos e dez estabelecimentos comerciais no andar térreo.

⁶¹Coluna Memória Paulistana de 21 de fevereiro de 1986.

No Palacete estão as inscrições “RJ” e “1928”, remetendo a seu proprietário e sua data de construção, respectivamente. A fachada composta por arcos e tijolos aparentes se assemelha bastante aos edifícios americanos, sua configuração espacial segue as posturas da arquitetura clássica, marcada pela tripartição. Na

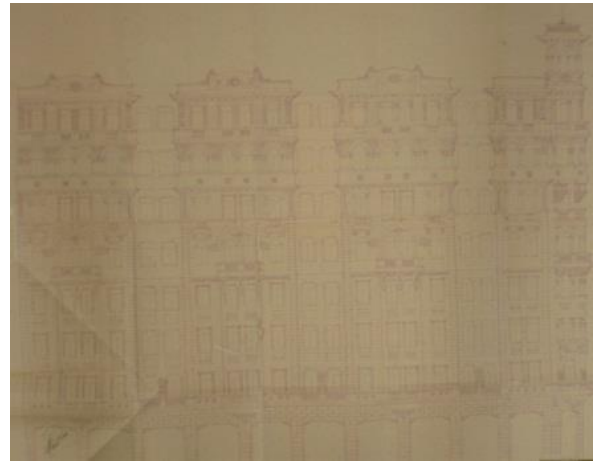


Figura 26- Desenho da Fachada do Palacete São Jorge.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

imagem acima estas três divisões podem ser identificadas, sendo estas, o embasamento, a parte inferior do edifício - local onde estão as lojas - ,o corpo - parte central - e as cornijas - parte superior dividida por um barrado. Dois edifícios, pelo menos, são símbolo desta estética: um se localiza em Chicago, originalmente chamado de Stevens Hotel (atual Hilton Chicago), e ,o outro, está localizado no centro de São Paulo, o conhecido edifício Martinelli.



Figura 27 - Imagens do Palacete São Jorge em 2012 e 1928.
Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr.

Todos seus palacetes foram espaços destinados à construção de apartamentos de aluguel para as classes médias da cidade. A difusão destes apartamentos ampliava o processo de coletivização da cidade, processo que não foi visto de maneira homogênea por toda a população, já havia os que associavam este tipo de construção aos cortiços insalubres e temiam as consequências que podiam advir deste tipo de moradia; outros, ainda,

consideravam os edifícios como boas soluções para o morar e trabalhar em uma cidade que aumentava sua população progressivamente⁶².

Várzea do Carmo e Centro Histórico

A Várzea do Carmo, local onde se localiza o rio Tamandateí, era, em fins do século XIX, um espaço bastante problemático para a municipalidade, que sentia a necessidade de urbanizar aquela região. Este local não possuía o modelo sanitário pretendido e, portanto, em 1875 foi realizada sua retificação e saneamento criando na Várzea a “Ilha dos Amores”.

O local, antes frequentado por lavadeiras e mestiços, foi substituído por um parque construído a partir do projeto do francês Cuchet⁶³. Neste processo de urbanização é possível compreender a intenção de excluir socialmente as parcelas indesejadas da população para outras áreas, que



Figura 28 - Rua Florêncio de Abreu em 1914. Do lado esquerdo encontra-se a Casa da Boia.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.



Figura 29 - Rua Vinte e Cinco de Março de 1916.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

⁶² Para compreender melhor este debate dos que eram a favor e contra a construção de edifícios de apartamentos ver ATIQUÊ, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004, p.131.

⁶³ “A prefeitura encomendou a Francisque Cuchet, paisagista francês estabelecido no Rio de Janeiro novo projeto para o local, incorporando usos e equipamentos esportivos” CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p. 306.

não as do perímetro central⁶⁴, pois, assim, poderiam como já abordado anteriormente, afirmá-lo como um centro financeiro e cultural, núcleo da urbanização. Portanto, frutos deste objetivo, uma série de projetos foram propostos para esta região por parte do poder público. Verifica-se que a urbanização de São Paulo não foi um processo sem tensões e embates de atores sociais em torno da posse do espaço. A modernização de São Paulo gerou também uma discriminação e exclusão das parcelas pobres.

Com as ações da municipalidade percebe-se que sua maior preocupação em relação ao espaço urbano da cidade se voltava ao embelezamento das áreas centrais e não com a construção de espaços que pudessem abrigar as classes trabalhadoras.

As obras de Rizkallah inseridas nestas regiões se encontram divididas em quatro endereços: Florêncio de Abreu, Senador Queiróz, Tiradentes e 25 de Março, que serão tratadas respectivamente abaixo.

Na rua Florêncio de Abreu a construção que talvez seja de maior expressão devido sua ligação com a história de Rizkallah Jorge seja a Casa da Bóia, porém, não foi sua única propriedade na região. O imigrante também era dono do edifício número 96 e em 1913 solicitou por meio do arquiteto Morcetti⁶⁵ a substituição de plantas para poder reformar a frente e suspender o telhado do local.

A Casa da Boia, edifício de maior reconhecimento, é a loja de materiais hidráulicos fundada por Rizkallah Jorge em 1898, que se mantém até os dias atuais em um bom estado de conservação. Sua situação atual não é a mesma da época de sua construção, o andar superior, que durante décadas serviu como residência foi transformado em administração e parte do forro foi modificado⁶⁶.



Figura 30- Fachada de edificação no número 96, da rua Florêncio de Abreu.
Fonte: AHMWL

⁶⁴ Carlos José Ferreira dos Santos. **Várzea do Carmo, Lavadeiras, Caipiras e “Pretos Vêios”**. In Memória e Energia. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 27. 2000, p5.

⁶⁵ Durante este período é bastante difícil afirmar que todos os profissionais eram formados. Em sua tese de mestrado intitulada "O cotidiano em construção: os "Práticos Licenciados" em São Paulo (1893-1933)", o autor Lindener Pareto júnior, irá analisar a atuação dos práticos licenciados, que eram construtores sem diploma de engenheiro e/ou arquiteto e realizaram uma série de obras na capital.

⁶⁶ Coluna Memória Paulistana de 19 de fevereiro de 1986

O autor Ernani Silva Bruno traz em sua coluna Memória Paulista veiculada no Jornal Folha de São Paulo informações que tratam Rizkallah como um arquiteto autodidata que foi responsável pela construção de grande parte de seus empreendimentos com o auxílio de mestres de obras. Porém, as informações fornecidas pelos processos não parecem indicar o mesmo caminho, muito embora também não o desminta de chofre.

A propósito, convém indicar que a Casa da Boia, antes situada no número 92 da rua, e, hoje, tratada como os números 364 e 370 passou por uma reforma tendo como responsável Plácido Dall'Acqua⁶⁷.

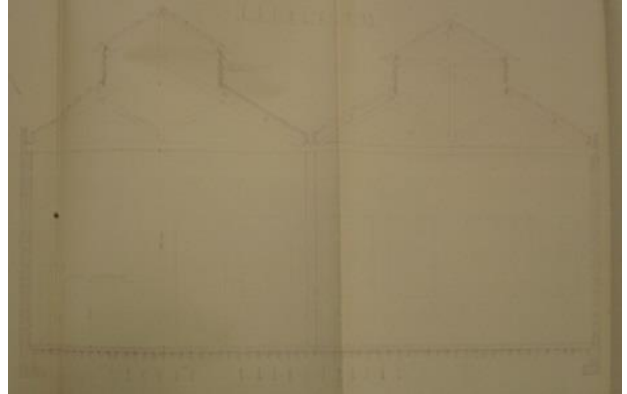


Figura 31 - Desenhos da Casa da Boia.
Fonte: Acervo Casa da Boia.

Neste projeto estão anotadas as demolições dos telhados e de todas as paredes do piso térreo dos dois prédios até o nível da rua, bem como a remoção dos soalhos que eram de madeira⁶⁸. O memorial anexo à solicitação e ao projeto ainda indica que a estrutura era de concreto armado sobre as vigas existentes dos atuais porões e a fachada era composta por paredes de alvenaria de tijolos e telhado de madeira de lei coberto com telhas nacionais. Dall'Acqua também indicou a construção de um galpão para abrigar os materiais necessários à obra.

O local deste terreno também foi fruto de uma discussão com a municipalidade, que possuía a propriedade do número 94, tanto seu terreno quanto o da prefeitura haviam sido propriedades de Antônio Costa Braga que teve sua propriedade desmembrada em cinco partes após sua morte, tendo quatro ficado com Rizkallah e uma com a prefeitura. Entretanto, para a Prefeitura, houve um problema com relação aos limites entre estas partes. O fato de não haver clareza na Escritura de Transferência, significava que não se podia ter certeza que a dimensão do terreno de sua propriedade se restringia a 4 x 6,50 metros, com a contrapresentação da escritura, reiteram este argumento:

⁶⁷ Reportagens no acervo da Folha mostram que Dall'Acqua também foi responsável pela construção de outros edifícios.

⁶⁸ Arquivo Municipal Washington Luís. Projetos SOP.

"resulta que a Prefeitura adquiriu o imóvel nº 94 da Rua Florêncio de Abreu, assim descrevendo-o: (que esse imóvel confina pela frente com a Rua Florêncio de Abreu, na extensão de cerca de seis metros e noventa e cinco centímetros (6,95ms) de um lado com a Rua Anhangabahú, na extensão de vinte e três metros e doze centímetros (23,12ms); de outro lado, por parede de meiação com o prédio nº noventa e dois (92) da Rua Florêncio de Abreu, na extensão de mais ou menos vinte metros e vinte e cinco centímetros (20,25 ms) e por uma área de 4ms, 00x 6ms50 (quatrometros por seis metros e cinco centímetros) nos fundos deste prédio, sobre a qual tem servidão o prédio numero cento e vinte e dois da Rua Anhangabahú, na extensão de mais ou menos quatorze metros e treiscentímetros)⁶⁹".

Apesar desta questão, a Casa da Boia continuou mantendo sua extensão intacta, sendo um dos maiores terrenos da região. Ao analisar as imagens das obras de Rizkallah e seus projetos verifica-se que estes seguiam estilisticamente o ecletismo, postura arquitetônica bastante comum naquele período. Carlos Lemos propõe que devemos entender:

"O ecletismo como sendo toda a somatória de produções arquitetônicas aparecidas a partir do final do primeiro quartel do século passado [XIX], que veio juntar-se ao Neoclássico histórico surgido por sua vez como reação ao Barroco⁷⁰".

A Casa da Boia pois, se insere na segunda categoria de Ecletismo na divisão feita por Carlos Lemos, esta compreende as construções neoclássicas, que contém, principalmente, ornamentação renascentista⁷¹, portanto, se percebe que os ornamentos que circundam a fachada da Casa da Boia buscam elementos que remetem ao Renascentismo. A grande maioria dos edifícios encomendados pelo imigrante seguiram esta maneira de fazer arquitetura, aproximando-se do gosto corrente entre a clientela de seus prédios de aluguel.

Na rua Senador Queiróz, no ano de 1930 Plácido Dall'Acqua foi o responsável pela reforma de um edifício. Neste projeto, os alicerces seriam, as alvenarias em tijolos comuns, o telhado com estrutura de madeira, coberto com telhas de barro, a fachada seria toda revestida com argamassa de cal e areia.



Figura 32 - Fachada de Armazém na Senador Queiroz.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

As instalações sanitárias seriam construídas de acordo com as prescrições da Repartição de Águas e Esgoto da Capital, bem como as instalações elétricas estariam de acordo com as

⁶⁹ Acervo Casa da Boia.

⁷⁰ LEMOS, CARLOS. *Ecletismo em São Paulo*. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.70.

⁷¹ *Ibidem*. p.75.

exigências da Light. Plácido DallAcqua era responsável pelo projeto e comunicou que realizaria a construção provisória de um barracão para abrigar os materiais da construção, dando, assim, informações sobre o canteiro de obras.

Um dos empreendimentos encomendados por Rizkallah, e que não se referem a suas intenções comerciais é o complexo da Igreja São Jorge e Colégio José Bonifácio, localizado na rua Tiradentes. Rizkallah doou sua propriedade no número 835 da Avenida Tiradentes para a construção de uma Igreja da Comunidade Armênia de São Paulo. Pela doação realizada, o imigrante se tornou o grande benemérito do local, sendo homenageado em diversas partes de sua fachada e interior.

Na parte de trás da Igreja se encontra o Colégio da comunidade, também erigido por ação de Jorge para abrigar os jovens levando-os a seguir as tradições culturais da terra natal.

A igreja foi construída entre 1945 e 1948 e inaugurada em 1949. O projeto figura como de autoria do Escritório de Engenharia Mahfuz Ltda, cujo técnico responsável Michel Elias Mahfuz. A estrutura do prédio, em concreto armado recebeu alvenaria de tijolos comuns, revestida de pedras. O telhado, com telhas tipo Marselha, recebeu forro de madeira internamente. Pode-se ver o grau de atenção dados aos acabamentos, com piso de tacos sobre concreto, sala de entrada de granelite, ladrilhos hidráulicos nos sanitários, azulejos vitrificados nas cozinhas e sanitários. O Programa Arquitetônico contém Presbitério, Batistério, Coro e uma Nave, haja vista que trata-se de uma igreja salão.

A área total do conjunto é de mais de 1500m², somando-se o colégio e a Igreja. Estes números dão ideia da dimensão dos terrenos em que eram feitas as obras de Rizkallah Jorge.

Além das construções em outra parte da região central da cidade, Rizkallah também possuiu três edificações na rua 25 de Março, uma das principais zonas de comércio da cidade.

O primeiro processo datado de 1926, refere-se à reforma de dois armazéns localizados no número 279 da via e fez com que o local, que antes era usado como depósito e continha apenas um escritório e um banheiro, passasse a contar com mais duas salas comerciais. Os materiais utilizados, assim com nas outras obras, foram tijolos, argamassa de cal e concreto.



Figura 33- Fachada da Igreja São Jorge.

Fonte: Arquivo do Piqueri.

Outro projeto de modificação, na mesma região, refere-se à Antiga Casa Duprat, que passou a ser propriedade de Rizkallah e foi demolida para a construção de três sobrados, com os números 84, 84 A e 84 B. O memorial descreve os materiais utilizados na nova construção, tais como os alicerces de concreto e a alvenaria de tijolos. As funções das instalações também encontram-se descritas: residências na parte superior, e armazéns na parte térrea, caracterizando um edifício misto⁷². Os três armazéns e as três habitações seriam independentes, portanto, para entrar na casa seria necessário subir a escada na lateral das lojas, assim como era feito em diversos imóveis construídos no período.

Algo digno de nota nas “descrições” do memorial é o fato que a todo momento se procura mostrar a conformidade dos projetos com os postulados da *Comissão de Higiene*. Como dito anteriormente, desde 1920 as questões relacionadas à higiene haviam se tornado bastante populares, tendo em vista as sucessivas epidemias⁷³.

Os três sobrados possuem o a mesma tipologia, somente com distribuições diferentes. A planta da habitação contém espaço destinado a sala de jantar, sala de visita, hall, dois dormitórios, copa, cozinha, dispensa, terraço, dois banheiros, lavabo e área descoberta, um típico programa para as camadas médias da capital.

O aumento do prédio, no número 285 em 1934, permite perceber o uso comercial que seria dado ao terreno, sendo a maior parte



Figura 34 - Fachada do Projeto de construção dos sobrados.
Fonte: Arquivo do Piqueri.



Figura 35- Projeto de aumento do nº285.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

⁷² Arquivo do Piqueri.

⁷³ Ver Capítulo Seguinte.

destinada a lojas, contendo um escritório, banheiro e duas outras áreas que possuíam espaço livres.

Paulista

A abertura da Avenida Paulista foi uma das principais iniciativas que marcaram o fim do século XIX. Entregue em 8 de dezembro de 1891, foi idealizada por Joaquim Eugênio de Lima, que se associou a João Augusto Garcia e José Borges Figueiredo. Durante este projeto contaram também com os desenhos do agrimensor Tarquínio Antônio Tarant.

A avenida assim como o Anhangabaú apresentava traços de ruralismo algo destacado pelo autor Benedito Lima de Toledo, porém, para ele, apesar destes traços percebia-se que ela estava destinada a receber construções de grande vulto⁷⁴.

Suas características, até então não muito comuns na cidade, atraíram uma série de compradores. A avenida reta, larga e plana tornou-se uma atração e o local passou a servir de moradia para as elites da capital.

Campos Neto, destaca que naquele local, as elites encontrariam sua “garantia da representatividade simbólica tão cara a seus anseios de dominação⁷⁵”. Benedito Lima propõe que a elite que vivia na avenida podia ser dividida em uma nobiliarquia composta pelos “barões”, quatrocentões enriquecidos com o café, “conde” industrial italiano, “cavaleiro” comerciante árabe, “rei” fazendeiros do café. Todos estes irão se instalar na Avenida por sua representatividade⁷⁶.

A avenida também possuía outras características que a diferenciavam das demais regiões, foi a primeira via asfaltada da cidade de São Paulo em 1913, o asfalto apesar de caro era



Figura 36 - Vista da Avenida Paulista em 1919.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

⁷⁴ TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: ExLibris, 1987.

⁷⁵CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p. 241.

⁷⁶ TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: ExLibris, 1987.

necessário para poder receber o tráfego de carros e se impunha na montagem da rede de transporte rodoviário. Por toda a diferenciação social que representava era um material cobiçado pela elite paulistana, a qual, com seus caprichos automobilísticos⁷⁷, fez com que a avenida se tornasse uma pista de exibição de carros.

Nas imagens gravadas em 1928 no filme produzido por Rizkallah Jorge, este aspecto do tráfego é bastante evidente como um diferencial da Avenida. Sua família posa em uma tomada voltada para a rua asfaltada no momento em que passa um ônibus, conforme figura ao lado, pode-se ainda identificar alguns carros que estão estacionados nas imediações. Nota-se que o automóvel esta bastante presente nesta sociedade, sendo o próprio Rizkallah proprietário de um.



Figura 37- Visão da rua a partir do quintal da residência de Rizkallah na Avenida Paulista.
Fonte: Acervo Casa da Boia.

O filme ainda preserva imagens de sua residência que foi demolida para dar lugar ao edifício Jorge Rizkallah Jorge, nome que presta homenagem a um dos filhos de Rizkallah. O edifício se localiza no atual número 1149, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra. Além do filme, os processos da Série Obras Particulares (SOP)⁷⁸, preservam informações a respeito dos projetos do local.

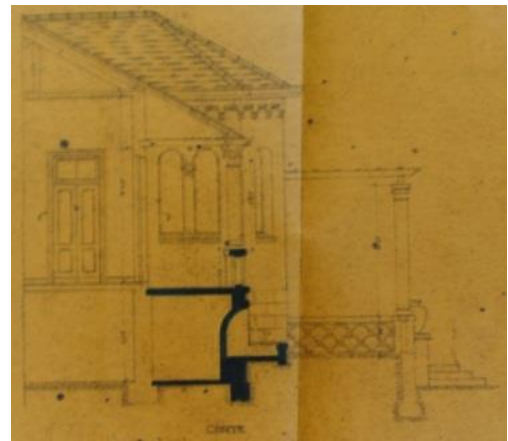


Figura 38 - Corte lateral da Residência de Rizkallah Jorge, projeto de maio de 1919.
Fonte: AHMWL

⁷⁷CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p.247.

⁷⁸Rizkallah Jorge foi o responsável pela encomenda de uma série de empreendimentos na capital, alguns destes possuem seus projetos arquivados na Série Obras Particulares (SOP) depositada no Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (AHMWL), sendo parte do Fundo Prefeitura Municipal, Sub-fundo Diretoria de Obras e Viação. Os projetos contidos no AHMWL cobrem os anos de 1870 a 1921, os posteriores a esta data estão alocados no Arquivo do Piqueri. Estes documentos são fonte de uma série de informações a respeito das obras particulares, utilizando estas fontes é possível realizar uma análise pormenorizada das construções, permitindo compreender aspectos construtivos, como a escolha de materiais, engenheiros, arquitetos, escritórios, bem como de filiações estéticas.

O primeiro processo tratando deste endereço é datado de 1919. Ele contém os documentos do *Ateliers Americano de Architecture* requerendo em, Março, a reforma e o aumento de um prédio, além de autorização para serviços de consertos, limpeza para a conservação e higiene. Posteriormente, em setembro, é feita uma nova solicitação esperando a licença para a modificação no plano inicial, que havia sido aprovado em 4 de julho. Para tal são enviadas novas plantas e um novo memorial.



Figura 39 - Fachada da Residência de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista. Projeto de setembro, com a inserção de mais um andar.
Fonte: AHMWL



Figura 40 - Corte lateral da Residência de Rizkallah Jorge, projeto de setembro de 1919.
Fonte: AHMWL

As modificações sofridas no projeto se devem ao fato de uma ampliação de um andar na parte superior para a construção de um sobrado. O projeto previa que para esta modificação seriam necessárias mudanças na estrutura do edifício, visando reforçar as paredes com vigas de concreto armado.

No ano de 1920, foi realizado um novo requerimento, este solicitou a licença para chanfrar a guia de passeio na fachada da residência de Rizkallah para a entrada de automóvel, pois, como dito anteriormente, o carro se tornava bastante comum na cidade durante esta década. O requerimento foi aprovado e executado após três meses.

O terreno passou por uma grande modificação em maio de 1922, o construtor arquiteto Alberto Borelli, requereu a autorização para a construção de três casas, no terreno que

englobava a Avenida Paulista, Rua Bella Cintra e Alameda Santos, foram solicitadas também, as guias de pagamento de emolumentos da licença e do arruamento.

Estas três novas casas serviram de moradia para seus três filhos, e, mais uma vez, Rizkallah Jorge se afirmou como o esteio de um núcleo familiar, trazendo seus filhos para morar ao entorno de sua residência. As casas foram construídas de concreto armado e alvenaria de tijolos, os projetos estavam em sintonia com o novo cenário da construção, que trazia “outros conhecimentos, outras técnicas, outros materiais que romperam aquela acomodação baseada na tradição cultural dos velhos tempos. Surgiu o tijolo. Apareceu a alvenaria argamassada contrapondo-se à terra socada⁷⁹”.

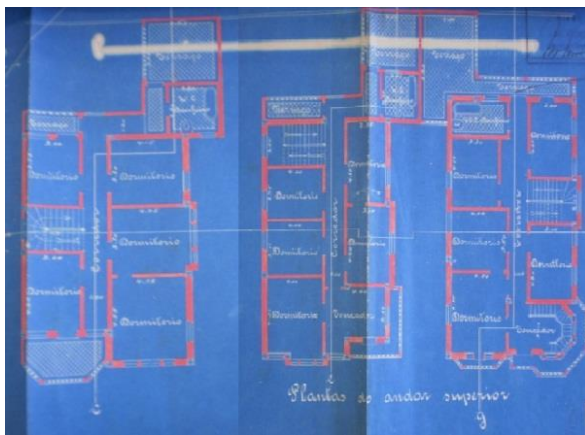


Figura 41 - Planta do andar superior da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista.
Fonte: AHMWL



Figura 42- Corte Lateral da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista.
Fonte: AHMWL

O autor destes projetos Alberto Borelli, foi responsável pela construção de mais duas obras do SOP⁸⁰ e parece ter atuado em outros estados brasileiros. A este respeito, Nivaldo Vieira de Andrade Júnior coloca que:

“Dentre os arquitetos, engenheiros e construtores italianos que atuaram, ainda que temporariamente em Salvador entre as décadas de 1910 e 1920, podemos destacar (...); Alberto Borelli, que chegou a Salvador procedente de São Paulo, em

⁷⁹LEMOS, CARLOS. **Ecletismo em São Paulo**. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.37.

⁸⁰ PARETO JUNIOR, Lindener. **O cotidiano em construção**: os "práticos licenciados" em São Paulo (1893-1933). 2011. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p.163.

1912 e que foi autor do projeto do Gabinete de Leitura Português inaugurado em 1918⁸¹”.

Estilisticamente, a residência de Rizkallah, bem como as casas de seus filhos, são exemplares da grande quantidade de palacetes que compunham a Avenida Paulista. Este tipo de habitação era realizada pensando no programa de necessidades da burguesia⁸² e será o primeiro espaço residencial de luxo que ocupou a cidade. Os palacetes foram mais uma forma de representar a posição social dos indivíduos, expressando solidez financeira. O termo segundo Maria Cecília Naclério designou, em São Paulo, sempre a casa mais ampla, o sobrado de dois pavimentos em oposição às casas térreas⁸³.



Figura 43 - Corte Lateral da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge.

Fonte: AHMWL

O aspecto de maior relevância ligado à propriedade de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista diz respeito a uma tese consolidada no ramo da arquitetura, de que as residências situadas neste local eram construídas estilisticamente de acordo com a nacionalidade de seu proprietário. O autor Benedito Lima de Toledo cita a passagem em que a autora Zelia Gattai, relata esta hipótese, outras passagens como a de Carlos Lemos, a seguir corroboram esta tese:

“nessa hora em que as famílias antigas viam meio assustadas os imigrantes ascenderem enriquecidos e construir seus palácios florentinos ou árabes na

⁸¹ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de Andrade. A Influência Italiana na Modernidade Baiana: o caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 4, out. 2007.p107.

⁸²HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996, p.18.

⁸³ HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996, p.20.

Avenida Paulista, talvez fosse muito natural a lembrança da revitalização de suas próprias soluções arquitetônicas.⁸⁴

O que se tem com relação as obras encomendadas por Rizkallah Jorge é que estas ao invés de representarem um estilo mourisco, ou otomano, seguem o modelo estilístico da época, o ecletismo que remete ao estilo neoclássico.



Figura 44 - Imagens da Casa de Rizkallah na Avenida Paulista em 1928.
Fonte: Acervo Casa da Boia.

Todas as construções de Rizkallah listadas acima, contribuíram para seu prestígio, tanto dentro da colônia sírio libanesa, quanto na capital paulista. Suas obras se tornaram marcas no tecido urbano e projetaram seu nome entre seus pares. Elas mostravam que ele, mesmo tendo chegado em São Paulo com recursos financeiros escassos, conseguiu atingir fortuna. Portanto, suas atividades ligadas ao ramo da construção, bem como suas iniciativas financeiras, que serão abordadas no capítulo seguinte, contribuíram para seu objetivo de atingir reconhecimento nas sociedades em que frequentava.

⁸⁴LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989, p.130.

“O agrupamento de indivíduos, e posteriormente a sua fixação à terra, são condições historicamente consideradas como parte do desenvolvimento da humanidade. É através do estabelecimento de relações com outros, que o sujeito gera necessidades, formula valores e avança em suas sociabilidades, desenvolvendo o potencial de sua capacidade de ser social, ao gerar vínculos afetivos”. (CANCLINI, 1998, p. 61).

“As abstrações anteriores de sentir-se imigrante vão aos poucos se organizando com a realidade exterior como um mosaico e são traduzidas pela necessidade de „fazer suas lojas, manufaturas, igrejas, bibliotecas, escolas, clubes, hospitais, asilos e cemitério“, mesmo que pensassem em voltar para o Líbano viviam aqui e uns iam morrer aqui.” (BASAGLIA, 2002, p. 137)

4. CAPÍTULO III - ATIVIDADE NO MUNDO DOS NEGÓCIOS: CASA DA BOIA, NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS, BENEMERÊNCIA

4.1 AMBIENTE ECONÔMICO

A face mais conhecida da figura de Rizkallah Jorge, sem dúvida, é a ligada ao comércio, como o proprietário da Casa da Boia. A história desta loja está intimamente ligada tanto ao seu fundador, quanto à história da própria cidade de São Paulo.

Rizkallah, quando chegou ao Brasil, já era um artesão hábil e percebeu que sua habilidade como fundidor, não era comum na cidade, portanto viu a possibilidade de instalar uma pequena indústria para desenvolver o ofício que dominava perfeitamente, desde sua terra natal. Após três anos juntando dinheiro foi fundada, inicialmente chamada, Rizkallah Jorge e Cia, local que vendia, principalmente, materiais hidráulicos, na grande maioria feitos em cobre e trazidos do exterior.

Além da habilidade artesanal de Rizkallah, outro fator propiciou o sucesso deste empreendimento: a situação sanitária e a importância dada a ela neste período. Os efeitos da falta de saneamento deixavam vítimas na cidade desde o século XIX, pela doença classificada pelos médicos da cidade como “febres paulistas”. Este problema, entretanto, não era somente paulista, mas nacional, e foi alvo de uma ação política mais enfática no país a partir de 1918. No início dos anos 1920 houve um movimento sanitarista nacional que procurou, por meio do saneamento e da educação sanitária, a cura para as epidemias que assolavam a população.

A questão sanitária foi uma preocupação do Estado de São Paulo desde 1892, momento em que foi criado o órgão estadual da Diretoria de Higiene, que definiu quais seriam as prioridades de ação do governo nas questões sanitárias. Em decorrência desta preocupação o espaço urbano da capital e de algumas outras cidades foi reformado, buscando-se conter as epidemias e equipar as cidades com rede de água e de esgoto, drenagem de córregos, serviços de coleta de lixo, bem como o estabelecimento de normas para a construção de casas e outros edifícios. Estas normas estavam sistematizadas nos Códigos de Posturas, já mencionados anteriormente, que estabeleciam normas para as construções, como as inerentes às alturas entre chão e teto, a necessidade de janelas em todos os cômodos, eliminação de alcovas etc., Todas estas medidas foram tomadas para evitar as epidemias que afetavam a saúde da população.

Apesar da melhoria na qualidade de vida com a riqueza do café em fins do século XIX, a situação precária do saneamento agia diretamente no aumento das epidemias, em especial

daquelas cuja contaminação se dava pelos sistemas de água e esgoto. É possível ter uma dimensão do grau de afetação dessas epidemias sobre as cidades de São Paulo, por meio do relatório do Secretário do Interior, Vicente de Carvalho, datado de 7 de Abril de 1892. Enviado ao Vice-Presidente do Estado de São Paulo, o relatório dizia que:

“mesmo em circunstâncias ordinárias, no gozo do clima tradicionalmente bom com que a natureza favorecia a generalidade do território paulista, a higiene devia preocupar seriamente a atenção dos poderes públicos. Era um dever de previdência opor todas as resistências da higiene à invasão da imundície humana. Que acompanha a acumulação progressiva das populações, que vinga mesmo contra as melhores condições naturais. Desgraçadamente, não cabe já à nossa geração, o simples cumprimento dessa tarefa. É tarde para prevenir. A peste penetrou pelas portas escancaradas que o desleixo lhe facultou. Vimos encontrá-la vencendo na conquista do nosso território para a desolação e para a morte. Não nos criemos ilusões inúteis e perigosas. Não fechemos os olhos diante da evidência. A febre amarela transpôs a barreira da Serra do Mar, que parecia opôr-se-lhe, e revela-se domiciliada, senhora do terreno, no opulento Oeste do Estado.

Acredito que um enérgico esforço nesse sentido não será desaproveitado. A eliminação dos focos de infecção, pelo saneamento, e o exercício constante de uma rigorosa polícia sanitária, defender-nos-ão sem dúvida das invasões da peste⁸⁵”

Estas doenças afetavam a máquina administrativa, o setor cafeeiro e o cotidiano das cidades, não poupando, como visto, a capital sendo a febre amarela a principal, e outras doenças, como a febre tifoide, que também causaram morte de diversas parcelas da população. Adolpho Lutz advertiu que a imprensa deveria informar a população e a municipalidade deveria fornecer subsídios para a prevenção desta. Para este sanitarista, a principal questão que envolvia esta doença era a higiene:

“Pelos jornais diários devemos advertir ao público de não usar senão água filtrada. ... Entre nós não se pode negar que temos uma epidemia. Prevenir a população seria o primeiro passo. Em segundo lugar, devemos influir sobre as autoridades, para colocar filtros em todas as casas. Para não embarçar, neste caso, as classes mais pobres, o governo devia encomendar uma quantidade grande de filtros e vendê-los a preço de custo. Seria também de grande importância mandar examinar todas as fontes da Cantareira, se contêm bacilos de tifo, e não deviam ser usadas aquelas em que se encontrassem os mesmos. Devia-se nomear uma comissão de médicos da sociedade, encarregando-os da instrução do público, como também de fazer as propostas necessárias às autoridades competentes⁸⁶”.

⁸⁵ São Paulo. Secretaria do Interior. Relatório ao Vice-Presidente do Estado de São Paulo pelo Secretário do Interior Vicente de Carvalho a 7 de Abril de 1892, p. VI-VIII, apud TELAROLLI Jr., Rodolpho: **'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'**. *História, Ciências, Saúde —Manguinhos*, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996, p.139.

⁸⁶ TEIXEIRA, Luiz Antonio. **As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes**. *História, Ciências, Saúde—Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n.suplemento, 2004, p. 17

O que se observava é que os profissionais de saúde procuravam saídas para conter esses problemas que afetavam, sobretudo, as populações mais pobres. Os autores Paulo César Xavier Pereira e Maria Ruth Sampaio, chamam atenção para o fato de que os relatórios produzidos pelas autoridades no fim do século XIX, apontavam para uma situação habitacional semelhante, que destacava a precariedade dos cortiços infectos e insalubres situados nos bairros centrais da cidade. A principal preocupação era que uma possível epidemia afetasse toda a população.

Como foi abordado no capítulo anterior, o município realizou obras tentando modernizar a área central, porém, não se pode deixar de frisar o papel desempenhado, intencionalmente, pela iniciativa privada. A relação entre o setor público e privado foi uma faceta importante da modernização de São Paulo, levando, inclusive, a administração pública a oferecer incentivos para que o setor privado se dispusesse a colaborar na questão do higienismo. Portanto, permitiu que os empresários imobiliários atuassem conforme seu interesse segregando as pessoas, e empurrando as que viviam nos cortiços das áreas centrais para as áreas periféricas, pois estas representavam um “perigo” à situação sanitária. Neste processo que haverá uma contradição, uma vez que o crescimento da cidade não em função necessidade da maior parte da população e sim seguiu os interesses dos empresários imobiliários do período, que usaram a terra como reserva de riqueza e realizaram uma expansão maior que a necessária para abrigar a população da capital⁸⁷.

Apesar da preocupação com o saneamento e com as epidemias, esta questão não foi resolvida rapidamente. Em 1920, foram tomadas ações nacionais objetivando o combate às doenças endêmicas do país, como a malária e a doença de Chagas, para citar apenas as mais recorrentes. A população pressionava pela criação de um Ministério da Saúde Pública, por vislumbrar, nesta ação, um caráter nacional para o tratamento da saúde do brasileiro. Em fevereiro de 1918, representantes das elites política e intelectual fundaram a Liga Pró-Saneamento do Brasil, sob a direção de Belisário Pena. Este fato marcou a passagem de um período mais espontâneo da campanha sanitária para uma ação mais organizada. Nesta mesma época, a epidemia de gripe espanhola deu visibilidade a esta campanha e, em dezembro de 1919, foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que

⁸⁷ SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Habitação em São Paulo**. Usp Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, 2003, p.167.

garantiu maior amplitude aos serviços sanitários federais. A partir de então, a participação e a intervenção do Estado na área de saúde pública só tendeu a se ampliar e se solidificar.

Portanto, é possível perceber que a questão sanitária era uma discussão latente tanto antes da fundação do comércio Rizkallah Jorge e Cia, quanto depois, e foi por causa de uma destas epidemias que o comércio ganhou fama na capital paulista. Mario Rizkallah, neto de Rizkallah Jorge, conta que o lugar obteve grande fama principalmente depois de 1911, quando uma epidemia de febre amarela afetou a cidade e se alastrou rapidamente devido às condições sanitárias precárias. Aproveitando este contexto e o nicho de mercado que se criava em decorrência da saúde pública, tendo em vista o predomínio do higienismo e do sanitarismo na virada do século, Rizkallah Jorge passou a comercializar as boias para caixa d'água que fizeram com que seu estabelecimento passasse a ser conhecido como "Casa da Boia", e mudasse, conseqüentemente, sua razão social para "Casa da Boia S. A. Comércio e Indústria de Metais".

Outro ponto fundamental para se compreender a trajetória deste comércio está relacionado às tradições da cultura de Rizkallah. Para os sírio-libaneses, assim como para outras nacionalidades que afluíram ao Brasil, a família assume um papel central, tanto na vida dentro da casa, como no mundo dos negócios. Logo, a economia familiar terá muita importância nas fases iniciais destas empresas, já que no primeiro momento os negócios dependem do trabalho familiar. Truzzi destaca que "organizar a família para cooperar e sobreviver moldou a entrada do imigrante na nova sociedade. A célula familiar permaneceu o modo tradicional de compreender e de ordenar a vida⁸⁸". Logo, grande parte do sucesso dos empreendimentos da

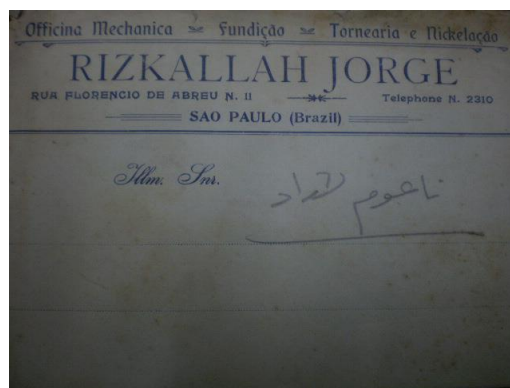


Figura 45 - Cartão de Visitas Rizkallah Jorge.
Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.



Figura 46 - Primeiras Boias comercializadas no local.
Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

⁸⁸ TRUZZI, Oswaldo M. S. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 330.

colônia sírio-libanesa se deu neste sentido, algo passível de ser verificado na administração da Casa da Boia. Os filhos de Rizkallah sempre trabalharam e frequentaram a loja, e se tornaram sócios em 1934.

Por todos os fatores mencionados anteriormente, tanto o fundador, como a Casa da Boia, enquanto lócus comercial, adquiriram notoriedade na cidade de São Paulo. Um claro indicativo disto está presente em um recorte de jornal arquivado no acervo da Casa da Boia. A matéria aponta que:

“Rizkallah Jorge (...) E' mais um grande luctador que São Paulo conta entre os seus industriaes. O sr.Rizkallah Jorge é perito em todos os artigos que sahem de suas bem montadas officinas. Tudo que diz respeito a fndição, tornearia e nickelaçãoelle executa com uma maestria inegalavel: alambiques, bombas, chuveiros, balanças, medidas, etc., são procurados de preferencia em sua casa e principalmente torneiras de qualquer feitio, pois é nesse artigo que elle revelou-se unico especialista em sua fabricação. Pelo bello mostuario que reproduzimos na página anterior vê-se que este dedicado industrial tambem concorreu ao grande certamen nacional expondo os magnificas trabalhos das suas correctasofficinas. Lá sem duvida saberão premiar com justiça a sua louvavel dedicação.”

As publicações de divulgação do local também dão destaque a seu fundador, mesmo as que tratam do período posterior a sua morte e aos prêmios recebidos, os objetos produzidos e seus mostruários premiados tanto na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil⁸⁹, quanto na Feira Internacional de Turim⁹⁰. Este é o caso da revista *Commercio e Industria* e de outro recorte, cuja autoria e publicação não foram passíveis de identificação, mas que contêm a foto de Rizkallah e faz menção ao prêmio de Turim. O texto é o seguinte:



Figura 47 - Mostuário Premiado nas Exposições.

Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia

⁸⁹ A exposição, ocorrida em 28 de janeiro e 15 de novembro de 1908, promovida pelo Governo Federal destinava-se a comemoração do centenário do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas. Tendo como principal objetivo, apresentar nova capital da república que havia passado por um processo de urbanização no período do prefeito Francisco Pereira Passos. Nela se exibiram produtos naturais e manufaturados, oriundos dos principais estados brasileiros.

⁹⁰ A Exposição de Turim, que teve como tema o trabalho e a indústria foi iniciada em 29 de abril de 1911. O evento contou com participantes do mundo inteiro, inclusive o Brasil. Esta Exposição proporcionou aos participantes a oportunidade de divulgar suas indústrias e produtos, sendo uma ótima oportunidade para fechar negócios.

"Casa da Boia, (...) Grande fabrica de artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, exgostos; arandellas e lustres para luz electrica. Premiada com o grande premio na Exposição nacional de 1908 - Medalha de ouro - Exposição de Turim 1911."

Pelas premiações recebidas, pelos objetos produzidos na Casa da Boia, fica clara a preocupação que havia com a qualidade técnica e com o *design* de seus produtos. Esta preocupação fez com que Rizkallah contratasse dois funcionários europeus para modernizar, otimizar e ensinar a fabricação de alguns objetos em sua indústria. O artesão desejava que sua produção estivesse de acordo com o que era feito em outros lugares, para tanto, contratou GroszeNipper por um período de dois anos, por doze mil réis por dia. Em contrapartida, este deveria se comprometer a não faltar ao trabalho e não trabalhar em nenhuma outra fábrica, caso isso ficasse comprovado seria imputada uma multa por rescisão do contrato. Nipper se comprometia, ainda, a cumprir com uma determinada produção diária, que compreendia “repuxar 12 boias e 50 chuveiros”, bem como “ensinar a um ajudante seu ofício”.

O outro funcionário contratado foi o alemão Wilhelm Lusting, contratado em 1912, para melhorar a parte de fundição, “tanto na moldagem como na preparação das ligas de metaes, fornecendo aos fundidores os respectivos modelos, conservando estes em boa ordem e concertando-os quando estiverem estragados”. Assim como Nipper, Lusting também se comprometeu a ensinar a outro funcionário os misteres referentes à fundição. Seu ordenado seria de 400\$00 no primeiro ano e 500\$000 no segundo. Descobriu-se que, Rizkallah também pagou as despesas de sua viagem.

A repercussão que os objetos vendidos pela Casa da Boia tiveram em São Paulo, pode ser identificada nas reportagens do jornal “O Estado de São Paulo” que tratam da venda de produtos da Casa da Boia para a municipalidade, mostrando que seu sucesso não se dava apenas com a iniciativa privada. As matérias de 1910 mostram que foram pagos “6\$000 a Rizkallah Jorge; (...) pelos materiaes fornecidos para as obras de quinta delegacia⁹¹”; “8\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos á Repartição de Aguas e Exgottos⁹²” e “28\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos dados para obra do prédio n. 1 da rua do Carmo⁹³”. Em seu acervo também constam comprovantes de compra, por parte do município, de objetos

⁹¹ Jornal Estado de São Paulo, 04 de setembro de 1910.

⁹² Jornal Estado de São Paulo, 06 de setembro de 1910.

⁹³ Jornal Estado de São Paulo, 04 de setembro de 1910.

tais como cano de chumbo, sifão de chumbo, torneiras de boia e ralos de cobre para obras do Ginásio do Estado, na rua Frederico Alvarenga, em 1931.

A Casa da Boia foi, sem dúvida, a principal atividade desenvolvida por Rizkallah e foi por meio do retorno financeiro que ela lhe forneceu - uma vez que o comércio passava por um momento de franca expansão em decorrência do aumento populacional - , que Rizkallah pode diversificar suas aplicações para diversos setores, como atividades imobiliárias e importação e exportação de cargas. A escolha pelo investimento nesses ramos se deu pelo contexto urbano da capital paulista.

4.2 RIZKALLAH E SUA INSERÇÃO EM DIVERSOS SETORES

O cenário urbano e cultural de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, será o de uma capital cosmopolita composta por mais de 40% de estrangeiros em sua população⁹⁴. Como consequência desta nova composição da população e do processo de modernização pelo qual a cidade passava, novos costumes foram criados, novas formas de sociabilidade e de usos do espaço foram estabelecidas. A autora Sabrina Costa destaca que essa nova forma de vida se colocou de maneira profunda a todos os cidadãos da cidade, estas modificações impactaram a todos, inclusive aqueles que não possuíam um poder aquisitivo que lhes propiciasse o conforto da modernidade, como, por exemplo, a aquisição de aparelhos domésticos que facilitavam a vida no lar, ou até mesmo, de gozar as “benesses” do lazer, como frequentar as diversas salas de cinemas existentes na cidade⁹⁵. Apesar de nem todos estes elementos serem acessíveis à plenitude da cidade, de fato, pode-se afirmar que todos foram afetados pelo novo ritmo que a cidade em franco processo de modernização estabelecia, quer seja pelas novas vias e rodovias que interligavam os espaços, ou pelas novas tecnologias que geravam uma nova concepção de espaço a respeito das distâncias⁹⁶.

Porém, não foram apenas as modificações de cunho social que influenciaram a vida dos cidadãos, surgiram, também, outras de caráter econômico. Três fatores serão primordiais para

⁹⁴LEMOS, CARLOS. **Ecletismo em São Paulo**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.73.

⁹⁵ COSTA, Sabrina F. S. **Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.10, 2009, p.17.

⁹⁶BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.15.

a nova forma de investimento que passará a ter grande popularidade na cidade. O primeiro fator, destacado por Antônio Egydio, é que após a falência do Banco Mauá, em 1875, a população passou a desconfiar dos estabelecimentos bancários, deslocando suas aplicações para outros ramos que consideravam mais seguros.

O segundo, será pontuado por Carlos Lemos, que considera que as riquezas proporcionadas pelo café, pela indústria e, até mesmo, pelo capital estrangeiro foram atraídos para as atividades rentistas como consequência do esgotamento das concessões de ferrovias e de serviços públicos de eletricidade e transporte. As atividades imobiliárias, conseqüentemente, irão ganhar destaque frente aos outros investimentos que haviam sido populares até então. O autor ainda destaca o fato de que o aluguel, além de ser bastante rentável, em determinado momento casas de porte médio se igualaram aos juros pagos pelas ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Apesar da afirmação de Carlos Lemos a historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, mostra que os ganhos com aluguel já era parte importante da vida econômica da cidade em meados do século XIX⁹⁷.

O terceiro e último fator se dá no fato de a capital paulista, que se expandia com enorme rapidez, ter uma enorme demanda por moradias, que aumentava cada vez mais conforme as pessoas se deslocavam do campo para a cidade. Portanto, este processo estimulava a construção de habitações, e a escassez destas, que tornava a procura maior do que a oferta elevava o preço dos aluguéis, dando aos investidores do empreendimento imobiliário a garantia de uma rentabilidade elevada. A expansão no número de habitações está indicada em Lemos: "em 1900, a capital do café abriu o século com vinte e um mil prédios construídos no perímetro urbano, em 1910, as construções chegaram a trinta e duas mil"⁹⁸ Nota-se que houve um aumento mesmo se considerando as construções de taipa que foram substituídas.

A propriedade imobiliária passou a representar a principal forma de riqueza; ela era a manifestação exterior do *status* de seu proprietário, e por seus rendimentos era também a principal forma de ampliá-la. Paulo César Xavier Pereira coloca que a propriedade imobiliária substituíra a riqueza antes representada pela propriedade de escravo⁹⁹.

⁹⁷ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização**. São Paulo: Alameda, 2005.

⁹⁸ LEMOS, CARLOS. **Ecletismo em São Paulo**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.73.

⁹⁹ PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). Habitação e cidade. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

Durante o processo de expansão urbana financiado e, em grande parte, realizado pela iniciativa privada, diversas parcelas da população irão empregar seus rendimentos na aquisição de terrenos e na construção¹⁰⁰. Investidores de diversos portes, desde pequenos comerciantes até grandes capitalistas que construíram bairros inteiros irão surgir neste ambiente econômico. Raquel Ronilk destaca que este processo não se trata apenas da expansão do número de construções, mas, sobretudo, das transformações econômicas, nas relações entre proprietários e locatários e na figura do empreendedor imobiliário, um “capitalista”, segundo termos da época¹⁰¹.

Se inserindo neste período em que as atividades rentistas ganhavam força, podemos identificar em Rizkallah Jorge a característica do capitalista da época o mesmo realizou uma série de empreendimentos com o fim imobiliário - abordados detalhadamente no capítulo anterior. Estes empreendimentos - os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Aleppo, na Rua Carlos de Souza Nazaré; um prédio, no número 1003, 279, 285 e 84, da Rua 25 de Março; 15 da Rua Florêncio de Abreu e uma casa na Senador Queiroz – permitem colocá-lo como um proeminente investidor nas “rendas de aluguel”, assim como foram outros paulistas de sua época, como José Paulino Nogueira, Nhonhô Magalhães e o próprio Comendador Martinelli¹⁰².

As construções de Rizkallah Jorge expressam uma característica do período: a verticalização seus palacetes Aleppo, São Jorge e Paraíso possuem cinco, seis e sete andares respectivamente. Para Fernando Atique, a verticalização, além de incrementar a produção rentista, também foi uma possibilidade de introduzir modificações no espaço que se tornaram



Figura 48 - Contrato de Locação.
Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

¹⁰⁰ Antônio Egydio. *São Paulo Antigo (1554 a 1910)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p.23.

¹⁰¹ ROLNIK, R. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1997, p.104.

¹⁰² ATIQUE, Fernando. *Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004.

marcantes na paisagem. Logo, o edifício coletivo e vertical mais do que apenas incrementar as riquezas, serviria para criar e representar uma projeção social de seus “promotores”¹⁰³.

Alguns contratos de locação presentes no acervo pessoal de Rizkallah mostram como esta atividade era desempenhada. Como exemplo, tomemos o contrato de 1939, que trata da locação do apartamento 308, do 3º andar, do prédio situado no número 829 da rua Anhangabahú, por parte de Dona Anita Sagre, nele fica estabelecido que esta senhora se compromete por seis meses, a pagar a quantia de 330\$000 mil réis mensais. As cláusulas do contrato são as seguintes:

"O locatario se obriga: a) a manter os soalhos encerados; b) a conservar com devido asseio os apartamentos; c) a não perturbar os socego dos visinhos; d) a não espetar pregos ou guarnições que estraguem as paredes; e) a não ter cães ou quaisquer outros animaes ou aves que possam incommodar os inquilinos do predio; f) não andar em trajes menos decentes, no patamar das escadas e terraços; g) a manter em perfeito funcionamento as installações conforme é entregue: de gaz, electricidade, esgotos, torneiras, fogão, fechaduras, aparelhossanitarios, conservar vidros e marmores, pinturas, para assim restituil-os quando findo ou recindido este contracto, e substituir, por igual qualquer estrago ou quebra a sua custa¹⁰⁴"

O formato do contrato e suas cláusulas indicam que a atividade de locação possuía um aparato legal que a apoiava, não sendo apenas um trato verbal. Também em seu acervo foram compulsados outros contratos, tais como o dos zeladores Sylvio Casari e sua esposa, que irão receber um ordenado de 300\$000 mil réis, para abrir as portas, retirar o lixo, limpar o hall, varrer os corredores, chamar atenção das pessoas que infringirem o regulamento. Existem, também, os contratos referentes às pessoas da tabela abaixo:

| Locatário | Aluguéis Rs | Endereço | Data |
|------------------------|-------------|------------------------|------------|
| Gabriel Massud (?) | 500\$00 | Florêncio de Abreu, 15 | 24/07/1914 |
| Rachid Flaifel e Elias | - | Florêncio de Abreu, 15 | 22/04/1920 |
| Nunes Curi | 360\$00 | 25 de Março, 283 | 21/02/1918 |
| Wadi Corbous | - | - | |
| João ferro | 550\$00 | Florêncio de Abreu, 17 | |
| Calil Zaccur | - | - | |
| Angelina Buerrenbach | 360\$00 | Anhangabahú, 142 | 01/01/1931 |
| JeovaniGionanni. | - | - | |

¹⁰³ ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004, p. 46.

¹⁰⁴ Acervo Casa da Boia. Contrato de Aluguel.

Os palacetes e outros imóveis foram alugados tanto para residências, quanto para áreas comerciais em seus pisos térreos. O sírio-libanês também era proprietário de um local chamado Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, e possuía contratos de locação referente a este espaço, mostrando sua diversificação de propriedades e de classes sociais com quem tratava, já que o automóvel era, neste momento histórico, um produto de luxo na capital. Em virtude da sua atuação no mercado imobiliário, o imigrante pode ser considerado como um típico capitalista do período, porém, suas atividades financeiras não se limitaram ao comércio e aos aluguéis, entre a gama de negócios desenvolvidos por Rizkallah podemos identificar em seu acervo documental a importação e exportação de cargas, sendo que alguns episódios se destacam.

O primeiro, se refere a uma compra datada de 14 de setembro de 1916 por parte da *Wilson Sons & Cia Limited* de vinte toneladas de cartuchos vazios. Esta companhia pagou mil e cem réis pelo quilo dos cartuchos e estes deveriam estar acondicionados devidamente para serem embarcados no Porto de Santos. A Companhia Wilson Sons, exigiu que Rizkallah lhes fornecesse uma certidão atestando que as embalagens continham o mesmo conteúdo dos cartuchos.

Apesar de todas estas precauções tomadas pela companhia, esta transação não parece ter acontecido da forma esperada. No acervo, estão presentes diversas correspondências que irão tratar do desenlace das discussões a respeito desta carga. A primeira que introduz a questão segue a seguir:

"Amigo e Senhor: Juntamos a presente copia da correspondencia de n/ Casa Matriz com diversos, a respeito dos cartuchos vazios que compramos de V. S. e por nós embarcados para a Inglaterra pelo vapor "Cardiganshire". Conforme já tivemos occasião de lhe informar verbalmente, foi verificado na Inglaterra, que muitos desses cartuchos estavam carregados, em completo desacordo, portanto, com o que foi estipulado em n/ compra pela qual V. S nos deveria fornecer cartuchos vazios de latão. Alem disso, esse facto nos collocou em situação muitissimomelindrossa para com o Governo Ingles e para com a Mala Real que nos responsabilizaram pelos danos que fossem causados por estarem os cartuchos carregados. Felizmente nãohouve prejuízos apesar de ter havido diversas explosões, mas sobre o preço convencionado como o Governo Ingles tivemos que fazer uma reduçção de 5-0-0 por tonelada sobre doze toneladas ou seja uma differença total para menos de 60-0-0. Tendo sido obrigados a fazer essa concessão unicamente devido ao facto de V. S. não nos terem fornecido material de accordo com o que foi estipulado, não estamos dispostos e nem podemos tomar com todo esse prejuízo. Não fazemos, porem, questão de perder a metade comtanto que V.S. nos indemnisse pela outra metade ou

seja Rs 600\$000 e esperamos sinceramente que V.S., verá a justiça do que acabamos de expor (...) ¹⁰⁵"

A situação, como verificada na transcrição acima, se deu porque o carregamento de 232 barricadas de cartuchos enviadas para a Inglaterra não estavam em conformidade com a amostra enviada. Quando a *Wilson Sons* recebeu a carga, esta pode constatar que os cartuchos estavam muitos deles com balas e parcialmente enchidos com pólvora altamente explosiva, algo que poderia ter causado uma enorme explosão no vapor que a transportou, portanto, as cartas da companhia chamam atenção para o fato de que esta descrição falsa poderia ter ocasionando a perda de vidas, além de outras consequências extremamente graves.

Em virtude de todos os transtornos causados, inclusive uma taxa de indenização em conformidade com o Decreto de Navegação Mercante de 1894 e 1905, a empresa inglesa exigiu que lhes fossem feito um abatimento no valor total da carga, minimizando, segundo alegava, os prejuízos.

Outro episódio que retrata a importação de cargas se refere a uma carga de oito fardos de tabaco em folha vindas pelo vapor *Benjamin*, os documentos contidos no acervo tratam do seguro feito por Rizkallak sobre sua carga por meio da *La Italia*, companhia de seguros marítimos, fluviais e terrestres. O serviço contratado assegurava a carga contra incêndios no trajeto de Buenos Aires até Santos, após chegar a Santos, segue o comprovante da São Paulo Railway Company de maio de 1915, com as taxas pagas para que a mercadoria fosse despachada na estação do Pari, bem como os comprovantes de pagamentos de impostos sobre o consumo estrangeiro.

Há também uma contenda a respeito de uma importação de tubos de cobre do vapor *Widewake* vindo de Nova York, em 1947. Esta durou 16 anos, sendo resolvida apenas em 1963, após a morte de Rizkallah. A questão se deu em torno do fato de que os impostos cobrados sobre os tubos de cobre se referiam não a seu aspecto e forma que apresentavam no momento do despacho, mas, sim, sobre o que poderiam ser transformados no futuro, portanto, a quantia paga foi muito maior que a devida. Os filhos de Rizkallah tiveram ganho de causa pelo Conselho Superior de Tarifa e foram ressarcidos.

¹⁰⁵ Acervo Casa da Boia. Carta tratando de compra de cartucho vazio.

O maior volume documental do acervo é composto por recibos que possibilitam compreender a inserção de Rizkallah Jorge dentro de uma rede de negócios internacional, que ultrapassavam as fronteiras brasileiras. Os recibos contam com o selo dos mais diversos bancos ao redor do mundo, como o *Nacional Bank of New York*, *London & River Plate Bank*, *The Royal Bank of Canada*, além de dezenas de outros bancos. Estes recibos tratam tanto do pagamento de dívidas, quanto da compra de moedas estrangeiras, como pesos, libras esterlinas para a realização de transações comerciais, como o caso a seguir:



Figura 49 - Recibo de Transações Comerciais com o London & River Plate Bank..
Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

"N'esta data o Sr. Rizkalla Jorge, me comprou as seguintes cambiaes: Krs. 2.000.000 (dois milhões de coroas austriacas) saque sobre Vienna, a taxa de 2/90 9dois reis e noventa). Mks. Pol. 2.000.000 (dois milhões de morcos polacos) saque sobre Varsovia, a taxa de 4. (quatro reis)¹⁰⁶"

Este caráter internacional pode ser percebido também em suas ações de filantropia, pois além dos recibos de doações nacionais - tal como à Campanha de Solidariedade na Defesa contra a Lepra -, há, também, recibos de suas doações internacionais, como as feitas ao fundo britânico da Cruz Vermelha¹⁰⁷, à Campanha de Arrecadação aos feridos da Guerra Otomana do Consulado Otomano e aos *Frères & Soeurs de Guerre*, dentre outros.



Figura 50 - Recibo de Doação.
Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

¹⁰⁶ Acervo Pessoal Rizkallah Jorge. Carta sobre compra de moeda estrangeira.

¹⁰⁷ Reportagem Folha de São Paulo de 21 de julho de 1932 também faz menção a esta doação.

4.3 SEU PODER SIMBÓLICO E A ATIVIDADE FILANTRÓPICA

A filantropia desempenhada por Rizkallah Jorge, possivelmente foi o principal fator que contribuiu para afirmá-lo dentro das comunidades que frequentou e contribuiu para a sua formação como uma figura mítica; suas benemerências lhe tornaram um símbolo.

Esta atividade possui uma centralidade nas famílias sírio-libanesas, funcionando como uma espécie de elo entre estas pessoas que passaram pelo processo migratório. No local onde estas famílias se reestabelecem elas criam redes de ajuda mútua e de manutenção de costumes por meio das instituições filantrópicas. Um dos exemplos para entender o papel que a filantropia tem dentro desta comunidade é o Orfanato Lar Sírio¹⁰⁸, criado por uma comunidade de imigrantes vindos de Homs, o lar é mantido até os dias de hoje pela colônia sírio-libanesa de São Paulo. A história deste orfanato permite que se perceba em que grau a coletividade se une em torno de um propósito - formar um orfanato - mostrando que a história da imigração está intimamente ligada ao surgimento das instituições filantrópicas. O próprio Rizkallah Jorge Tahan foi um dos grandes colaboradores desta instituição, pelo fato de ter realizado doações vultosas, foi lhe feita uma homenagem, batizando uma das alas do orfanato com seu nome¹⁰⁹.

Outro episódio que ajuda a dimensionar a importância desta questão se dá em torno de uma revista contida em seu acervo pessoal. A “Al-Kálimah”¹¹⁰ possibilita entender e interpretar o papel que a filantropia adquiriu na trajetória de Rizkallah. A revista síria é uma edição especial feita em sua homenagem, como uma forma de agradecimento por uma doação feita que possibilitou evitar sua falência. Em seu conteúdo consta toda a correspondência trocada entre ele e os redatores da revista para que a doação pudesse ser realizada. A reprodução de

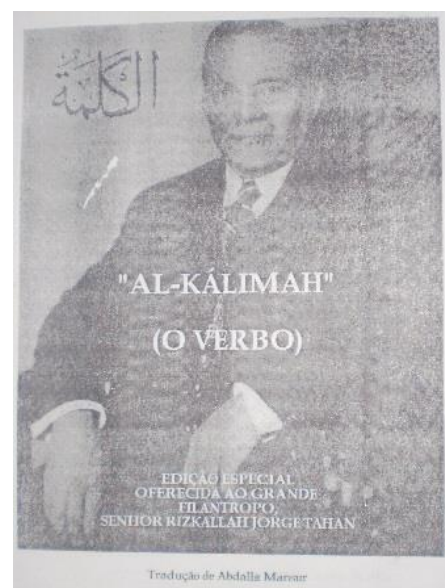


Figura 51 - Capa da Edição Especial da Revista “Al- Kálimah”.

Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

¹⁰⁸ SOUKEF, Antônio. **Os Cinco Órfãos**. São Paulo: Dialetto, 2005.

¹⁰⁹ Estado de São Paulo 25/12/1942.

¹¹⁰ Tradução de Abdallah Mansur “O Verbo”.

reportagens sobre como a doação repercutiu na região, bem como a correspondência a respeito da medalha de mérito concedida pelo Governo sírio a Rizkallah Jorge assumem importância. O editor da revista também encomendou obras como poemas para homenageá-lo e uma biografia escrita, em 1934, por Fáres Dábague, presidente do Esporte Clube Sírio.

A revista mostra que por meio da benemerência, Rizkallah Jorge, foi reconhecido publicamente em sua cidade natal, recebendo uma medalha de mérito, gerando uma espécie de adoração à sua figura por meio dos poemas encomendados pela homenagem da revista. A exemplo: “Alegra-te e regozija-te, ó Cidade de Alepo, a Branca, porque tu continuas a dar à luz a filhos devotados, que fazem subir o teu prestígio e elevam cada vez mais a tua posição¹¹¹”

Portanto, esta doação fez com que ele obtivesse uma posição de destaque tanto em sua comunidade natal quanto na sociedade em que vivia, pois podemos perceber que até em São Paulo a notícia de sua homenagem teve uma repercussão, tendo em vista que o presidente do Clube Sírio, em virtude de saber da homenagem por espontânea vontade, sentiu-se na obrigação de escrever uma biografia de Rizkallah.

Observa-se, com estes dois episódios que a benemerência realizada por Rizkallah lhe propiciou um poder simbólico. De acordo com as concepções de Durkheim as funções sociais exercidas pelos agentes tendem sempre a se transformar em funções políticas¹¹². Em decorrência deste fato, os sistemas simbólicos passam a representar, também instrumentos de poder de legitimação da ordem vigente. Este poder cumpre ainda com uma função agregadora dentro de si, pois vemos que as comunidades tendem a se unir ao redor de seus símbolos culturais.

Um dos exemplos que permite compreender o poder simbólico deste imigrante por meio de sua benemerência se dá na carta a seguir:

“SR. RIZKALLAH JORGE TAHAN

Tem uma cabeça alongada, a sua testa é larga, suas bochechas são planas, até o término do maxilar inferior e o seu queixo é bem acabado. E assim ela tem uma aparência perfeitamente proporcional no seu conjunto, suas feições são nítidas e a sua parte superior não é diferente, em tamanho, e inferior.

Tem dois olhos abertos com delicadeza, há em suas duas pupilas um brilho suave, que irradia mensagens de compaixão e carinho.

¹¹¹ Homenagem contida na Revista “Al-Kálimah”.

¹¹² BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a, p.30.

É como se você, ao olhar para o traçado de seu rosto e para o comprimento e a proporcionalidade que ele contém, tivesse a impressão de ver surgir na sua frente um daqueles capitalistas americanos, que foram chamados de reis, como "Ford", "Rockefeller", "Morgan" e outros. Pois, há em seu semblante muita semelhança com aqueles ricos, dos quais nos separa o Oceano Atlântico.

Sim, o Sr. Tahan em sua aparência é americano nos seus trajes, porém é árabe em seu íntimo e em seu sentimento. Se houver nele algum traço de moralidade americana seria o de ser um daqueles americanos filantropos, que doam dinheiro, generosamente, por amor à Humanidade e que não fazem distinção entre um povo e outro ao fazerem as suas doações, mas o que lhes interessa é ajudar todo necessitado, socorrer toda pessoa atingida pela desgraça e levar adiante todo projeto beneficente ou construtivo.

Se compararmos o Sr. Rizkallah aos donos das grandes fortunas do Novo Mundo e aos seus filantropos, não estaremos sendo exagerados, pois mesmo se a sua fortuna não puder ser comparada às fortunas de Ford, Rockefeller, Morgan e outros reis da riqueza, ele é considerado um dos grandes ricos de nosso país e dos países de imigração.

Se olharmos para a sua fortuna, em relação às fortunas dos grandes filantropos americanos, donos de bilhões, veremos que ele não é menos filantropo do que eles.

Na sua terra natal, a Cidade Branca (Alepo), ele fez tanta caridade, que este espaço não é suficiente para enumerá-la. todavia, basta-nos dizer que ele distribuiu grandes somas de dinheiro para os necessitados e idosos, doou para a reanimação do projeto da Associação Al-Kalima (O Verbo) mil libras otomanas de ouro. Este pródigo patriota continua a dar prosseguimento às suas doações, de modo que não passa muito tempo sem que ele faça uma boa e notável obra e uma caridade generosa. Como é bom quando a riqueza está nas mãos de pessoas como este homem magnânimo. Como seria bom se os nossos ricos da Síria e dos países de imigração copiassem o seu exemplo e purificassem o seu dinheiro com um pouco de caridade, mesmo que mínima, pois a purificação traz bênção e abundância às fortunas. Que valor tem um rico que só trata de juntar dinheiro e não gasta nada dele em benemerência e filantropia?

Os nossos abastados devem tomar o Sr. Tahan como exemplo, pois ele graças à sua fortuna e generosidade é um motivo de orgulho para a Pátria Síria. Se pudéssemos computar tudo aquilo que ele despendeu em beneficência e construção, teríamos um acervo tal, que seria suficiente para lhe ser erguida uma estátua do mais puro ouro. No entanto o Sr. Tahan tem estátuas muito mais valiosas do que essa: são as estátuas de amor e gratidão, que estão sendo construídas para ele nos fundos dos corações das pessoas, que ficam aclamando o seu nome e mencionando, eternamente, as suas caridades e as suas mãos bondosas e generosas¹¹³.

Nela é possível perceber tanto o prestígio quanto o poder exercido por Rizkallah dentro da comunidade que convivia. Na carta, ao serem retratados aspectos físicos, por exemplo: os “olhos abertos com delicadeza que denotam compaixão” pode-se perceber como esta figura era bem quista e tratada com carinho por seus pares. A admiração também fica evidente ao se descrever as diversas obras de caridades feitas por estes e, por fim, ao ser comparado com homens como Rockefeller. Ao ser mencionado o tamanho de sua fortuna, fica claro que a comunidade em que este exerceu sua influência sabia da dimensão de seu poder tanto econômico quanto político.

¹¹³ Acervo Pessoal Rizkallah Jorge. Carta sobre compra de moeda estrangeira.

O aspecto agregador do poder simbólico de Rizkallah pode ser identificado tanto no sentido de criar uma rede da comunidade em torno de suas atividades filantrópicas, quanto no fato de ter abrigado os membros recém-chegados até que pudessem se estabelecer na cidade. Isto foi importante, principalmente após os anos 20, em que muitos fugiram dos massacres ocorridos na Turquia. Michel Necessian, em entrevista a Carlos Chirinian, relata sobre esta situação, destacando que as pessoas fugidas do massacre desembarcavam no Porto de Santos em situações precárias e portando poucos pertences. Relembra, também, um episódio:

“Um dia, um armênio já radicado em Santos soube que uma leva de conterrâneos seus havia chegado ao porto. Foi até lá, levou-os à estação ferroviária e os ajudou a embarcar para a capital. Aqui chegando, não tendo onde morar nem para onde ir, foram recebidos por Rizkallah Jorge, que os abrigou num casarão que possuía na esquina da antiga Rua Anhangabaú com a Barão Duprat. Era um grande galpão de três andares, onde o benemérito abrigava as famílias. Estas, permaneciam lá por cerca de dois ou três meses, até terem condições de se mudar para outro imóvel e liberar o espaço para novas levadas de imigrantes. O espaço de cada família era delimitado por cortinas.”

Outro entrevistado, o Sr. Agob Guludjian¹¹⁴ relata ao mesmo entrevistador “que o salão onde o Padre Gabriel Samuelian rezava missa, na Rua Florêncio de Abreu, havia sido igualmente cedido por Rizkallah Jorge”. A entrevista de sua nora Maria Demargos Rizkallah¹¹⁵, também corrobora estes depoimentos:

“Meu sogro ajudou muitos os armênios que vinham; chegavam aqui, não sabiam falar, não tinham nada, não tinham dinheiro. Ele comprou uma casa grande, com muitos quartos, e a cada família que vinha dava um quarto (...) fazia tudo para eles (...). Depois, meu sogro fez uma Igreja para eles (...)”.

Portanto, identifica-se em Rizkallah uma rede, aos moldes da concepção de Oswaldo Truzzi que considera que no processo migratório mais importante que as questões estruturais do local para onde partem e as questões econômicas que os fazem partir, é o papel do agente e a rede criada em torno deste. Para o autor, a troca de informação, as relações de complementaridade e de entreajuda serão fundamentais para a migração sírio libanesa. Essa relação se estabelece tanto na acolhida dos recém-chegados pelos que aqui viviam, quanto, comercialmente, nas relações que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes. Tanto em mecanismos de facilidade de crédito, de fornecimento e de entre favorecimento,

¹¹⁴ Disponível em: <<http://www.cao.org.br/rizkallahjorge.aspx>> Acesso em 04/02/2013.

¹¹⁵ Entrevista Maria Demargos Rizkallah. GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

este apoio mútuo foi um elemento importante para as atividades econômicas desta colônia¹¹⁶. Por fim, Rizkallah, frente a seus funcionários, também têm uma imagem de prestígio. As fotos contidas na parte iconográfica de seu acervo mostram fotos de jantares com seus funcionários em sua casa. O patrão os convidava para um almoço junto de seus familiares em sua casa na Avenida



Figura 52 - Funcionários na Festa de Natal em sua residência na Avenida Paulista.

Fonte: Acervo Pessoal Casa da Boia.

Paulista, indicando que era uma pessoa muito acessível a seus funcionários. Algo que criou a imagem de um patrão exemplar junto de seus funcionários.

Tanto o poder simbólico quanto o poder político exercido de maneira quase imperceptível por Rizkallah Jorge só foram possíveis graças à urbanização pela qual passou a cidade de São Paulo. Bourdieu destaca que o sistema simbólico e político só pode existir no espaço urbano, pois a dispersão espacial da população rural dificulta as trocas econômicas e simbólicas e, em consequência, a tomada de consciência de interesses coletivos¹¹⁷.

Posto isto, pode-se perceber que Rizkallah Jorge Tahan desempenhou papel importante na urbanização de São Paulo, mas, igualmente, produziu, intencionalmente, eventos, fatos e representações que o destacam na história social da imigração sírio-libanesa ao Brasil.

¹¹⁶ TRUZZI, Oswaldo M. S. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p.328.

¹¹⁷ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.35.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudar diversos aspectos que permearam a vida de Rizkallah Jorge Tahan ao longo dos capítulos anteriores, tornou-se evidente que seus empreendimentos expressam por meio de “entalhes do tempo” uma série de “histórias” que exprimem as necessidades e as demandas de um determinado período. As ruas em que Rizkallah teve propriedades – algumas das quais se mantêm até os dias de hoje – são locais de grande circulação de pessoas em decorrência do comércio. Apesar de serem ruas bastantes movimentadas, as pessoas que transitam por estes locais, não veem estes edifícios como portadores de uma narrativa.

Este fato mostra a importância de estudar o passado das cidades, tanto para restituir o atual ambiente urbano de significado e experiências, quanto para fazer com que antigos cenários da vida não caiam no esquecimento. Portanto, o estudo da urbanização é importante para a preservação da memória, principalmente em uma cidade que por sua pujança econômica passa por modificações a todo o tempo.

Se, em um primeiro momento, a pesquisa se deparou com projetos que eram compostos de uma série de técnicas e materiais construtivos, em uma análise mais profunda, foi percebida a necessidade de se estudar o seu promotor, pois ele e suas obras, são indissociáveis. As construções mais do que serem apenas um elemento na trajetória de Rizkallah na capital paulista, são a síntese desta como um todo. Cada vez mais foi possível ver as obras como monumentos cunhados por seu proprietário para perpetuar seu legado frente aos cidadãos paulistas. Sua importância enquanto interventor no espaço urbano pode ser identificada por várias chaves, sendo, uma delas, o próprio fato de que quatro de seus empreendimentos são tombados como detentores de importância histórica, a saber: o Palacete Aleppo, Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e a Casa da Boia.

Portanto, estudar os empreendimentos de Rizkallah Jorge, significa conhecer: o momento de introdução de mudanças no espaço sanitário de São Paulo, que foi imprescindível para seu sucesso com sua indústria e que possibilitou seu enriquecimento; a imigração e os fatores que propiciaram sua vinda, relacionados à riqueza crescente na capital ligada ao café e à vinda de imigrantes sírio-libaneses que criaram redes de informação; e, por fim, tanto as suas relações de sociabilidade, quanto de identidade, que constituiu reafirmando seu poder simbólico.

Com este recorte específico, a riqueza que os estudos sobre a urbanização apresentam, fica evidente, mostrando que neles estão imbricados aspectos políticos, econômicos e sociais, que podem ser simbolizados por uma única edificação. Este, associado à questão migratória, permite que se utilizem diversas fontes e que se possa realizar uma interdisciplinaridade,

cruzando história, geografia, demografia, economia e sociologia, algo postulado pela escola dos *Annales*.

Portanto, ao partir de suas iniciativas na capital se chega ao ator social que se envolveu com uma série de atividades que denotam o cosmopolitismo que passava a tomar conta do ambiente na virada do século XIX para o XX. Tanto a mentalidade da população, quanto as construções e usos da cidade passaram por transformações.

Rizkallah Jorge teve um papel ativo neste contexto, e a pesquisa identificou sua relevância no período, algo comprovado pela repercussão que seus atos filantrópicos, tanto para a comunidade paulista, quanto para a Síria, tiveram nos jornais e pela cobertura da imprensa a respeito de sua morte. Isto, somado a sua intensa atividade financeira fizeram com que Rizkallah Jorge mantivesse sua posição junto à comunidade que convivia.

Estes elementos ligados à sua trajetória contribuíram para o surgimento de uma imagem mítica a seu respeito, corroborada por sua família. Nos depoimentos é sempre repetida a visão de que Rizkallah foi um imigrante que veio sem dinheiro e estudo, mas por meio de sua habilidade artesanal e trabalho conseguiu enriquecer, indo morar na Avenida Paulista um dos locais de moradia das classes mais abastadas do período. Seu neto, Mario Roberto Rizkallah, apesar de nunca ter conhecido seu avô, conhece toda a sua trajetória, pois está imbuído da tarefa de preservação do legado da família. Todos estes fatores mostram como o poder simbólico do imigrante foi bastante grande dentro das comunidades em que frequentou.

A pesquisa foi relevante para problematizar algumas hipóteses aceitas no campo da imigração e no campo da urbanização: a ideia de enquistamentos tanto espacial quanto de atividades econômicas em decorrência de uma determinada nacionalidade. Esta hipótese não é algo que se possa aplicar ao caso específico estudado, já que ao longo dos capítulos foi possível compreender que os locais em que se inseriam seus empreendimentos e suas atividades financeiras podem ser atribuídos muito mais ao momento em que vivia a cidade de São Paulo do que propriamente a um comportamento da colônia sírio-libanesa radicada na cidade.

Analisando o processo de urbanização de São Paulo foi possível perceber que as edificações de Rizkallah se localizavam em locais que passavam por uma série de planos de melhoramentos por estarem em áreas privilegiadas da cidade, sendo lugares em voga no período, como a Várzea do Carmo, o Anhangabaú e a Avenida Paulista, não caracterizando um espaço privilegiado por determinado grupo. Suas atividades financeiras também passam por esta mesma situação, pela variedade de negócios que se envolveu percebe-se que

Rizkallah era muito mais um empreendedor capitalista que um imigrante sírio-libanês que seguia um modelo de negócio proposto pela comunidade.

Porém, ao analisar a memória de Rizkallah Jorge, em entrevistas com seus familiares e na bibliografia, o que se nota é seu envolvimento com a atividade comercial, estando suas outras faces esquecidas para privilegiar apenas este aspecto. Tudo o que foi escrito sobre ele trata de sua atuação na Casa da Boia, deixando de fora todas as suas atividades imobiliárias e empreendimentos financeiros.

Talvez, ligá-lo a esta atividade específica, seja uma tentativa da colônia de imigrantes – que é a principal a se envolver com o comércio - de criar uma identidade, uma vez que ao passar pelo processo migratório foi necessária sua reformulação com aspectos que conectassem todos estes imigrantes.

Por fim, Rizkallah Jorge foi muito mais cosmopolita - tanto em seus empreendimentos imobiliários quanto financeiros - do que um homem que procurava continuar uma tradição de um determinado grupo de imigrantes numa terra distante do Ocidente, onde, compatriotas aportaram.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMARÍLIO JÚNIOR. **As vantagens da imigração síria no Brasil**. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935.p 39.
- ATIQUÊ, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- BLAJ, Ilana. **A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727)**. Tese de doutorado, USP, 1995.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992ª.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002.
- CAMPOS, Eudes. **Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana**. An. mus. paul. 2005, vol.13, n.1, pp. 11-57.
- COSTA, Sabrina F. S. **Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.10, 2009.p.15-34.
- DUOUN, T. **A imigração sírio-libanesa às terras da promessa**. São Paulo: Árabe,1944.
- FAUSTO, Boris. **Imigração e Política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995.
- _____. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- GATTAI, Zélia. **Anarquistas Graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- GOULART, Alípio. **O Mascate no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro Editora. 1967.
- GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão**. 1ed. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 1985.

HALL, Michael. **Imigrantes na cidade de São Paulo**. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História**. São Paulo: Projeto, 1984.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambi, 1960.

KORAICHO, Rose. **25 de Março: memória da rua dos árabes**. São Paulo: Koema, 2004.

LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. **São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

LEMOS. Carlos A. C. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo. Nobel: 1989.

LEMOS, CARLOS. **Ecletismo em São Paulo**. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

PARETO, Lindener. **O Cotidiano em Construção: Os “Prático-Licenciados” em São Paulo (1893-1933)**. Tese de mestrado, USP, 2011.

PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p88.

MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula: sociedade e Arquitetura no Brasil séculos XVII a XX**. São Paulo, Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização**. São Paulo: Alameda, 2005.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida**. Tese de Doutorado-FFLCH, USP. São Paulo, 2006.

_____. **Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar**. Tese de Doutorado-FFLCH, USP. São Paulo, 1998.

PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998.

PINTO, P. G. H. R. . **Grupos Étnicos e Etnicidade**. In: Antônio Carlos de Souza Lima. (Org.). *Antropologia & Direito: Temas Antropológicos Para Estudos Jurídicos*. 1ed. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA, 2012, v. 1, p. 68-78.

PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. Pág 88.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1997.

SAFADY, Jorge Salim ET AL. **História da Imigração no Brasil: as famílias**. São Paulo: IBB, 2003.

SALLEM Jean. **O Povo Libanês: ensaio de antropologia** (Tradução Antoine Boueri) São Paulo: Editora Van Grei.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002.

SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Habitação em São Paulo**.Usp Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 167-183, 2003. P167.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Várzea do Carmo, Lavadeiras, Caipiras e “ Pretos Véios”**. In Memória e Energia. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 27. 2000.

SANTOS FILHO, Lycurdo de Castro; Novaes, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas, 1889-1900**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do séc. XIX ao XX**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUKEF, Antônio. **Os Cinco Órfãos**. São Paulo: Dialeto, 2005.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. **As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, n.suplemento, p. 41-66, 2004.

TELAROLLI Jr., Rodolpho: **'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'**. *História, Ciências, Saúde —Manguinhos*, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996.. P139.

TIRAPELI, Percival. **São Paulo Artes e Etnias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: ExLibris, 1987.

_____. **São Paulo: três cidades em um século** São Paulo: Cosac &Naify, 2004.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

_____. **Patrícios:** sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Sírios e Libaneses:** narrativa de história e cultura. São Paulo: CEN, 2005.

APÊNDICE A –

Cronologia de RIZKALLAH JORGE TAHAN

1867- Nasceu no dia 14 de maio em Aleppo. Sua mãe faleceu enquanto tinha oito meses, sendo criado por sua avó.

1868- Seu pai se muda de Aleppo para Homs, tanto por ocasião do falecimento de sua esposa, quanto pelo fator profissional. Seu pai que trabalhava na fundição de cobre decidiu se mudar para fugir da forte concorrência, uma vez que a profissão é muito comum em Aleppo.

1882- Após se casar novamente seu pai leva Rizkallah Jorge, agora com cinco anos para morar consigo em Aleppo, tirando-o dos cuidados de sua avó. Com esta convivência este aprendeu a profissão da fundição de cobre.

1895- Em 14 de Março se casa com Zakie, filha de Mardo Naccache, um parente seu.

1895- A situação financeira devido ao casamento se torna ruim e as notícias sobre o enriquecimento na América fazem com que Rizkallah decida emigrar sem avisar nenhum de seus familiares com apenas seis meses de casado.

1895- Rizkallah toma um vapor até Trípoli e um vapor francês com direção ao Brasil. Desembarcando no Porto de Santos e seguindo viagem com seus companheiros a Cidade de São Paulo.

1898- Fundou em São Paulo uma Fábrica de Cobre, a Casa da Boia.

- Sua esposa migra ao Brasil.

1908- Recebe o prêmio pelas peças da Casa da Boia na Comemoração do 1º Centenário da Abertura dos Portos.

1910-1940- Era proprietário da Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma oficina de concertos mecânicos.

1911- Retornaram a Aleppo para uma viagem. Nesta viagem Rizkallah doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires e a verba para a construção de uma torre.

- Recebe o prêmio da Feira de Torino.

1916- Doou ao prefeito de Aleppo, Bei Gháleb Katraghássi 2500 francos, para que este doasse comida à população da cidade, que estava sofrendo com a Primeira Grande Guerra.

- Importa cargas de tabaco.

1917- Contribuí para a fundação do Clube Sírio Libanês.

1919- Se muda com sua família para sua Casa na Avenida Paulista.

1920-1930- Sua solidariedade aos imigrantes que fugiram dos massacres foi bastante importante para a comunidade muitos se hospedaram em sua casa enquanto não tinham condições de

sobreviver na cidade. Michel Nercessian conta que ao chegarem a São Paulo Rizkallah abrigava aos patrícios num casarão de três andares que possuía na esquina da Rua Anhangabaú com a Barão de Duprat¹¹⁸.

- Atuava no ramo imobiliário alugando imóveis na cidade de São Paulo.

1921- Retornaram a Aleppo, quando foi realizado o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos, posteriormente tendo cinco filhos.

- Ajuda a coletividade síria na construção do Hospital Sírio, recebendo uma ala do hospital seu nome.

1925-1930- Constrói os Palacetes São Jorge e Paraíso.

1927- Seu filho Nagib se casou com Olga, filha de Taufik Casmie, posteriormente tendo dois filhos.

1928- É construído o Palacete Aleppo segundo inscrição da fachada.

- Faz uma película mostrando a Casa da Boia, sua família e suas obras, tais como o Palacete São Jorge.
- Recebe o certificado de naturalização.

1932- Doa a campanha de Solidariedade Contra a Lepra os custos para a construção de um prédio destinado a obra comunitária.

- Doa também o dinheiro para a construção do prédio principal do Clube Sírio, que tem seu nome gravado na fachada.

1934- Doa a Associação “Al-Kálimah” mil libras otomanas.

- Recebe a medalha de mérito do Governo sírio.

1934- A Casa da Boia passa a ser dirigida por ele e seus três filhos.

1938- Doa o terreno e dinheiro para a construção da Catedral São Jorge.

1945- Doa ao Sanatório Sírio de Campos do Jordão, que possui um dos pavilhões com seu nome.

1949- Doa o terreno a nova sede da Igreja São Jorge, que havia sido desapropriada pela prefeitura. A inauguração é dia 3 abril.

1949- Falece no dia 14 de junho.

¹¹⁸ <http://www.cao.org.br/?rizkallahjorge.aspx>. Breve Lembrança de Rizkallah Jorge, um benemérito.

APÊNDICE B –**ENTREVISTA REALIZADA COM MARIO ROBERTO RIZKALLAH NO DIA
16 DE MARÇO DE 2012****Casa da Boia.****São Paulo / SP.****Entrevistadores: Renata Geraissati- RG****Dados do entrevistado:**

Mario Roberto Rizkallah

Nascido em 1951 na cidade de São Paulo

Neto de Rizkallah Jorge Tahan

MRR- Nós vamos ver o museu que eu fiz em 1998 quando a Casa da Boia fez cem anos. O museu tem bastante coisa que conta a história da Casa da Boia e a história da família no ramo do comércio, uma coisa bem interessante. E dentro desta pesquisa toda de material, nós encontramos um rolo de filme que mandei restaurar, era um filme que meu avô fez em 1928 quando a Casa da Boia fez trinta anos, ele contratou um argentino ou espanhol que filmou a fábrica funcionando, os funcionários, é muito interessante. Nós pegamos o filme demos uma limpada e montamos um pequeno documentário de nove minutos que conta a história da empresa até os dias atuais, algo institucional. Também dentro deste levantamento de material eu encontrei uma série de registros em árabe, eu como infelizmente não sei ler árabe, dei para o tradutor oficial da Câmara de Comércio Árabe. Era uma edição especial de uma revista da cidade de Aleppo que foi onde ele nasceu que fez uma homenagem a ele, pois, ele mesmo no Brasil ficou sabendo que uma entidade beneficente estava precisando de dinheiro lá, deu o dinheiro e eles fizeram a edição especial.

Então eu e meus primos fizemos uma versão em português, a versão original da revista “Al Kálimah” foi publicada em 1934. Aqui tem a história do meu avô é muito bem escrita, os diversos telegramas, os poetas que fizeram poesias em homenagem ao meu avô, tem toda a história. Tem uma parte “Quem é Rizkallah Jorge Tahan” contando toda sua história. Nós pegamos a revista pedimos para o senhor da Câmara traduzir, pegamos as fotos da revista e

cada membro da família ficou com duas cópias. Eu estou te emprestando, mas acho que vai ser muito bom para você porque tem bastante material. Aqui nesta foto está meu avô, minha avó, meu pai Salim que ainda era solteiro, Nagib Jorge, meus primos, alguns já falecidos.

RG- Você chegou a conhecer seu avô?

MRR- Não conheci meu avô, eu nasci em 51 e ele morreu em 49, mas conheço toda a obra dele, porque fui eu o membro da família que continuou com o negócio, então comecei a me interessar pelas coisas dele, então conheço tudo da vida dele.

RG- Seus pais lhe contavam sobre seu avô?

MRR- Sim, meu pai, ele foi o filho que casou por último, o primeiro se casou com 19 anos, o segundo com 21 anos e meu pai com 37 anos, então foi o que mais viveu com os pais. Depois ele se casou e eu me tornei o neto caçula de Rizkallah Jorge. Minha diferença para meus primos é muito grande, algo em torno de vinte anos. Meu pai era uma pessoa que usava seu avô como exemplo o tempo todo, está vendo ele está aqui nos olhando agora, então sempre tive o exemplo dele.

RG- E seu pai trabalhou na casa da Boia também?

MRR-Trabalhou.

RG- Porque Rizkallah veio ao Brasil?

MRR- Ele já trabalhava com cobre lá, porque o pai dele já trabalhava com cobre, e começou a ter uma crise lá e ele se mudou de Aleppo para Homs, no tempo que trabalhou lá conheceu umas pessoas e aí eles resolveram vir para o Brasil, todo mundo falava do Brasil e ele veio em 1895 com mais três amigos, os amigos eram todos comerciantes, foram ser mascates e ele preferiu ficar perto daquilo que ele conhecia, se empregou como faxineiro, ele não sabia falar português, se empregou numa firma da própria rua que pertencia a um português, e aí ele foi mostrando o que sabia fazer, aí virou funcionário, depois virou gerente, sócio e depois ele acabou comprando a empresa do patrão.

RG- E durante este período aonde ele se estabeleceu?

MRR- Isso é uma boa pergunta. Só sei que ele rapidamente em três anos ele comprou a Casa da Boia e em 1909 inaugurou isso aqui. Ele comprou este terreno, fez aqui a loja e a fábrica, e morava em cima onde hoje é o museu. Ele ficou aqui até 1928 que foi quando ele mudou para a Paulista, a Paulista aparece no filme que vou te mostrar.

RG- Você sabe se neste período ele passou pela Hospedaria dos Imigrantes? Se ele morou com algum outro patrício?

MRR- Olha, eu acho que ele deve ter tido uma casa própria, porque ele se casou deixou a mulher dele lá e depois mandou buscar a mulher, então possivelmente ele devia ter uma casa aqui.

RG- Como a Casa da Boia se tornou conhecida?

MRR- Você sabe a história da Boia certo, acho que como ele era um cara bem hábil, ele pegou este nicho do saneamento básico, começou a fazer boia. Produziu boias para São Paulo, Rio de Janeiro. Aqui foi instalado um dos primeiros motores elétricos que nós vamos ver lá no museu. O museu tem duas partes, a parte pesada fica aqui embaixo, que são as máquinas e lá tem um motor elétrico que tocava a fábrica.

RG- E sobre a formação de Rizkallah, ele era ou não alfabetizado?

MRR- Acho que ele sabia escrever em árabe e português ele foi aprendendo.

RG- Quais foram os investimentos de Rizkallah além da Casa da Boia?

MRR- Ele fez um prédio, que inclusive aparece no filme, não, são dois prédios na Carlos de Souza Nazaré, Palacete São Jorge e Paraíso, que ele construiu num estilo bem mouro, que inclusive existem ainda só que não são mais da família, o pessoal acabou vendendo. E ele alugava, e há casos até que ele cedeu lugares para os imigrantes principalmente armênios que chegavam na cidade e não tinham onde ficar. Apesar de ele ser nascido em Aleppo e a família dele ter morado muito tempo Aleppo, como Aleppo é muito perto da Armênia, a descendência dele é armênia, por isso que se explica porque ele doou para a Igreja Armênia, quando os armênios vinham para cá e não tinham onde ficar ficavam na casa de Rizkallah. Por isso que a colônia armênia é muito grata a ele, que alguns eventos que eu fui chamado pela Igreja Armênia quando souberam que eu era neto do Rizkallah o pessoal vinha e me cumprimentava me agradecia. É uma coisa muito bonita, muito emocionante. Lá na Igreja o Arcebispo toda hora me convida para as reuniões e eu sou visto como o descendente do Rizkallah, um herdeiro das benfeitorias dele.

Então ele fez essas duas casas, esse prédio aqui do lado, o 157, que era um prédio para moradias e depois virou um escritório, quando vamos lá vemos que nos banheiros tem banheiras, era para moradia. Fez a casa dele, construiu também umas casas e doou para os

filhos que já foram todas demolidas. Ele pegou uma época em que São Paulo estava crescendo e ganhou bastante dinheiro aqui e também investiu nas propriedades.

RG- Existe um prédio na Rua Rizkallah Jorge que virou cortiço e depois uma habitação popular, ele foi construído por Rizkallah ou por outro membro da família?

MRR- Não, o que acontece é que aquele prédio que chamam de Rizkallah Jorge é porque ele esta na Rua Rizkallah Jorge. Aquele prédio foi da Companhia Antártica Paulista, não tem nenhuma relação.

RG- Então seus investimentos se resumiram a Casa da Boia e a prédios?

MRR- Sim, ele construiu prédios para alugar. Lá no museu temos contratos de locação, ele tinha uma cabeça muito para frente de seu tempo, então os contratos de locação tem espaços em brancos que você preenche com o nome do locatário, o valor do aluguel e no verso o regulamento interno do prédio.

RG- Existem mais organizações filantrópicas que ele estava envolvido?

MRR- O Hospital sírio-libanês, o pessoal da época os principais nomes estavam ligados à benemerência.

RG- Ele manteve contato com a família de Aleppo?

MRR- Não, eu estive em Aleppo em 2008 e achei um Tahan. Estive na casa dele, depois quando cheguei em São Paulo tentei falar com ele e não tive retorno, mas lá em Aleppo fomos em Igrejas que tinham o busto dele. Ele deve ter feito muita benemerência. Ele ainda é uma figura muito importante lá.

RG- Você tem algo mais relacionada à arquitetura e aos arquitetos de suas edificações?

MRR- O que eu tenho são documentos da Casa da Boia, uma planta que esta no museu. Nós achamos a chave que foi feita por um capô de obras italiano. Devem ter mais coisas só que não achei.

RG- Certo Mário, muito obrigada pelas informações.

MRR- Vamos passear um pouco pelo museu da Casa da Boia.

ANEXO A –

Acervo Pessoal Casa da Boia

Textual

Alvará

Alvará de Licença de Construção de Depósito na Rua Florêncio de Abreu.

Anotações

Anotações sobre a situação do Palacete Paraíso, 27/05/1938.

Cartas

Carta de Agradecimento a doação feita a Campanha de Solidariedade Contra a Lepra, 23/12/1932.

Carta de Agradecimento a Doação feita a “Frères e Souers de Guerre”

Carta de Agradecimento a Doação feita a Cruz Vermelha, 01/01/1919.

Carta de seu cunhado Mikhail Deir Marcos, 26/09/1916.

Carta do Consulado Geral Otomano, 14/08/1915.

Circular a clientes e fornecedores da Casa da Boia notificando a mudança de razão social, 16/05/1944.

Circular de falência de Abrão Jorge Irmão e Cia, 22/04/1915.

Circular de falência de José Lutaif, 24/11/1926.

Carta sobre compra de moeda estrangeira, 23/02/1923.

Carta de Anis Brada solicitando aumento de prazo para pagamento de dívida

Carta do Wilson, Sons & Co., tratando de cartuchos vazios comprados de Rizkallah. 30/01/1917.

Carta do “The Nacional City Bank of New York”, 11/02/1921.

Carteira de Identidade

Carteira de Identidade, 13/05/1941.

Cartões de Visita

Cartões da Casa da Boia

Cartão de Arquiteto W. Fillinger

Cartão de Escritório de Registro de Estrangeiros

Certidões

Certidão de Naturalização de Rizkallah Jorge, 1928.

Conta

Conta de Aluguel SallimTaufic com Rizkallah Jorge.

Contrato

Contrato de Prestação de serviço da Companhia Light

Contrato de Fornecimento de Agua, 25/02/1938.

Contrato de Serviço de Importação de Carga 05/05/1915

Contrato de prestação de serviços do Engenheiro Plácido Dall'Acqua

Contrato empregatício, 27/08/1912

Contrato de Sociedade Mercantil, 01/06/1913.

Contratos de Locação

Contrato de Locação de imóvel no Anhangabaú, 829, 21/05/1938.

Contrato de Locação de imóvel no Anhangabaú, 829, 28/02/1940.

Contrato de Locação a Gabriel Chasi, 24/07/1914.

Contrato de Locação a Rachid Flaifel, 22/04/1920.

Contrato de Locação a João Ferro.

Contrato de Locação a Angelina Khoury, 01/01/1931.

Contrato de Locação a Nunes e Cury, 21/02/1918

Convites

Convite de Inauguração da Igreja São Jorge, 15/03/1945.

Escritura

Escritura de compra e venda de Felipe Dib Jabur, rua Senador Queiróz, eng. Plácido Dall'Acqua 17/11/1936.

Escritura assinada por Roberto Zanetti concedendo o prazo de mais três anos para pagamento de escritura

Escritura de quitação de dívida com Nagib Choufih

Escritura de Arrendamento de Calil Zaccur, 17/01/1924

Escritura de Compra de terreno em Planaltina- Goiás. 20/10/1926.

Ficha de Clientes

Ficha de Jorge Rafael

Ficha de Adolfo Muller

Folheto

Folheto entregue em seu velório, 14/06/1949.

Livros Fiscais

Notas Fiscais

Nota Fiscal de Serviços encomendados do Escritório Fiscal H. de Campos

Nota Fiscal de imposto sobre produto estrangeiro

Projetos

Memorial de Construção, 1913.

Protestos

Prospecto

Prospecto da Campanha de Solidariedade na Defesa da Raça

Publicação

Publicação da revista “Commercio&Industria” noticiando mudança de razão social

Publicação que faz homenagem a Rizkallah em idioma árabe

Livro “El Kalimáh”

Receita Médica

Recibos

Recibo do “The Nacional City Bank of New York”, 04/1924.

Recibo do “Banque ItaloBelge”, 16/05/1922.

Recibo do “The British Bank of South America”,

Recibo do “London e River Plate Bank”, 19/04/1922.

Recibo do “The Royal Bank of Canada”, 10/03/1904.

Recibo de Roberto Zanetti referente aos juros do mês de setembro.

Recibo de (...) Jorge referente a dois balcões e portas para a rua 25 de Março, 281.

Recibo da Sociedade de Beneficência Armênia, 31/03/1917.

Recibo de Pagamento da Conta de Gás do imóvel na Rua Florêncio de Abreu

Recibo de H. de Campos

Recibo de Fiocchi e C.

Recibo de Costa e Muniz- Armazém de Couros

Recibos Assinados por Rizkallah Jorge

Recibo de Pagamento do Imposto de Renda

Recibo de pagamento de taxa de expedição do Docas de Santos

Recibo da Prefeitura de taxas de construção

Recibo de Despacho do Porto de Santos. 07/10/1922.

Recibo de Colaboração na Homenagem aos Sírios na Comemoração do Centenário da Independência. 13/03/1921.

Recortes de Jornal

Notícia sobre a inauguração da Igreja São Jorge

Publicidade sobre a Casa da Boia, 05/01/1939.

Noticia falando sobre Rizkallah

Noticia relatando a chegada de carga de tabaco, 1915.

Iconográfico

Fotos

Fotos de Família

Fotos de Prédios não Identificados

Plantas

Plantas e projetos da Casa da Boia, 1913.

Tridimensional

Caixa Registradora

Moldes de Boia

Objetos Publicitários

Estampilha

Balança

Coadores de Metal

Máquina de Escrever

Produtos da Casa da Boia

Certificado da Exposição Internacional de Torino, 1911.

Certificado da Exposição Nacional do 1º Centenário de Abertura dos Portos, 1908.

Selos

Audiovisual

Película de 1928.

ANEXO B –

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL
FOLHA DA MANHÃ E FOLHA DA NOITE**

| DATA | ASSUNTO TRATADO |
|-----------------------|---|
| 03 de janeiro de 1931 | Trata de processo movido contra Rizkallah Jorge. |
| 21 de julho de 1931 | Trata da doação efetuada por Rizkallah Jorge à Cruz Vermelha. |
| 20 de março de 1937 | Trata do lançamento da pedra fundamental da Igreja São Jorge. |
| 12 de abril de 1938 | Trata da inauguração da Igreja São Jorge doação de Rizkallah Jorge. |
| 15 de junho de 1949 | Obituário |
| 19 de junho de 1949 | Convite para a missa de sétimo dia. |
| 21 de junho de 1949 | Convite para a missa de sétimo dia. |
| 14 de junho de 1949 | Convite para o sepultamento. |

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL
FOLHA DE SÃO PAULO QUE MENÇIONAM AS EDIFICAÇÕES DE RIZKALLAH**

| DATA | TÍTULO DA MATÉRIA | ASSUNTO TRATADO | AUTOR DA MATÉRIA |
|-------------------|--------------------------|------------------------|-------------------------|
| 14 de fev.de 1986 | Memória Paulistana | Palacete Paraíso | Ernani Bruno |
| 18 de fev.de 1986 | Memória Paulistana | Palacete Aleppo | Ernani Bruno |
| 19 de fev.de 1986 | Memória Paulistana | Casa da Boia | Ernani Bruno |

| | | | |
|-------------------|--------------------|--------------------|--------------|
| 21 de fev.de 1986 | Memória Paulistana | Palacete São Jorge | Ernani Bruno |
|-------------------|--------------------|--------------------|--------------|

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL
ESTADO DE SÃO PAULO**

| DATA | ASSUNTO TRATADO |
|------------------------|--|
| 20 de março de 1915 | Anunciando a chegada da carga de fumo por ele encomendada. |
| 28 de setembro de 1905 | Noticiando um acidente de trabalho ocorrido na Casa da Boia. |
| 25 de dezembro de 1942 | Contando sobre uma doação ao orfanato São Jorge. |
| 04 de setembro de 1910 | Relatando sobre um pagamento. |
| 04 de setembro de 1910 | Relatando sobre um pagamento. |
| 09 de setembro de 1910 | Relatando sobre um pagamento. |
| 19 de junho de 1949 | Convite para a missa de sétimo dia. |
| 21 de junho de 1949 | Convite para a missa de sétimo dia. |
| 21 de julho de 1949 | Convite para a missa de quadragésimo dia. |
| 22 de julho de 1949 | Convite para a missa de quadragésimo dia. |
| 11 de junho de 1977 | Tratando de sua importância para a imigração e a importância de suas construções tais como a Casa da Boia. |
| 18 de julho de 1985 | Tratando de sua importância para a imigração e a importância de suas construções tais como a Casa da Boia. |

ANEXO C –

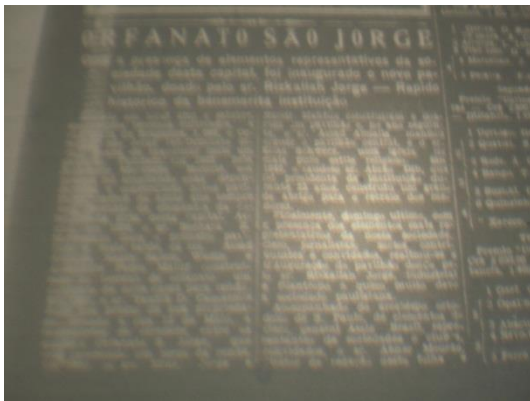
Jornal Estado de São Paulo



04 de setembro de 1910



20 de março de 1915



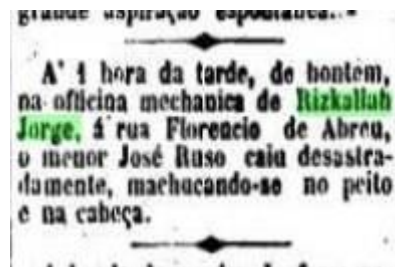
25 de dezembro de 1942



19 de junho de 1949



21 de julho de 1949



28 de setembro de 1915



04 de setembro de 1910



06 de setembro de 1910

Jornais Folha de São Paulo – Coluna Memória Paulistana escrita por Ernani Bruno



ANTIGA NOVIDADE

Construído em 1928, em plena época de expansão industrial, o **Palácio São Jorge** (rua Carlos de Souza Nazaré, nº 326 a 330, zona central de São Paulo) foi um dos primeiros prédios de apartamentos da cidade e constituiu grande novidade de residência para a classe média. Seu projeto é do arquiteto autodidata sírio Rikallah Jorge, inspirado em edifícios semelhantes construídos no final do século nos Estados Unidos. Atualmente em bom estado de conservação, o imóvel teve duas altera-

ções recentes: a troca dos elevadores originais por maquinário moderno e a vedação, com tijolos e cimento, das janelas dos corredores e escadarias internas—esta última medida, para atender a normas de segurança da Prefeitura. Com cinquenta apartamentos, o prédio está ocupado por estabelecimentos comerciais no andar térreo, estúdios no primeiro andar e residências nos quartos e outros. O **Palácio São Jorge** está protegido pelo município através da Lei do Zoneamento.

Publicada no dia 21 de fevereiro de 1986

Memória paulistana

A seção "Memória paulistana" tem por objetivo mostrar os imóveis históricos de São Paulo tombados, em processo de tombamento ou protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento—e o seu estado de conservação.



ALTERADO

Com o andar térreo completamente alterado e a fachada externa passando de limpeza e restauração, o **Palácio Azeite** (rua Carlos de Souza Nazaré, 321 a 325, zona central de São Paulo) é um dos diversos edifícios da região protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento de 1973. Planejado para servir aos comerciantes do andar térreo e a residências nos outros quatro pavimentos, o prédio foi usado por um tempo através dos andares por depósitos de mercaderia e a demolição de parede interna e outras modificações de seus dois sets apartamentos apenas um andar serve como residência. Seu elevador "cigano" foi trocado por um moderno inaugurado em 1982. O **Palácio Azeite** recebeu o nome em homenagem a um dos filhos do arquiteto sírio Rikallah Jorge.

Publicada no dia 18 de fevereiro de 1986

Publicada no dia 14 de fevereiro de 1986

Memória paulistana

A seção "Memória paulistana" tem por objetivo mostrar os imóveis históricos de São Paulo tombados, em processo de tombamento ou protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento—e o seu estado de conservação.



PRESERVADA

O prédio da tradicional **Casa da Bina** (foto), uma loja de equipamento hidráulico à rua Florêncio de Abreu, 119, no centro de São Paulo, está em razoável estado de conservação. Sua fachada externa, cuja decoração eclética desperta grande interesse documental, está preservada, mas precisa de limpeza e pintura, além de um pequeno trabalho de restauro—há algumas quinas quebradas, com pontos de tijolos descobertos. No andar térreo, foram colocadas divisórias removíveis para atender as necessidades da loja. O andar superior, que durante décadas serviu como residência, foi transformado em administração. Parte do ferro de teto foi modificada. A **Casa da Bina** foi fundada em 1898 pelo artesão sírio Rikallah Jorge (1865-1949). Arquiteto autodidata, construiu o prédio próprio em 1909, auxiliado por mestres de obras italianos. Dois netos do fundador mantêm o estabelecimento em atividade. O imóvel está protegido pelo município através da Lei do Zoneamento de 1973.

Memória paulistana

A seção "Memória paulistana" tem por objetivo mostrar os imóveis históricos de São Paulo tombados, em processo de tombamento ou protegidos pelo município através da Lei do Zoneamento—e o seu estado de conservação.



DA EXPANSÃO INDUSTRIAL

Em razoável estado de conservação e mantendo inalteradas suas características e equipamentos originais, o **Palácio Paraíso** (foto acima à eq.), à rua Carlos de Souza Nazaré, 387 a 317 (zona central de São Paulo), é um dos diversos edifícios residenciais da primeira metade do século que são protegidos de demolição pela Lei do Zoneamento de 1973. O **palácio** foi construído no final dos anos vinte pelo arquiteto Rikallah Jorge, em estilo eclético com características que o marcam como exemplar da expansão industrial. Seus seis andares são ocupados por residências (vinte apartamentos) e no térreo há lojas. O detalhe mais curioso do **palácio** é a decoração do saguão de entrada: um nicho com as estátuas de Adão e Eva (foto acima à dir.) e um vitral colorido formam a cena intitulada "O Primeiro Pecado".

Reportagens Jornal Folha de São Paulo

FORUM CIVEL

AUDIENCIA DADA pelo m. juiz de direito da 6.a vara, dr. Adriano de Oliveira. Antonio José propoz contra Caetano Sarne, uma acção de despejo, sendo assignado no réo o prazo da lei. Floriano Costa, propoz contra a Radio Educadora Paulista, uma acção ordinaria, havendo assignado, sob pena de lançamento o prazo para defesa. O dr. Alexandre Marcondes, propoz contra a S. Paulo Alparagatas S/A, uma acção ordinaria, havendo assignado o prazo para contestação. Foi publicada e intimada em audiencia a sentença que julgou procedente a acção que A. Von Berkel Ltda., move contra a massa falida de Benedicto Duarte. Proposta contra Augusto Leovergilde Serre, uma acção executiva pelo dr. Guilherme Eiras, ficando assignado o prazo para defesa.

No executivo hypothecario que Silas Gomes dos Santos e sua mulher movem a Justino Barros Ribeiro, foi aberta a dilação probatoria. Aberta a dilação probatoria na acção summaria entre partes: Joaquim Lourenço, Biagiô Filandi e Luiz Paschoal e Cia. DISTRIBUIÇÃO DE FEITOS (11-o officio) Protesto — H. Vert e Ritzel — Henrique Bianco. 3-o officio) Despejo — Henrique Ongari — Francisco Chiavenini. Consignação — Hugo Donefeld e Cia. — Dr. Aguiar de Andrade. (2-o officio) Verificação — Inventariante do espólio de Paulo Heyden e outro.

Dra. P. C. RODRIGUES SETTE OCTAVIANO VIEIRA HAMILTON PINHEIRO DA CUNHA Advogados Praça da Sé, 3 - 3-o and. — S. 6 Telep.: 2-2070

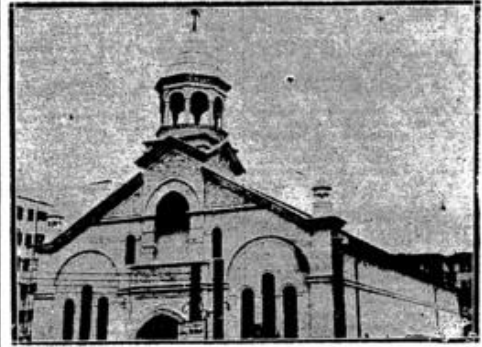
Acordam em julgar improcedente a carta visto que se trata de um "arresto", com fundamento legal, por estar o testemunhante desviando bens dados em penhor. A decisão do Tribunal de Justiça que manteve a medida assecutoria do direito do credor e preliminar á acção principal, não constituiu sentença em ultima instancia, que ponha termo a causa e justifique o recurso extraordinario, nos termos do art. 59, paragraho 1-o, letra "a" da Constituição Federal. Custas pelo testemunhante. H. do Espirito Santo, presidente — Alfredo Pinto, relator — Viveiros de Castro. — G. Natal. — Pedro dos Santos. — Muniz Barreto. — André Cavalcanti. — E. Lina. — Hermenegildo de Barros. — Leonil Ramos. — Germiniano da França. — Godofredo Cunha.

DESPACHOS E DECISÕES Pelo juiz de direito da 2.a vara da provedoria, dr. Francisco Meirelles dos Santos, foram mandados registrar e cumprir os seguintes estamentos: Maria do Carmo Ribeiro (cerrado) e Nils Helgesen. O dr. Mario Guimarães, juiz de direito da 1.a vara cível, julgou procedente a acção executiva, que o dr. Ezebio de Queiroz Mattoso, move contra Ruskallah Jorge. O dr. Renato Toledo e Silva, juiz de direito da 1.a vara de orphãos, ausentes e da provedoria mandou cumprir e registrar o testamento de Coli Salvador. O dr. Francisco Meirelles dos Santos, juiz da 2.a vara de casamentos, julgou procedente a acção de despejo proposta por d. Vasilisa Venglerchi contra seu marido Alexis Venglerchi.

03 de janeiro de 1931

INAUGURADA A IGREJA APOSTOLICA ARMENIA

A solennidade realizada domingo ultimo, com que foi o novo templo entregue á colonia



O novo templo inaugurado ante-hontem

Ha justamente um anno, num domingo de Ramos, effectou-se a cerimonia do lançamento da pedra fundamental da Igreja Apostolica Armenia, á rua Senador Queiroz, n.º 35, nesta Capital. Foram então lançadas nos alicerces 16 pedras em lugares diferentes, representando 16 discipulos e apóstolos de Jesus Christo, cujas virtudes e ensinamentos são a base e a garantia da Igreja Christã, ha mais de dois mil annos.

Foi um acto de fé e de crengença. A colonia armenia, com aquella apego ás suas tradições religiosas — como todos os filhos do Oriente — sentiu-se satisfeita por ver seus anseios e aspirações em vias de execução. A historia da Igreja S. Jorge, ante-hontem inaugurada, é de um so-

lho dorado que se foi formando nas almas, nos espiritos e nos corações dos armenios. Um ideal que amadureceu gradualmente, e no momento mais propicio se concretizou, com o apello que a colonia armenia dirigiu ao casal Ruskallah Jorge e Zaki Jorge.

AS SOLENNIDADES DA INAUGURAÇÃO

A Igreja Apostolica Armenia foi inaugurada ás dez horas. O casal Ruskallah Jorge, dando inicio ao acto, cortou a fita symbolica, abriundo as portas do Templo. Logo a seguir, entrando todos os fieis e convidados no recinto, ouviram-se cantos religiosos, e o padre Gabriel Samuelian deu benção á Igreja, preferido após a cerimonia, uma oração. Na cerimonia civil, ás 11.30, o sr. Jorge Ruskallah, em nome de seus paes, sr. Ruskallah e sra. Zaki Jorge, entregou á colonia armenia, o Templo.

Uma nome da Commissão Directora da Igreja e da Colonia, fez uso da palavra o sr. André Jafferian.

Outros oradores se fizeram ouvir entre outros qtuos os srrs. Kallamkerian, Osmik Tarakjian e Yearvan Mektarian.

12 de abril de 1938

Lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Jorge

20 de março de 1937

Está marcada para amanhã, domingo de Ramos, ás 10 horas e meia, a cerimonia do lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Jorge, que o sr. Ruskallah Jorge e senhora vão construir nesta Capital para a Colonia Armenia do Brasil.

O novo templo será erigido na rua Senador Queiroz, n.º 35.

Para o acto, o revmo. padre Gabriel Samuelian, da Igreja Apostolica Armenia, dirigiu um convite aos representantes da imprensa paulistana e pessoas gradas.

21 de julho de 1932

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA DE SÃO PAULO

O movimento de hontem — Os serviços de costura no Posto São Paulo — Continuam a afluir os doativos em dinheiro e artigos diversos

O dr. José Torres de Oliveira, Presidente do Instituto Histórico e Geographico do São Paulo, fez a doação de um edificio social destinada a Cruz Vermelha Brasileira. A Commissão de Beneficência da Cruz Vermelha Brasileira, em nome do sr. Ruskallah Jorge, agradece a doação e em sua reunião, em 12 de abril, decidiu para auxiliar os serviços da Cruz Vermelha Brasileira, ainda hontem estava a sido despendida instituição e o sr. Ruskallah Jorge, em nome do sr. Ruskallah Jorge e senhora, vão construir nesta Capital para a Colonia Armenia do Brasil.

Mobilização esportiva. Preparação para o torneio de futebol, Esportivo, de 15 horas a noite. Para o torneio desta noite é importante o acompanhamento de todos os atletas que são reservados, para o torneio da Mobilização Esportiva.

Plástico de sobrevivência — Foi suprido o material de sobrevivência para os sobreviventes da Colonia Armenia do Brasil, em São Paulo, para o sr. Ruskallah Jorge e senhora, vão construir nesta Capital para a Colonia Armenia do Brasil.

SECRETARIA
Seção Judiciária.
Autos entrados em 17:

Aggravos
Capital — Brasitil S. A. e Caixa de Lij. de São Paulo.
Capital — Cia. Antarcitica Paulista e Manoel Costa e s. m.
Capital — Cosario Gabriel Cury e Antonio Klappes.
Capital — A Fazenda do Estado e Cia. Luz e Força de S. C. do Rio Pardo.
— Ap. cível — Itatiba — Lavínia Alves Cintra e Jacintho Osorio de Lacio e Silva e outros.
Nos autos em que o bacharel Tancredio Vieira Junior pede licença para advogar no Estado, sem o registro do seu diploma no Tribunal de Justiça, o sr. ministro Presidente proferiu o seguinte despacho: "Não pôde ser deferido o pedido."
Ordem do dia para os julgamentos da Sessão de Segunda Câmara, em 20 do corrente adiados: relator, sr. ministro Achilles Ribeiro:
Aggravado 17849 — Aracatuba — agtes. Max Lirih e agda. mulher e Francisca de Geremias Lunardelli e Francisco da Cunha Bueno e outros.
Relator, sr. ministro Julio de Faria:
Embargos:
19096 Jacarehy, embte. Victor Eugenio Keeserberg e embdos. Joaquim Rodrigues Rosa e sua mulher.
Sobra da ordem do dia passada:
Aggravos
Relator, sr. ministro Urbano Marcondes:
17474 — Piratininga — agte. dr. José Llaboa Junior e agda. espólio de José Bernardo de Oliveira.
17482 — Pennapolis — agte. Carolina Gajardoni e agdo. Germano Zampiori.
17485 — Pennapolis — agte. Luiz Guerrero Amador e agdos. Essencio Rodrigues Sardo e outros.
17488 — Santos — agte. Augusto João Costa e agda. Sociedade Anonima Francisco Botti.
Appellação: relator, sr. ministro Achilles Ribeiro:
14918 — S. Manoel — aptes. Beltraminio e Cia. e agdo. Miguel Paschoal. Feitos novos.
Carta testemunhavel: relator, sr. ministro Achilles Ribeiro:
729 — Piratininga — suplte. José Valentim Pavaro e supdo. João Pavam.
Aggravos: relator, sr. ministro Achilles Ribeiro:
17406 — Barretos — agte. Carlos V. de Sampaio Luz e agdos. Antonio José Sand e outros.
17463 — Capital — agtes. G. R. Eberill e Cia. e agdo. Carlos Duprat. Manoel...

10774 — Mogy das Cruzes — embte Saturnino Pereira e sua mulher e embdo. dr. Deodato Werthelmer. 12780 — Capital — embte. José Ungarelli e embda. Benta Scudoro Ungarelli.
— Ordem do dia para os julgamentos da Sessão de Quinta Câmara, em 20 do corrente:
Adiados: appellação — 18680 — Capital — Relator, sr. ministro Affonso de Carvalho — apto. Carmelinda Montagna e apdo. dr. Manoel Viotti. Sobra da ordem do dia atrazada:
Aggravado 17009 — Capital — relator, sr. ministro Manoel Carlos — agtes. Viuva e herdeiros de Benedicto Callunga Góes e agdos. Raphael Lombardo sua mulher e outros.
Sobra da ordem do dia passada:
Appellações: relator, sr. ministro Affonso de Carvalho:
14123 — Santos — apte. Antonio Serra Campos e apdo. Rito de Janeiro e São Paulo Telephone Company.
16620 — Araraquara — apte. Justino Teixeira de Carvalho e apdo. Francisco Grecco.
17217 — Capital — apte. Santini Spadini e apdos. Pedro Conforto e Cia.
17896 — Santos — apte. o juiz ex-officio e apdo. Cia. de Navegação Fluvial Sul Paulista.
17898 — Campinas — apte. Antonio Cleto de Lima e apdo. Espólio de Jacintho Maria de Oliveira.
18143 — Santos — Appellante, João Leopoldino Pereira e appellados, José de Barros Saravia e a Fazenda do Estado.
18163 — Pennapolis — Appellantes, José Estrada e Anna Gregorio e appellados os mesmos.
18185 — Capital — Appellantes e appellados Alberto Guimarães, sua mulher e outros e Elisa Paiva Lopes.
Embargos:
Relator sr. ministro Affonso de Carvalho:
2918 — Capital — Embargante, Banque Francês du Brazil e embdos. bargados os syndicos da massa fallida de Francis Strawn.
Feitos novos
Aggravos:
Relator sr. ministro Affonso de Carvalho:
17427 — Capital — Aggravante, Rizkallah Jorge e agravado dr. Eusebio de Queiroz Mattoso.
Relator sr. ministro Arthur Whitaker:
17442 — Capital — Aggravante, massa fallida de Carlos Crespi e agravado Affonso Crespi.

19 de março de 1931

NECROLOGIA

Nesta capital:

DR. LOURENÇO PAULA SOUSA TIBIRICÁ — Faleceu ontem, aos 77 anos, o dr. Lourenço Paula Sousa Tibiricá, deixando viúva a sra. Francisca Oliveira Saldanha Tibiricá e os seguintes filhos: Ana, Maria de Lourdes, Otaviano, João Batista, Francisco e Ferdinanda Paula Sousa Tibiricá. O feretro sairá hoje, às 10 horas, da rua Carlos Sampaio, 154, casa 4, para o cemitério São Paulo. A família pede não enviar flores nem cobertos.

SR. RUDEN RABUEN MARCOS — Faleceu ontem, aos 59 anos, o sr. Jorge Raduen Marcos, deixando viúva a sra. Sada Tumm Marcos e os seguintes filhos: Lúlia, Najla, Faride, Geni e Neil. O feretro sairá hoje, às 15 horas, da rua Loureiro Batista, 24, para o cemitério São Paulo.

SR. RIZKALLAH JORGE — Faleceu ontem, aos 82 anos, o sr. Rizkallah Jorge, deixando viúva a sra. Zakié Narcachi Rizkallah e os seguintes filhos: Jorges, casado com a sra. Marie Dermargos Rizkallah; Nagib, casado com a sra. Olga Camassio Rizkallah; e Salim, casado com a sra. Alice Abdou Rizkallah. Deixa ainda netos e bisnetos. O extinto, que era natural da cidade de Alepo, Síria, residia no Brasil há 54 anos. Era dotado de excepcionais qualidades de trabalho, honestidade, tenacidade e larga visão comercial e industrial. Foi um dos pioneiros da industria metalurgica em São Paulo, onde fundou o tradicional estabelecimento industrial, conhecido no Brasil inteiro, Casa da Bóia. Popular pela nobreza de seu coração e pelos atos de filantropia e beneficencia, tanto no Brasil como na sua terra natal, tendo sido por isso condecorado duas vezes pelo governo sírio, assim como pelo patriarca dos armenios, devido à construção, por sua expensa exclusiva, da Igreja de S. Joaze, recentemente inaugurada a Avenida Tiradentes, nesta capital. Seus atos de filantropia, em São Paulo, são inumeros: no Orfanato São

SRA. MARIA FERNANDES NETELO — Faleceu, em Santos, a sra. Maria Fernandes Sotelo Netelo, viúva do sr. Carmelo Fernandes Netelo. Deixa os seguintes filhos: Joaquin, casado com a sra. Xirza Lopes Fernandes; Célia, casada com o sr. Milton Gomes Afonso, casado com a sra. Joana da Silva Fernandes; Adão, casado com a sra. Benedita de M. Fernandes; Helena, casada com o sr. Alfredo Lohau; e Alberto Fernandes Sotelo, solteiro. Deixa netos filhos: Heitor, que foi casado com a sra. Marijlia Tavares Fernandes; e Manuel, que foi casado com a sra. Elvira de Sousa Tavares.

MENINO JOSÉ MARINALHO MIVES DA SILVA — Faleceu ontem, em Santos, o menino José Marinalho Alves da Silva, filho do sr. Salvador Alves da Silva e da sra. Elisa Pioqueto de Barros.

MENINA CONCEIÇÃO DOS SANTOS FORTES — Faleceu ontem, em São Vicente, a menina Conceição dos Santos Fortes, filha do sr. José Domingues Fortes e da sra. Zulmira dos Santos.

SRA. ANA AMELIA VITORINO — Faleceu em Campinas, nos 60 anos, a sra. Ana Amelia Vitorino, viúva do sr. Manuel Maranhão.

SR. SERAFIM PEREIRA GOU-LART — Faleceu em Campinas, aos 89 anos, o sr. Serafim Pereira Goulart, viúvo.

SRA. CATARINA BOZARI — Faleceu em Campinas, aos 66 anos, a sra. Catarina Bozari, deixando viúvo o sr. Jacomo Bozari.

SRA. MARIA DEL PASSO AGOSTINI — Faleceu em Campinas, aos 66 anos, a sra. Maria Del Passo Agostini, viúva do sr. João Agostini.

SRA. ANGELINA MEZZALANA LORENZINI — Faleceu em Campinas, aos 57 anos, a sra. Angelina Mezzalana Lorenzini, deixando viúvo o sr. Pedro Lorenzini.

SR. JOAQUIM SIMÕES — Faleceu em Campinas, nos 54 anos, o sr. Joaquim Simões, deixando viúva a sra. Eliseia Nestardi.

SRA. MARIA DA RESSURREIÇÃO QUERIDO — Faleceu em

Carlos Alberto Portal e Silva

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

ANA MARIA RODRIGUES DA SILVA

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

ELIYNER BUENO HESTAREZ WEISS

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

Maria Gerarda Bezerra de Azevedo Marques

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

ARACI VASCO

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

MARIA ANTONIA CELANI

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

MARIA ANTONIA CELANI

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

ISABEL MARQUES DA SILVA

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

SUPREMO FERRETI

RIZKALLAH JORGE

Os auxiliares do escritório da loja e da fabrica da firma RIZKALLAH JORGE & FILHOS (Casa da Boia), tem o profundo pesar de comunicar o falecimento de seu chefe e amigo RIZKALLAH JORGE, ocorrido hoje, terça-feira, às 17 horas, saindo o feretro da sua residencia à AV. PAULISTA, 2.371, para o cemiterio da Consolidação.

19 de junho de 1949

Federacaozinha

LANIFICIO NAVE S. A.

Ata do Assembleia Geral Ordinaria em 23 de abril de 1949

ADIAO DO TORNEIO-RELAMPAPO DO UNIDOS CLUBE

FEIATAS JOANINAS NOS CLUBES

CRONICAS

Chromatin Estella Pedross

ADIAO DO TORNEIO-RELAMPAPO DO UNIDOS CLUBE

FEIATAS JOANINAS NOS CLUBES

CRONICAS

Chromatin Estella Pedross

ADIAO DO TORNEIO-RELAMPAPO DO UNIDOS CLUBE

FEIATAS JOANINAS NOS CLUBES

CRONICAS

Chromatin Estella Pedross

14 de junho de 1949

15 de junho de 1949

ANEXO D-

Arquivo Pessoal

Textual – Administrativo



Cartão de Visitas destacando a Premiação de Turim em 1908.



Duplicata de Clientes da Casa da Boia



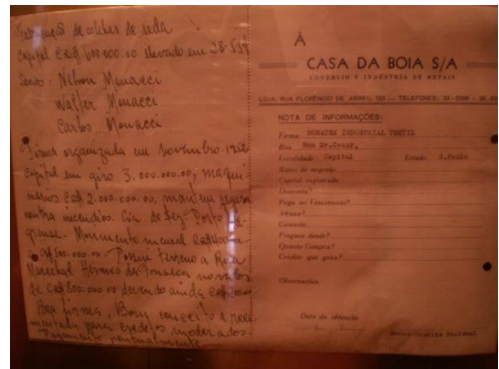
Duplicata do London & River Plate Bank Limited



Duplicata do Banco do Brasil



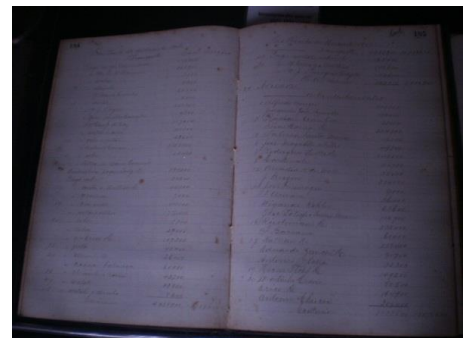
Duplicata do Banque Italo-Belge



Ficha com Informações de clientes da Casa da Boia

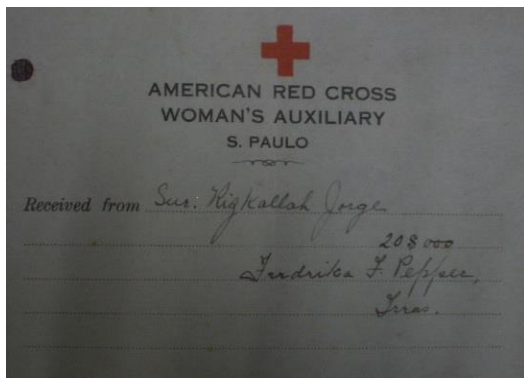


Nota Fiscal de clientes da Casa da Boia



Livro de Registro de Lançamentos da Casa da Boia

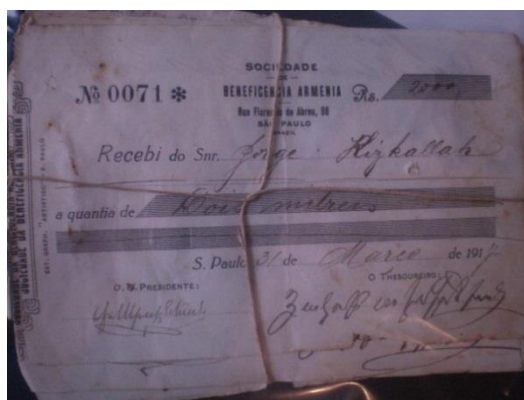
Textual – Pessoal



Recibo de Doação a Cruz Vermelha



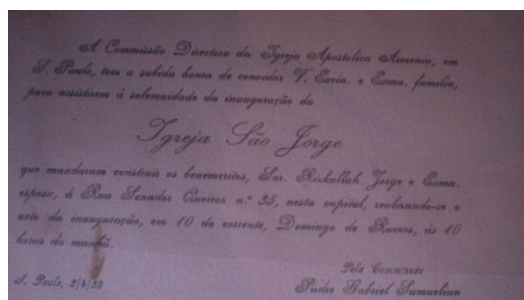
Folheto entregue em seu funeral



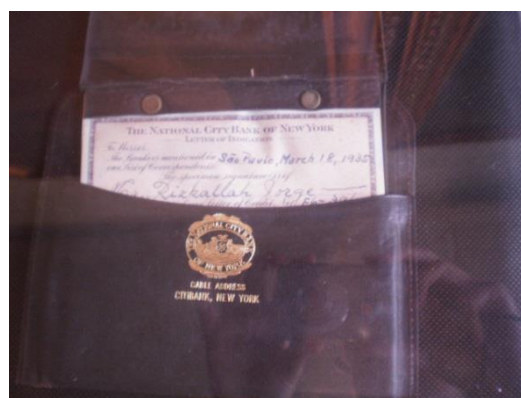
Recibo de Doações a Sociedade Beneficência Armênia



Cartão em agradecimento a uma doação



Convite para a inauguração da Igreja São Jorge construída pelo benemérito Rizkallah Jorge



Caderneta do The Nacional City

Iconográfico- Fotos



Óleo sobre tela retratando Rizkallah aos 41 anos



Foto

Iconográfico- Plantas



Tridimensional – Objetos



Caixa Registradora



Balança



Estampilhas



Prêmio recebido na Exposição da Indústria e do trabalho de Torino-



Vitral com Iniciais de Rizkallah Jorge



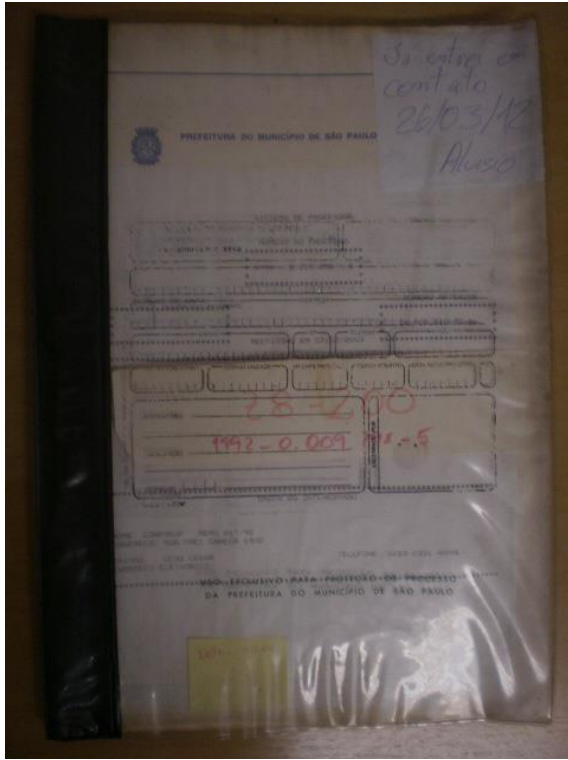
Prêmio recebido na Exposição do 1º Centenário da Abertura dos Portos-Brasil



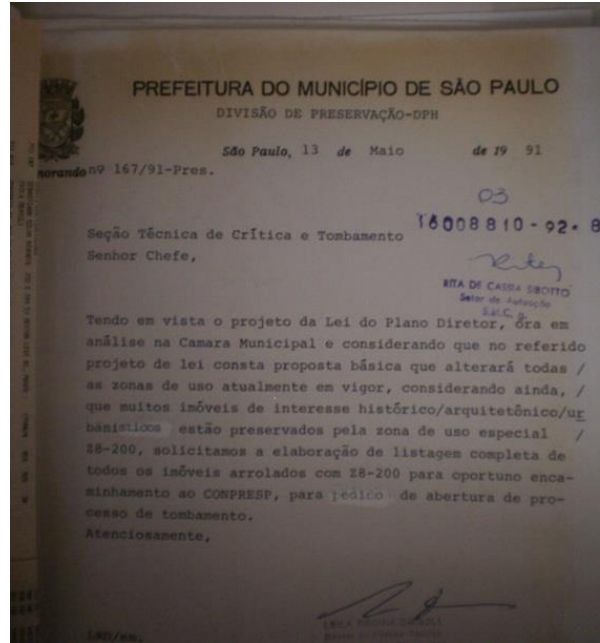
Decoração Casa da Boia

ANEXO E -

Departamento do Patrimônio Histórico



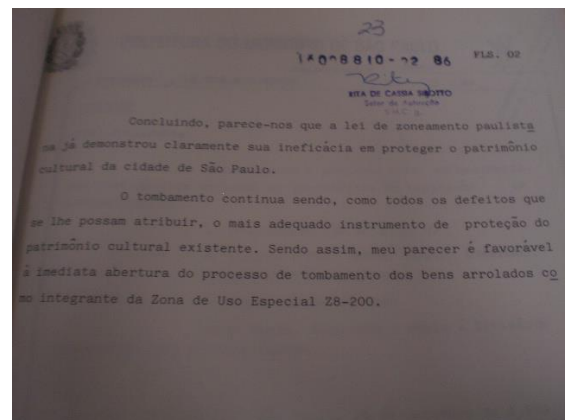
Capa do Processo de Tombamento da Zona Z8-200



Texto da abertura de Processo de Tombamento

| | | |
|-----|------------------------|--|
| 011 | CARLOS DE SOUZA NAZARE | 271,277 E 281, RUA - (PALACETE NICOLA) |
| 011 | CARLOS DE SOUZA NAZARE | 287 A 317, RUA - (PALACETE PARAISO) |
| 011 | CARLOS DE SOUZA NAZARE | 321,327 E 329, RUA |
| 011 | CARLOS DE SOUZA NAZARE | 256 A 320, RUA - (PALACETE SAO JORGE) |
| 001 | CARMO | 193, RUA DO |
| 001 | CARMO | 209 E 211, RUA DO |
| 001 | CARMO | 217, RUA DO |
| 001 | CARMO | 225, RUA DO |
| 001 | CARMO | 227 E 235, RUA DO |
| 001 | CARMO | 239, RUA DO |
| 028 | CARMO | 88, RUA DO C/ FLORES S/NO., R. DAS E SILVEIRA MARTINS S/NO., R. (ANTIGO GRUPO ESC. MISS BROWN) |
| 001 | CARMO | 105 E 112, RUA DO |
| 001 | CARMO | 109, RUA DO |
| 001 | CARMO | 114 E 122, RUA DO |
| 001 | CARMO | 124 E 128, RUA DO |
| 001 | CARMO | 130 E 136, RUA DO |
| 001 | CARMO | 138 E 142, RUA DO |
| 001 | CARMO | 146 E 150, RUA DO |
| 001 | CARMO | 152 E 156, RUA DO |
| 001 | CARMO | 160 E 164, RUA DO |
| 001 | CARMO | 166 E 170, RUA DO |

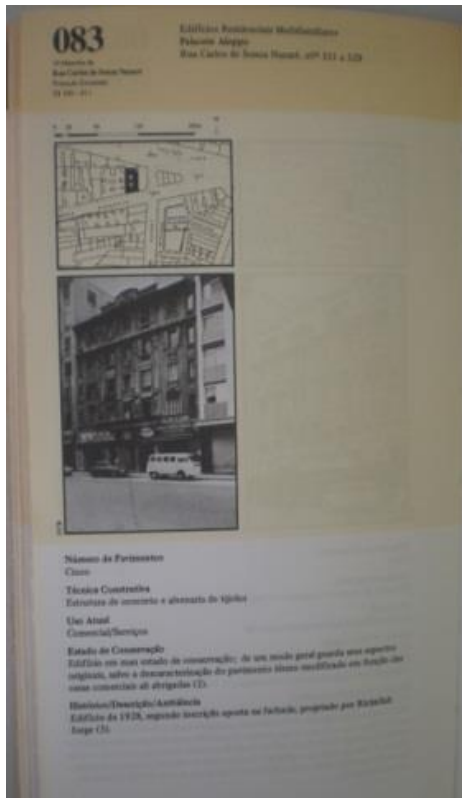
Lista dos Endereços Tombados



Parecer Favorável ao Tombamento

ANEXO F –

Catálogo de Tombamentos da Cidade de São Paulo do Arquivo Municipal do São Paulo



083- Palacete Aleppo- Rua Carlos de Souza Nazareth, 321 a 329.

Numero de Pavimentos: Cinco.

Técnica Construtiva: Estrutura de Concreto e Alvenaria de Tijolos.

Uso Atual: Comercial/Serviços

Estado de Conservação: Edifício em mal estado de Conservação; de um modo geral guarda seus aspectos originais, salvo a descaracterização do pavimento térreo modificada em função das casas comerciais ali abrigadas.

Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício de 1928 segundo inscrição aposta na fachada, projetado por Rizkallah Jorge.



084- Palacete São Jorge- Rua Carlos de Souza Nazaré, 256 a 320.

Numero de Pavimentos: Seis.

Técnica Construtiva: Estrutura de Concreto e Alvenaria de Tijolos.

Uso Atual: Comercial/Serviços.

Estado de Conservação: O edifício encontra-se em bom estado de conservação, mantendo seu aspecto original, somente tendo sofrido algumas alterações interiores para instalações elétricas e hidráulicas; os painéis dos estabelecimentos comerciais, ali instalados, prejudicam a fachada no pavimento térreo.

Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício denominado Palacete São Jorge, construído aproximadamente em 1928 por Rizkallah Jorge, cujo partido arquitetônico lembra muito habitações coletivas norte-americanas do final do século, que representa bem as soluções iniciais adotadas em São Paulo, referentes a edifícios de apartamentos que constituíam naquela época uma grande novidade.



085- Palacete Paraíso- Rua Carlos de Souza Nazareth, 287 a 317.

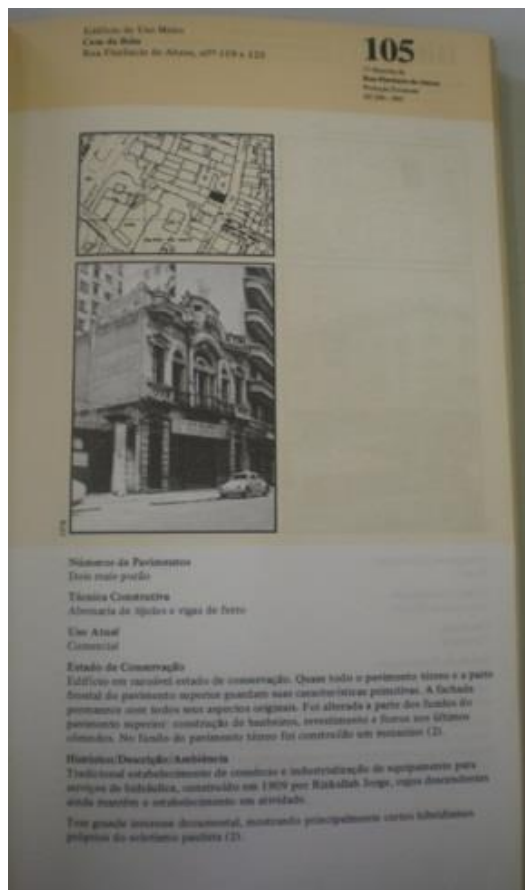
Numero de Pavimentos: Seis.

Técnica Construtiva: Estrutura de Concreto e Alvenaria de Tijolos.

Uso Atual: Residencial/Comercial.

Estado de Conservação: O edifício encontra-se em estado razoável de conservação, não tendo sofrido alterações em seu exterior, salvo modificações em seu pavimento térreo pelos vários tipos de comércio ali instalados.

Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício do final da década de vinte, construído por Rizkallah Jorge, representativo de uma arquitetura compromissada com o ecletismo anterior, mas já com características que a situam como produto da expansão industrial, quando se reviveram modelos anteriores recriados a partir de uma tecnologia nacional e do gosto de artesãos ou oficinas ligadas a construção civil, principalmente o Liceu de Artes e Ofícios.



105- Casa da Boia – Rua Florêncio de Abreu, 119 a 123.

Numero de Pavimentos: Dois mais porão.

Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos e viga de ferro.

Uso Atual: Comercial.

Estado de Conservação: Edifício em razoável nível de conservação. Quase todo o pavimento térreo e a parte frontal superior guardam suas características primitivas. A fachada permanece com todos seus aspectos originais. Foi alterada a parte dos fundos do pavimento superior: construção de banheiros, revestimento e forros nos últimos cômodos. No fundo do pavimento térreo foi construído um mezanino.

Histórico/Descrição/Ambiência: Tradicional estabelecimento de comércio e industrialização de equipamento para serviços de hidráulica, construído em 1909 por Rizkallah Jorge, cujos descendentes ainda mantêm o estabelecimento em atividade.

Tem grande interesse documental, mostrando principalmente certos híbridos próprios do ecletismo paulista.